

Gostaria de agradecer

À minha família, em especial ao César, pelo apoio incondicional;

Ao Professor Doutor José Quintão pela orientação e interesse neste trabalho;

Ao Professor Doutor Carlos Guimarães pela orientação na prova final de licenciamento, em 2002, ponto de partida para a investigação desta temática;

À Câmara Municipal da Póvoa de Varzim pela oportunidade de desenvolvimento de projectos extremamente desafiantes;

Ao Director do Departamento de Obras Municipais. Eng. Mendes Leal, ao Chefe da Divisão, Arq. Eurico Rebelo, e a toda a equipa da Divisão de Estudos e Projectos da C.M.P.V.;

Às pessoas que trabalham no Arquivo, Biblioteca e Museu da Póvoa de Varzim pela simpatia e boa vontade.

ABSTRACT

The research and discussion conducted in the final proof of licensing under the theme "**The importance of the sea front as public space – Analysis of the evolution of marginal of Povoia de Varzim**" was an important starting point for work on public space that I were assigned to develop when I joined the Division of Studies and Projects of the Municipality of Povoia de Varzim.

The theme of the thesis I propose to, focus on the continuity of research work carried out under the final proof of licensing, the passage from theoretical research done on the urban evolution of Povoia de Varzim, for the projectual component and intervention in two areas of the City to requalify.

One point that remains open since the final proof was the relationship between the marginal of Povoia de Varzim and an avenue perpendicular to that one - avenue Mousinho de Albuquerque. With 750m long and torn at the beginning of the twentieth century to link the sea front to the main Town Square - Largo das Dores.

Once I was assigned, by the autarchy, to study the redevelopment of the avenue Mousinho de Albuquerque and Largo das Dores and construction of an underground car park, was followed by an analysis of these areas, developing the overall concept of intervention, preparation of tender (in implementation and operation of the underground car park) and finally monitoring the implementation of the work.

Eight years after the research and analysis done on the urban development of the sea front of Povoia de Varzim, I propose, for the master's thesis, the widening of the intervention area to an adjacent zone, a remake of an issue now on different point of view, with the presentation of a project-level intervention. It will be an objective, the reflection on the common's/divergent's points to all plans and projects that have been developed, now, also, in terms of who has designed for these spaces.

RESUMO

A pesquisa e reflexão elaborada no âmbito da prova final de licenciatura subordinada ao tema **“A importância da frente de mar como espaço público - Análise da evolução da marginal da Póvoa de Varzim”** foi um importante ponto de partida para os trabalhos no espaço público que me foram atribuídos para desenvolver aquando do meu ingresso na Divisão de Estudos e Projectos da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

O tema da dissertação a que me proponho incide sobre a continuidade do temática do trabalho de investigação realizado no âmbito da prova final de licenciatura, a passagem da pesquisa teórica realizada, sobre a evolução urbanística da Póvoa de Varzim, para a componente projectual e intervenção em duas áreas da cidade a requalificar.

Um dos pontos que ficou em aberto ao terminar a prova final foi a relação existente entre a marginal da Póvoa de Varzim e uma avenida perpendicular a esta – A Avenida Mousinho de Albuquerque. Com 750m de extensão e rasgada no início do século XX para ligar a frente de mar ao principal largo da cidade – Largo das Dores.

Uma vez que me foi atribuído, pela autarquia, o estudo de requalificação da Avenida Mousinho de Albuquerque e Largo das Dores e construção de um parque de estacionamento subterrâneo seguiu-se uma análise destes espaços, a elaboração do conceito geral da intervenção, a preparação do concurso público (de execução e exploração do parque de estacionamento subterrâneo) e por fim o acompanhamento da execução da obra.

Oito anos após a pesquisa e análise elaborada sobre a evolução urbana da frente de mar da Póvoa de Varzim, proponho, para a Dissertação de Mestrado, o alargar da área de intervenção para uma zona adjacente, uma releitura do tema agora sobre um ponto de vista diferente, com a apresentação de uma intervenção a nível projectual. Será um objectivo, a reflexão sobre os pontos comuns/divergentes a todos os planos e projectos que foram elaborados, agora, também, do ponto de vista de quem projectou para estes espaços.

ÍNDICE

1-Introdução	3
. Objecto de Estudo	5
. Espaço Temporal em Análise	6
. Objectivos	8
. Metodologia	9
2- Evolução da Marginal - planos e projectos para o espaço público	11
. Finais do século XIX	13
. Primeiras três décadas do século XX	21
. Anos 40/50 do século XX	33
. Anos 60/70/80 do século XX	41
. Dos anos noventa, do século XX, até aos primeiros anos do século XXI	47
3- Evolução do Largo das Dores - planos e projectos para o espaço público	63
. Século XVIII	67
. Século XIX	69
. Primeiras três décadas do século XX	75
. Anos 40/50/60 do século XX	83
. Dos anos setenta, do século XX, até aos primeiros anos do século XXI	91
4- Evolução da Av. Mousinho de Albuquerque - planos e projectos para o espaço público	95
. Finais do século XIX e primeiras três décadas do século XX	97
. Dos anos trinta até finais dos anos sessenta - Século XX	111
. Dos anos setenta até aos primeiros anos do século XXI	113
5- Apresentação da intervenção - Arranjo Urbanístico da Av. Mousinho de Albuquerque e Largo das Dores e Construção de Parque de Estacionamento Subterrâneo	117
. Análise da Situação Existente em 2003	119
. Objectivos da Intervenção/Estudo Prévio	121
. Síntese do projecto de Requalificação	125
. Concretização da Obra - análise de um processo de 20 meses	129
6- Conclusão	133
7- Bibliografia	141



PARANIA

2

CASTELLO

PARANIA



1. INTRODUÇÃO



Esq. 1 - Planta de localização da área em estudo

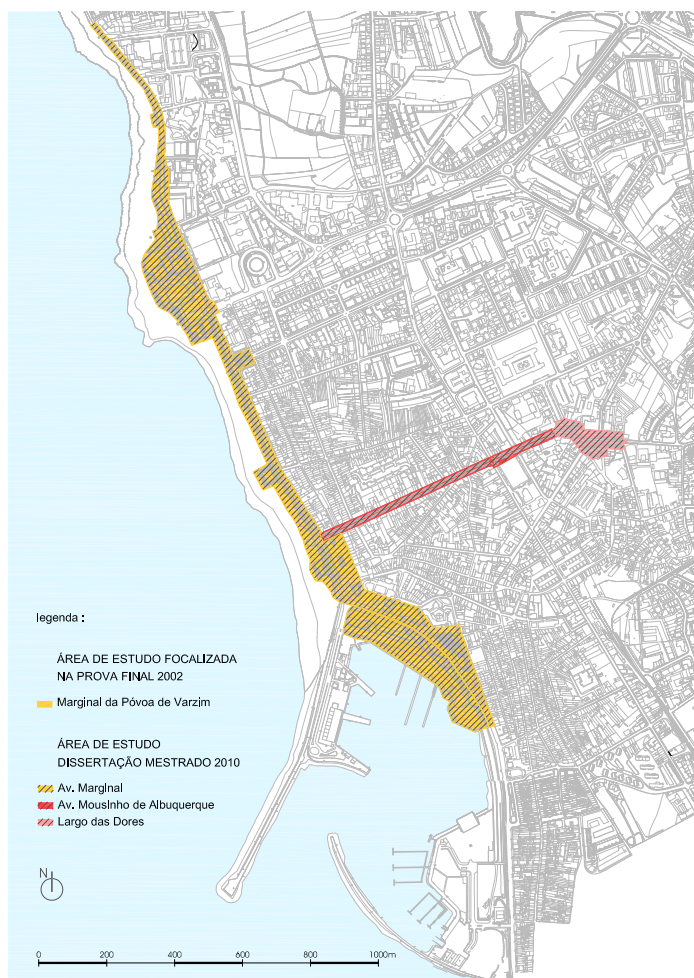
OBJECTO DE ESTUDO

A área objecto de estudo divide-se em três zonas fundamentais: a primeira é o limite entre a cidade e o mar, a segunda zona uma Avenida perpendicular à marginal e a terceira o Largo existente no extremo da Avenida.

A Frente de Mar, em estudo, inicia-se na fronteira (a norte) com Aver-o-Mar e a sul termina no limite do concelho, numa extensão de cerca de 3 km. Considerando a via que percorre a faixa costeira, como que um fio condutor, esta assume diferentes denominações, diferentes perfis e características.

A Avenida Mousinho de Albuquerque tem uma extensão de cerca de 750m, um perfil transversal tipo com uma largura de cerca de 22m e é uma via de singular importância na estrutura da cidade, ligando o Largo das Dores ao Mar.

O Largo das Dores é um espaço com carácter emblemático, quer pelo peso histórico quer pela centralidade. Delimitado por edifícios que são equipamentos de relevo, com funções estruturantes no âmbito da cidade: o tribunal, o hospital, ou as duas igrejas.



Esq. 2 - planta com a definição da área de estudo analisada na prova final, 2002, e com a área analisada na dissertação de mestrado, 2010

ESPAÇO TEMPORAL EM ANÁLISE

O presente estudo focaliza-se sobre o período compreendido entre a entrada em voga dos banhos de mar, com fins terapêuticos, na Póvoa de Varzim, e a actual vinda em massa para a praia.

Os primeiros registos de vindas para a Póvoa com o intuito de curar maleitas com banhos de mar datam do séc. XVIII, sendo que no final desse século essa vinda já era considerada habitual.

Num registo de 1736, num Livro de Óbitos, está indicada a vinda de alguns clérigos do Minho para a Póvoa em busca dos banhos de mar, com fins terapêuticos¹.

Em 1776 já era frequente o uso de vir a banhos para a Póvoa. Comprovado por uma Acta da Câmara, em que numa petição os moradores da vila pedem para que lhes seja atribuído dinheiro para melhoramentos nas ruas (por causa de lamas e águas), pois estas eram muito frequentadas por quem vinha comprar peixe e a banhos de mar.

Em 1784 existem indicações da vinda de Frades Beneditinos, de Tibães, a Banhos².

Mas o aumento significativo do número de pessoas a banhos acontece durante o séc. XIX; sendo que, nos anos oitenta e noventa desse século, a vila já vive orientada para receber, durante quatro meses por ano (Agosto a Novembro), da melhor forma possível, os turistas que a elegem.

Visitantes esses que já não procuram somente os banhos com fins terapêuticos, pretendem também diversão, numa semelhança de usufruto do litoral comum com as praias de Espinho, Granja, Foz e Vila do Conde, onde o padrão de comportamento dos banhistas é semelhante³.

6 Se a este crescente interesse pelo período estival, nesta vila, introduzirmos as modernizações que acontecem no reino relativamente à rede de transportes e comunicações, facilmente imaginamos o afluxo de pessoas que se foi impulsionando.

Inaugurou-se, em 1874, a ligação de Carro Americano entre a Póvoa e Vila do Conde, em 1875, a ligação férrea Póvoa / Porto e, em 1881, a ligação férrea Póvoa / Famalicão.

Ramalho Ortigão, em 1876, escreve sobre a época estival nesta vila: “Na Póvoa de Varzim, era a grande turba. Nenhuma praia oferecia uma afluência tão diversificada: o pequeno lavrador, os morgados rurais, todos os juízes, todos os delegados, todos os presidentes de câmaras, das comarcas e das municipalidades circunvizinhas; o ‘sport’ de Braga; o ‘high-life’ de Guimarães, de Fafe, dos Arcos, de Santo Tirso, de Vila Nova de Famalicão, de Barcelos; os jogadores de toda a província e de outros pontos do país. Mas para aí se dirigiam também os ‘touristes’ em viagem pelo Minho e alguns residentes do Porto, ao domingo.”⁴

Este é o período fulgurante da praia da Póvoa que recebe, à semelhança do que acontece na Foz do Douro, uma enorme diversidade de estratos sócio-económicos. Deverá destacar-se os nomes de alguns intelectuais que na segunda metade do séc. XIX passaram pela Póvoa: Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett, Eça de Queirós, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão.

¹ AMORIM, Manuel - boletim cultural «Póvoa de Varzim», Volume XXVIII, n.º 2 (1991), p. 309

² SMITH, Robert C. – Os banhos de mar, na Póvoa de Varzim, no Século XVIII. – Boletim Cultural «Póvoa de Varzim», Volume IV, n.º 2 (1965) p.p. 7-10

³ MARTINS, Luís Paula Saldanha, «Banhistas de mar no séc XIX um olhar sobre uma época», Revista da Faculdade de Letras – Geografia, I série, Vol. V, Porto, 1989, p.45 a 59

⁴ ORTIGÃO, Ramalho – As praias de Portugal, Porto, Livraria Universal, 1876 p.p. 49-50

Como consequência deste afluxo, a partir dos finais do séc. XIX, “ ... o uso Balnear passa, até hoje, a constituir-se como motor de transformação urbana”⁵. Correspondendo este turismo balnear a uma actividade económica importantíssima para a localidade; e, um ‘pretexto’, para todas as inovações, equipamentos e infra-estruturas que se pretenderam criar para responder cabalmente a esta procura.

A partir dos anos cinquenta, do séc. XX, cada vez mais pessoas usufruem de momentos de lazer, consequência directa de uma melhoria generalizada das condições de vida, da alteração dos horários de trabalho e do direito a férias. Da mesma forma se alterou o modo de usufruto da zona litoral em que o mar, a praia e o sol passaram a ser desfrutados numa vertente lúdica.

A partir da década de setenta esta procura turística passou a ser massificada. E a diversidade de oferta que caracterizava a praia da Póvoa, desde final do século XIX, englobando quer ofertas de luxo quer alternativas mais económicas, foi reduzida para uma vertente balnear mais popular. Ao nível da vivência da frente de mar salienta-se, neste período, o interesse generalizado pela componente desportiva e pela vertente lúdica nocturna.

OBJECTIVOS

Um dos objectivos para esta dissertação prende-se com a análise da importância que a frente de mar representou nas diferentes épocas; e, como é que a cidade se tem relacionado com ela, num tempo durante o qual as ideias, os projectos e ambições se baseavam na alteração da frente marítima.

Qual a relação entre os dois eixos estruturantes – Marginal / Av. Mousinho de Albuquerque? Cardo / decumano?

De que forma o espaço foi sendo adaptado a novas vivências, necessidades e expectativas?

Quais as motivações para determinadas intenções? Quais os motivos que levaram ao abandono de projectos, sem se concretizarem? Quais os desejos que se mantiveram durante anos, apesar das dificuldades de execução?

Há coisas que se mantiveram, outras que se transformaram, outras que foram desaparecendo e outras há que foram acrescentadas. O que se perdeu e o que se ganhou ao nível do espaço público?

Qual o balanço, de séculos, de fortes relações com o mar, ao nível do desenvolvimento da cidade?

O que resulta da oportunidade de intervir num dos principais eixos e largo da cidade?

Como conduzir, enquanto projectista, uma vontade expressa de requalificar a Avenida Mousinho de Albuquerque e Largo das Dores tendo como pressuposto inicial o retirar do estacionamento existente à superfície e construção de um parque de estacionamento subterrâneo, com cerca de 1km de extensão?

Passado cerca de um século sobre toda a polémica em volta do rasgar de uma Avenida, que envolvia expropriações a quarenta e cinco proprietários, em que uns a consideravam uma obra megalómana, outros indispensável, volta a existir uma vontade política expressa de mudança que suscita controvérsia.

Reflexão sobre uma obra que implicou mudança, com ingredientes que se repetem quando se trata de um grande investimento; que vai alterar um espaço que todos consideram de um determinado ponto de vista seu e para o qual existem diversas expectativas.

Do ponto de vista de quem projecta: os avanços, os recuos, as cedências e as conquistas; a necessidade de gerir variados interesses para que o interesse colectivo se sobreponha a interesses particulares; a comunicação do projecto e do faseamento de uma obra, que teve a duração de 22 meses, com o contínuo acompanhamento e intervenção de uma comunidade atenta e interveniente.

METODOLOGIA

Numa primeira fase, o trabalho incidiu sobre uma releitura da pesquisa elaborada, e as conclusões obtidas sobre a evolução da frente de mar da Póvoa de Varzim, para a prova final de licenciatura, agora com um afastamento temporal de oito anos e iniciada a experiência profissional. Foram corrigidos alguns pontos que agora se percebem de uma forma diferente, fruto do tempo e da continuidade do interesse pelo tema, que fez com que se continuasse à procura de elementos que permitissem um melhor conhecimento da zona. Foram desenvolvidos alguns parâmetros que tinham ficado em aberto, e foram retirados outros que não se considerou suficientemente relevantes para esta análise. Esta releitura de todo o material resultou numa síntese, mais incisiva, da evolução da frente de mar, e permitiu o reescrever de um capítulo sobre esta temática, agora, sobre uma perspectiva um pouco diferente.

Posteriormente, foi organizada a investigação realizada sobre as duas novas zonas de estudo, com o objectivo de analisar os planos e projectos que existiram, qual a sua história e qual a sua real repercussão.

Após uma recolha de informações genéricas, seguiu-se a procura de material fotográfico e desenhado, que pudesse ilustrar a evolução destes espaços e dos projectos que para eles foram elaborados.

O inventário dos planos e projectos elaborados e a compilação de plantas e demais elementos sobre esses planos implicou um longo trabalho de selecção e ordenamento cronológico.

Relativamente ao material fotográfico, houve um ordenamento cronológico, já que nem todo ele tinha indicações da data em que foi tirado. Esta datação foi realizada através de uma observação cuidada das fotografias, cruzando as referências/descrições escritas, com os planos e projectos.

Deste cruzamento entre projectos, fotografias e documentos escritos foi possível deduzir o que foi feito, o que foi iniciado mas não terminado, e o que nunca se iniciou.

Após esta investigação e tratamento do material, iniciou-se uma análise, cuja metodologia evoluiu do passado para o presente. O primeiro capítulo foi dedicado ao estudo da evolução da frente de mar. Seguiu-se o estudo do Largo das Dores, por ser este o ponto de origem da ligação que se pretendia rasgar para ligar a Vila ao mar - a perpendicular ao mar analisada no capítulo seguinte - a Avenida Mousinho de Albuquerque.

Por fim, é apresentado o projecto elaborado para a Avenida Mousinho de Albuquerque e Largo das Dores, uma reflexão sobre o decorrer do estudo e execução da obra, cruzando a experiência de quem procura respostas sobre a evolução de um espaço e a vivência de ser interveniente activo numa mudança marcante desse mesmo local.





2. EVOLUÇÃO DA MARGINAL - planos projectos para o espaço público

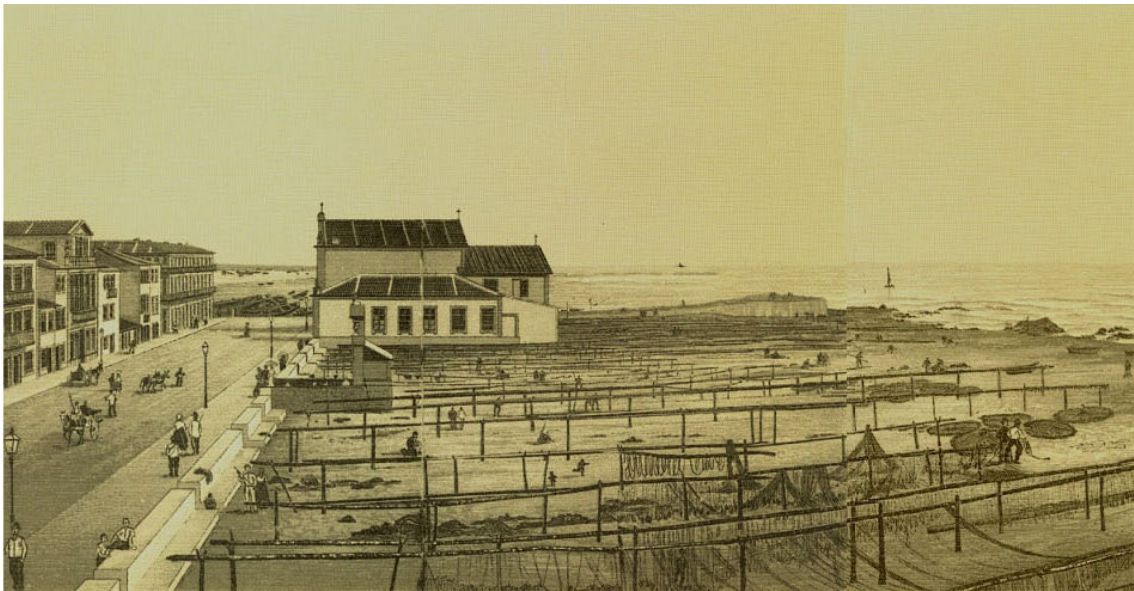


Foto 1- desenho da Rua da Areosa (actual Passeio Alegre), finais do séc. XIX



Foto 2- Passeio Alegre, finais do séc. XIX(foto tirada do extremo sul da rua)

12



Foto 3 - traseiras da capela de S. José (foto tirada do paredão)

Em ambas as fotografias (2 e 3):

- do lado esquerdo a capela de S. José; do lado direito o casarão que mais tarde foi demolido para se construir o Grande Hotel (hoje hotel Mercure).



Foto 4- gravura de meados do séc. XIX, mostra a praia do pescado e o paredão (canto inferior esquerdo)

FINAL DO SÉC. XIX

Após séculos de fortes relações com o mar, em que o aglomerado se manteve relativamente afastado da faixa costeira, a partir do século XVIII, o núcleo urbano começou, lentamente, a aproximar-se da linha costeira. Primeiro, pela zona sul, segundo uma malha em xadrez, de ruas estreitas, paralelas e perpendiculares ao mar, onde predominavam humildes habitações de pescadores. A partir do final do século XIX e primeira metade do século XX começou-se a urbanizar a faixa litoral norte, mais ligada à função balnear.

As primeiras informações relativamente a projectos para o espaço público, da frente de mar, que até nós chegaram, datam do final do séc. XIX. Este estudo inicia-se a partir dessa altura e prolonga-se até aos nossos dias. Dentro desse período temporal, subdividiu-se em cinco períodos mais pequenos, os quais se considerou que se distinguiam pelas diferentes vivências do espaço, necessidades, expectativas e desejos. À medida que surgiam informações, sobre a marginal, foram sendo analisadas cronologicamente, de forma a evidenciar-se os acontecimentos mais relevantes de cada período.

Os espaços públicos que eram usufruídos na marginal, no final do séc. XIX, eram: a Rua da Areosa (actual Passeio Alegre), a Rua dos Banhos, o Paredão e a zona do Cais.

Relativamente à Rua da Areosa podemos descrevê-la como bastante larga, se comparada com o perfil das outras ruas na cidade, com um murete a servir de banco do lado poente e com uma fonte de duas bicas (foto 1 e 2). Durante a época balnear, até às onze horas, realizava-se aqui uma pequena feira, em que se expunham os produtos (galinhas, vegetais...) sobre o balcão/murete.

Sobre o areal situava-se a Capela de S. José de Ribamar, construída em 1844 e a escola de Camões inaugurada em 1880. O areal era um logradouro, onde os pescadores secavam as redes.

A Rua dos Banhos estendia-se desde o sítio onde, actualmente, se encontra o Diana Bar até à Esplanada do Carvalhido. Esta rua foi aberta, ao longo do fundo dos quintais das casas da rua do Ramalhão, quintais que, do lado poente, confrontavam com as areias da praia.

O Paredão era um dos pontos fundamentais da vida social, em época balnear, como se pode verificar pelos registos escritos da época (foto 3 e 4). Segundo uma descrição da Póvoa em 1873, por D. António da Costa “Custa a passar a carruagem pela rua da Junqueira. Povoação extensa, está atulhada de banhistas. É de pouco tempo, uma completa invasão: a moda, na província. De manhã praia; de tarde, passeio no paredão, ou ver as pescarias; depois o delírio do jogo. No coração da villa, onde se acham os hotéis, os três botequins, e as tres casas publicas de jogo, difícil é o trânsito à tardinha e à noite. De Agosto a Outubro concorrem aqui 22000 pessoas.”⁶

Descrita a situação da marginal, importa descobrir quais as ambições de quem, naquela época, decidia os destinos da vila.

⁶ AMORIM, Manuel - boletim cultural n.º 1 Volume XXVIII, p. 302 e 303

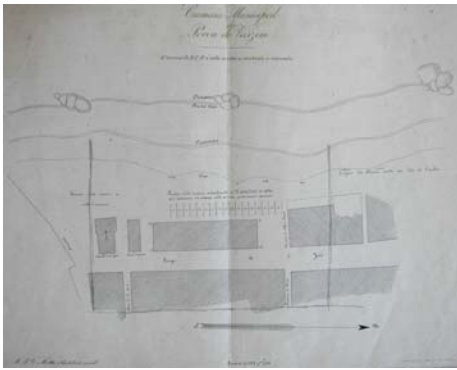


Fig. 1 - planta do Largo de S. José (actual Passeio Alegre), situação em 1883

- Projecto do Arq. Manuel Fortinato d'Oliveira Motta
- marcação ABCD onde se está a construir o mercado e anotação do local onde os pescadores estão a secar as redes desde o início de construção do mercado

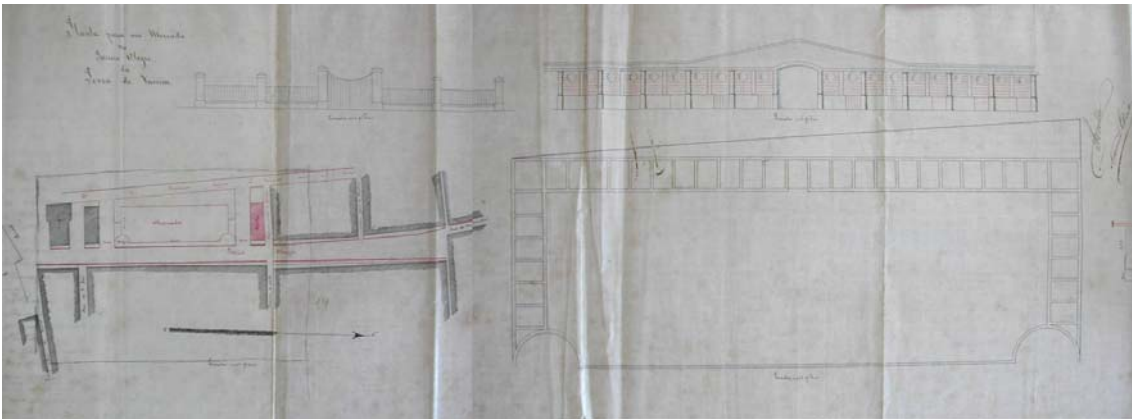


Fig. 2 - planta do projecto do mercado, com dois alçados (a carmim o que se pretende fazer), 1883

- marcação de uma rua à beira mar a ligar o paredão à praia dos banhos (intenção já expressa em 1881)
- marcação da implantação do mercado e de um edifício no topo norte do mercado, referenciado como "aula"

14

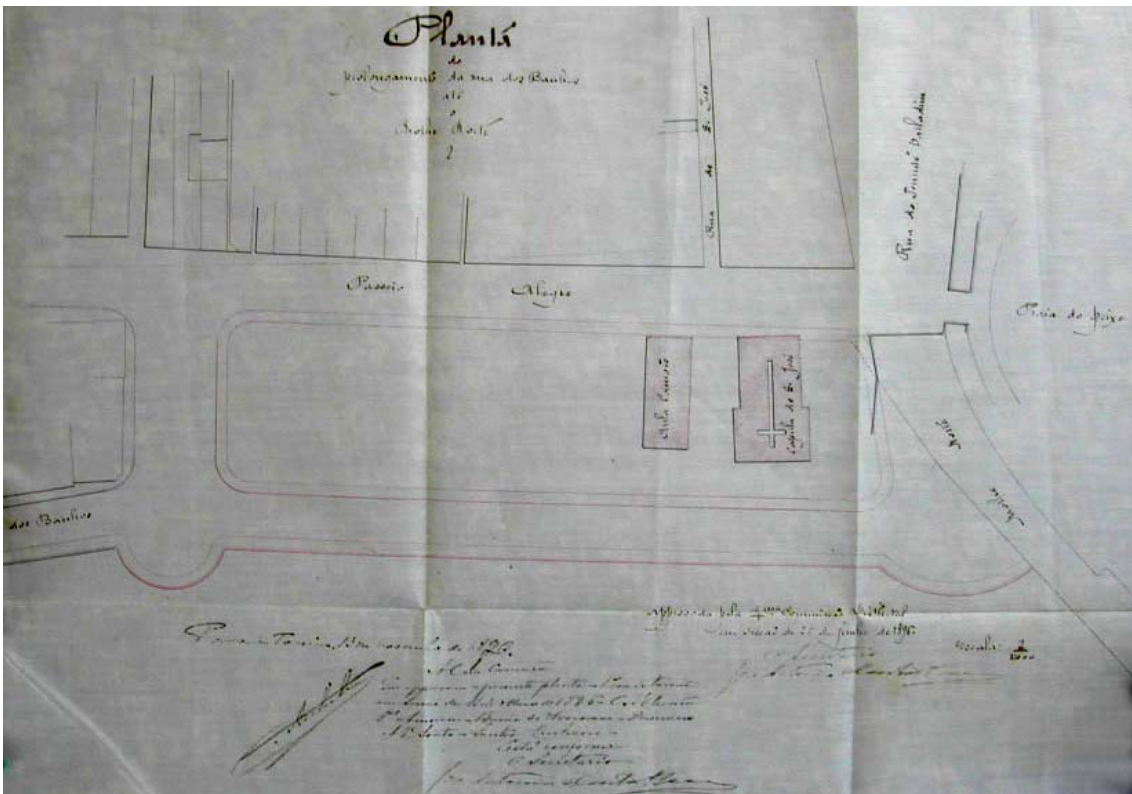


Fig. 3- planta do projecto de prolongamento da Rua dos banhos até ao Molhe Norte, 1896

- a referir:
- a vermelho o desenho do que se pretende construir – o largo e o início da Avenida Mousinho de Albuquerque
 - a tracejado a escola e a capela (expropriar)
 - aprovada na sessão da Comissão distrital de 26-06- 1896

Através da observação de todos os projectos elaborados, neste período, podemos enunciar três grandes objectivos: a criação de um amplo espaço público, em frente ao mar, denominado Passeio Alegre; o prolongamento da Rua dos Banhos (marginal ao mar); e a melhoria dos acessos ao mar.

Um dos grandes objectivos consistia na transformação do logradouro, dos pescadores, sobre o areal, num espaço público. À semelhança do que se passava no Porto, também na Póvoa se pretendia criar um amplo espaço público, frente ao mar, denominado de Passeio Alegre. No Porto, o jardim do Passeio Alegre foi iniciado em 1871 e inaugurado em 1892. Na Póvoa, a ideia para este espaço passava pela construção de um mercado que oferecesse condições condignas para a realização da feira que já ali acontecia, no murete da rua da Areosa. O projecto data de 1883 e, embora iniciado, foi embargado, após o protesto da Real Irmandade de Nossa Senhora de Assunção, protectora e representante dos pescadores. Os motivos apresentados para esta oposição prendem-se com o facto de considerarem que o areal não era terreno municipal e que esta construção iria prejudicar o interesse da pescaria, por não poderem secar aí as suas redes.

Gerou-se uma grande confusão sobre a posse do terreno. Embora ficasse decidido em tribunal a legitimidade da câmara em fazer a obra, desde que arranjasse local de substituição para a seca das redes dos pescadores, o projecto não chegou a concretizar-se, devido à oposição de uma parte considerável da população.

No Porto, também foi difícil a aceitação da redução do espaço apropriado pelos pescadores, na faina terrestre, para a construção de um jardim. Este conflito de interesses, sobre a posse destes espaços, marca o início da valorização da zona costeira.

Desde a primeira proposta para o Passeio Alegre, até se conseguir concretizar um projecto, decorreram cerca de treze anos. Desistiu-se da ideia de construção de um mercado e optou-se pela realização de um espaço público. Quando, finalmente, se consegue realizar a ideia de um espaço público, a assinalar que a Câmara intercedeu junto do Rei para que isso fosse possível.

O projecto de 1896 previa a realização de um amplo espaço no Passeio Alegre, com indicações para a expropriação de dois edifícios: a Capela de S. José de Ribamar e da escola de Camões. Estas só seriam demolidas alguns anos mais tarde. Também se previa a aquisição, para o local, de um urinol e fontanário, em ferro forjado.

A realização de um espaço público, no Passeio Alegre, é o exemplo da preserverância da vontade política, desta altura, sobre os demais interesses, representando, esta concretização, uma enorme vitória do poder político.

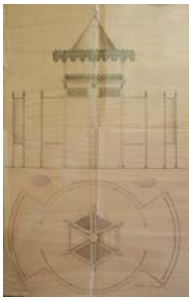


Fig. 4



Fig. 5

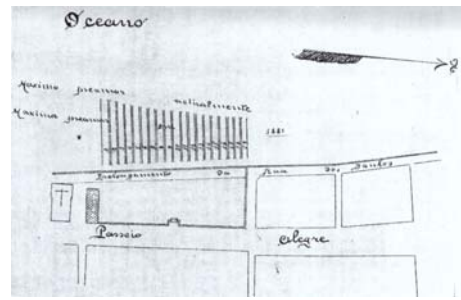


Fig. 6

Fig. 4 - alçado e planta do urinol

Fig. 5 - alçado do fontanário

Fig. 6 - planta do projecto de prolongamento da rua dos banhos, 1881

- A zona de seca das redes dos pescadores, aparece desenhada desviada, para poente, da sua real situação. Indício de que já se estaria a pensar na realização de um espaço público nesse local. O projecto para o Passeio Alegre foi apresentado em 1883.

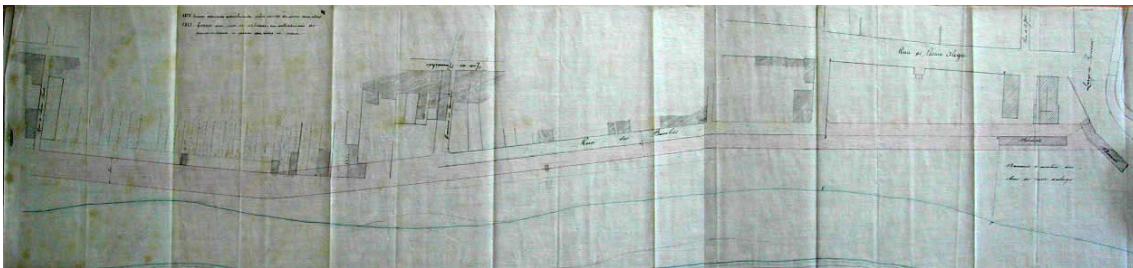


Fig. 7- planta do projecto de rua dos banhos, 1891

- A carmim o prolongamento da rua dos banhos para norte e para sul e um significativo aumento da sua largura (o dobro da existente). Projecto assinado por Augusto Barbosa

16

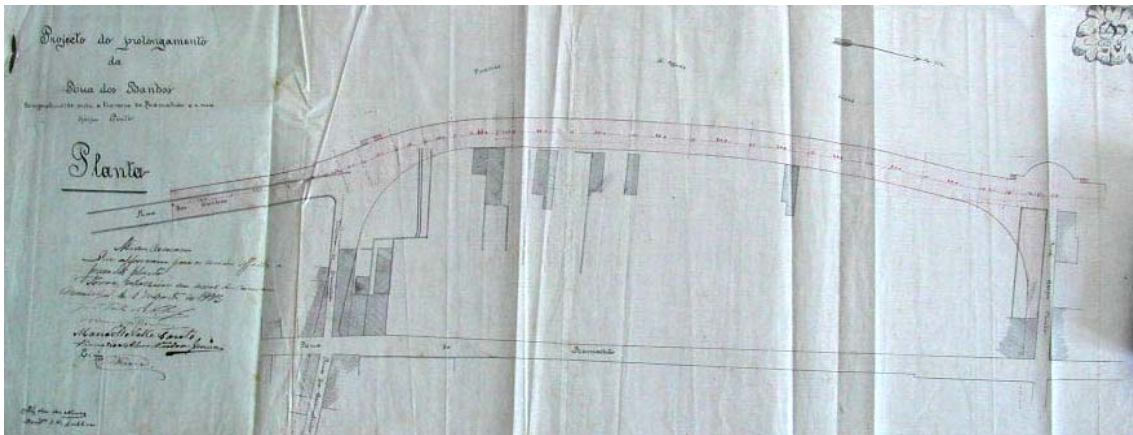


Fig. 8- planta do projecto de prolongamento da rua dos banhos (entre a Travessa do Ramalhão e a Rua Serpa Pinto), 1893

A referir:

- a carmim o prolongamento da rua dos banhos para norte;
- a rua desvia-se das casas, não se verificando expropriações;
- nesta hipótese a largura da rua não chega a duplicar o perfil existente;
- a planta foi aprovada em sessão da Câmara a 01-08-1893;
- para este projecto fizeram-se medições, orçamentos e até se aprovaram as condições de arrematação da obra de pedreiro.



Fig. 9- planta de prolongamento da Rua dos banhos, 1893

A referir:

- a rua dos banhos proposta triplica a rua existente
- a traço vermelho contínuo, do perfil 0 ao 16, marcação do troço da rua a construir
- a restante rua dos banhos a vermelho tracejado, a construir posteriormente

O outro grande objectivo desta época consistia na ampliação de uma rua à beira mar – a Rua dos Banhos, de forma a ligar o paredão à praia dos banhos.

Esta intenção teve, essencialmente, três projectos distintos.

O primeiro projecto, datado de 1881, apenas pretendia continuar a rua dos banhos, para sul, em direcção ao paredão.

Dez anos após esta intenção voltou a existir um novo projecto. A grande diferença consistia em que, desta vez, não se pensava apenas num prolongamento da rua para sul, mantendo a sua largura, mas apostava-se no seu prolongamento em extensão, para norte e para sul, e num significativo aumento da sua largura. Nesta altura, a rua dos Banhos tinha cerca de 7m de largura e ia desde o sítio onde, actualmente, se encontra o Diana Bar até à Esplanada do Carvalhido. Nesta proposta, a largura da rua passaria a ser de 15m e o novo traçado implicava a realização de expropriações de casas.

Em Agosto de 1893 foi aprovada uma proposta de prolongamento da rua dos banhos bastante mais contida do que a de 1891, já que a rua se desviava das casas, não se verificando expropriações, e, relativamente à sua largura, esta hipótese, não chegava a duplicar o perfil existente.

Mas, no mês de Novembro desse mesmo ano, é aprovada uma nova proposta, bastante mais próxima da de 1891, em que se volta ao traçado de uma Avenida que “corta a direito”, necessitando de se expropriar casas para a sua concretização. A nova Avenida proposta teria cerca de 15m de largura, tal como na proposta de 1891. Foi esta segunda hipótese que começou a ser realizada.

17

Entre o primeiro projecto e o que se veio a concretizar, passaram-se cerca de doze anos, com projectos e ideias bastante diferentes - uns mais contidos e outros bastante mais arrojados.

O projecto que se realizou foi uma das hipóteses mais ambiciosas.

Em 1898, há referências de que a Avenida dos Banhos já estava construída desde o paredão até ao penedo de Cõe, ou seja, num espaço de tempo de cerca de cinco anos construiu-se uma extensão de 720m. Tratou-se de uma realização notável, para a época, atendendo à dimensão que a Avenida tinha, comparativamente com as restantes ruas da vila.

Em 1898 foi aprovado um projecto bastante ambicioso pela sua extensão. Pretendia prolongar a Avenida dos Banhos para norte, de forma a ligar a vila da Póvoa de Varzim a Aver-o-Mar.

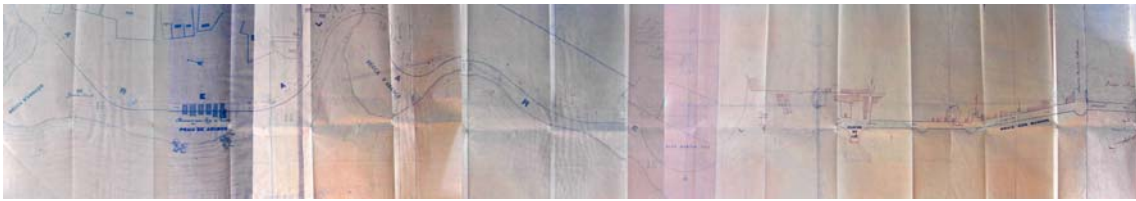


Fig. 10- planta do projecto de prolongamento da avenida para Aver-o-Mar, 1898

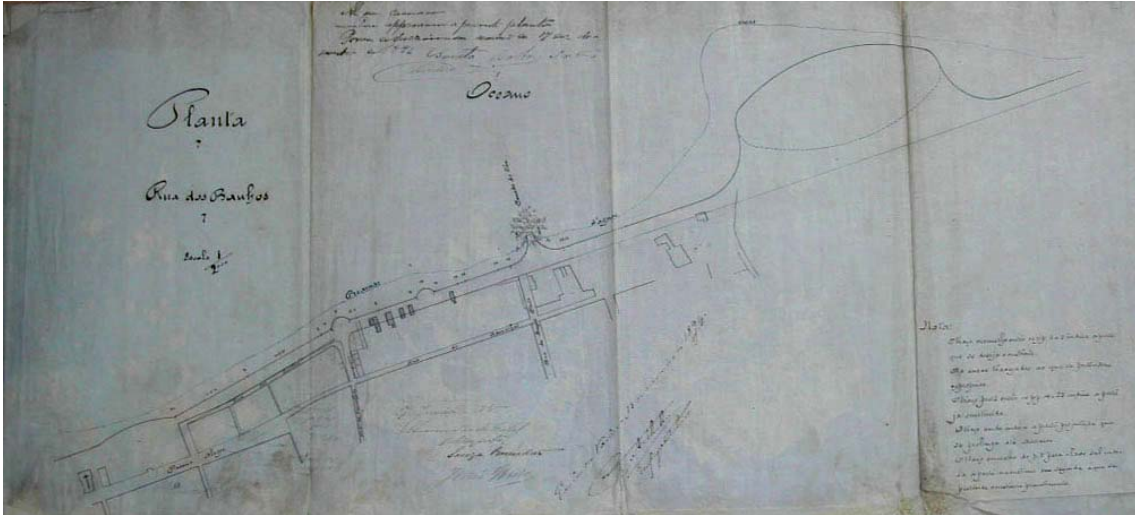


Fig. 11- planta do projecto de alargamento da Rua dos Banhos e muro de suporte da mesma, 1894

legenda do desenho:

- o traço vermelho entre o p.p. 1 a 3 parte que se deseja construir
 - as casa traçadas o que se pretende expropriar
 - o traço preto entre o p.p. 4 a 23 parte já construída
 - o traço verde a parte projectada que se prolonga até Vermar
 - o traço vermelho de p.p. 1 para o lado sul indica a parte a construir em seguida à parte que se pretende presentemente
- planta aprovada na sessão de câmara a 17-12-1894
 - aprovada pela comissão distrital a 17-01-1895

18

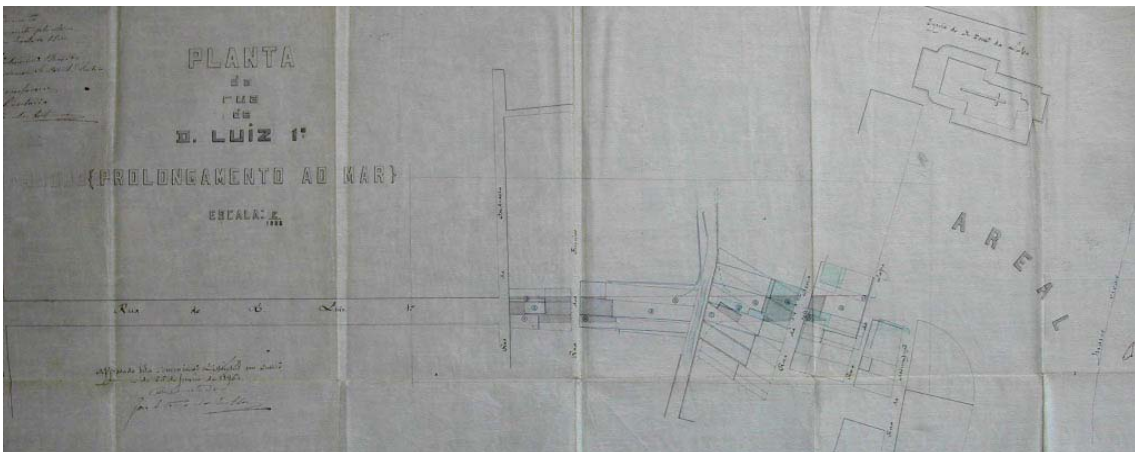


Fig. 12- planta do projecto de prolongamento da rua de D. Luiz I, 1896

A referir:

- aprovada em sessão de câmara 11-05-1896
- aprovada em comissão distrital em 26-07-1896

Ao mesmo tempo que se prolongava a Rua dos Banhos, rasgando uma rua marginal ao mar, a estratégia municipal visava também a criação de acessos francos à praia.

É nítida a intenção de rasgar perpendiculares ao mar, de forma a ligar a frente de mar com o atravessamento da Vila Sudeste/ Noroeste, formado pela Estrada Real nº 30 (Porto/ Valença) e pela Estrada Municipal (Póvoa de Varzim/ Esposende).

Foram propostas e realizadas três perpendiculares ao mar: o alinhamento e alargamento da travessa do Ramalhão, a construção da rua Serpa Pinto e o prolongamento da rua D. Luís I.

Não foram realizadas: a perpendicular proposta entre a travessa do Ramalhão e a actual rua de Serpa Pinto e outra perpendicular que seria na zona da actual Avenida Santos Graça.

Mas, a mais importante, de todas as perpendiculares, quer pela sua extensão, como pelos pontos que se pretendia ligar ou até pela dimensão do seu perfil transversal, quando comparado com o das outras ruas da vila, era, sem dúvida, a Avenida Mousinho de Albuquerque. Este projecto de grande dimensão, pela sua importância, será analisado num capítulo próprio (capítulo 4).

Podemos definir o final século XIX, na Póvoa, como um período de enormes esforços e onde houve uma grande aposta no espaço público da frente marítima, contra todas as adversidades.

Estamos perante um período de incansáveis intenções, muitas das quais foram realizadas e outras passaram para o século seguinte, com projecto.



Foto 5 - casa de Banhos quentes- Oceânia



Foto 6 - casa das máquinas do Balneário Oceânia, sobre o areal

Aspecto da Avenida dos Banhos, no final do século. (Fotos tiradas na mesma zona, entre a travessa do Ramalhão e o início do Passeio Alegre, viradas para lados opostos da rua.)

As indicações que existem sobre estas fotografias é que eram oferecidas aos frequentadores de Café Universal como «Recordação da Póvoa de Varzim», continham nos versos o programa do concerto a executar pela orquestra no dia 8 de Setembro de 1898.



Fotos 7, 8, 9, 10 – postais ilustrados do Passeio Alegre, no início do século

Esta sequência de 4 postais ilustrados mostra bastante bem a situação da zona do Passeio Alegre, antes de 1913 (a capela de S. José só foi demolida nesse ano). A referir o tratamento deste espaço como um jardim público, os candeeiros a gás e o coreto no meio. Os edifícios que existiam nesta altura no Passeio Alegre tinham entre 2 e 3 pisos. No postal do canto inferior esquerdo, é visível a linha do americano que a partir de 1874 ligava Vila do Conde à Póvoa.

20



Fig. 13 - Planta do Passeio Alegre, 1915

As casas marcadas a vermelho são as que a Comissão de Estética entende que não podem continuar no estado em que se encontram.

PRIMEIRAS TRÊS DÉCADAS DO SÉCULO

Das primeiras três décadas do século, na marginal, destacam-se: o consolidar dos espaços públicos criados no período anterior, as tentativas para impulsionar o investimento imobiliário privado, a construção de importantes equipamentos e a encomenda do primeiro plano geral de melhoramentos da Vila.

Ao nível do Passeio Alegre realizaram-se pequenas alterações, que consolidaram o carácter daquele espaço público: a colocação da estátua do Cego de Maio (1909), no topo sul deste espaço, a demolição da Capela de S. José (1913) e alteração da base do coreto, e a sua mudança de sítio, para o topo norte (1913).

Mas a grande intervenção pretendida, para este espaço, em 1909, em 1915 e em 1916 era o alinhamento de todas as fachadas do Passeio Alegre.

Para a realização do alinhamento, projectado em 1909, era necessário alterar trinta e uma fachadas. Trata-se de um projecto bastante «radical» já que se aspirava expropriar todas essas habitações apenas com o intuito de fazer um alinhamento.

Em 1915, a autarquia voltou a manifestar preocupações com a imagem do edificado e propôs novamente expropriações, apoiada na Lei nº 438, de 15 de Setembro de 1915, que previa a possibilidade das Câmaras realizarem expropriações com o intuito de obrigarem à edificação nos terrenos confrontantes com as vias públicas e à demolição de edifícios que ameaçassem ruína.

Nesta altura uma Comissão de Estética avaliou o estado das propriedades (terrenos e edifícios) de algumas zonas da Póvoa: da Rua Almirante Reis (entre a estação ferroviária e a Praça do Almada); da Rua 5 de Outubro (actual Rua da Junqueira) e para as zonas do Passeio Alegre, Rua dos Banhos e Avenida Mousinho de Albuquerque, locais onde incide o nosso estudo. Para todas estas zonas são indicadas os terrenos ou edifícios a serem alterados.

Em 1916, voltou a haver novo projecto para “cortar” 12 casas no Passeio Alegre⁷, reduzindo-se a área idealizada em 1909, devendo isso significar uma aposta na zona que se considerava mais urgente intervir.

Esta forma de pressão para que os proprietários invistam nas suas propriedades revelou-se pouco eficiente. Esta intenção de reconstrução de edifícios só será conseguida muitos anos depois, à medida que as pessoas vão reedificando as suas casas.

⁷ A explicação a esta radical intenção de “cortar” casas que estavam entre 0.127m e 1.20m fora do alinhamento proposto, vem na memória descritiva do projecto: “O passeio Alegre da Póvoa é o local mais concorrido desta populosa praia e onde os banhistas passeiam de preferencia. Com lindas vistas sobre o mar, com uma alameda na frente, é o centro de atracção e onde se realizam todas as distracções em época balnear. Tendo já grande número de construções novas, algumas há que ainda estão no antigo alinhamento, velhas e a maior parte delas sem as alturas necessárias. Com a construção do prédio novo ficaram uns recantos formados pelos prédios n.º 9, 10 que muito deseíam aquelle local. Proprietários há d’esses e d’outras casas que querem construir, mas sendo forçados pelo alinhamento a recuarem não querem ficar com as outras casas à frente e por isso não constroem com grave prejuízo para a esthetica d’aquelle local. Quer a Camara alinhar todos esses prédios d’uma ponta a outra para não haver recantos nem motivos de guerra, e por isso vem reclamar que seja considerada de utilidade publica e urgente a expropriação da faixa necessaria para o alinhamento.” CRUZ, Artur, Memória Descritiva do projecto de Alinhamento das Fachadas do Passeio Alegre, 1916, capa 5 doc. 18 [disponível no Arquivo Municipal, da Póvoa de Varzim, Portugal]

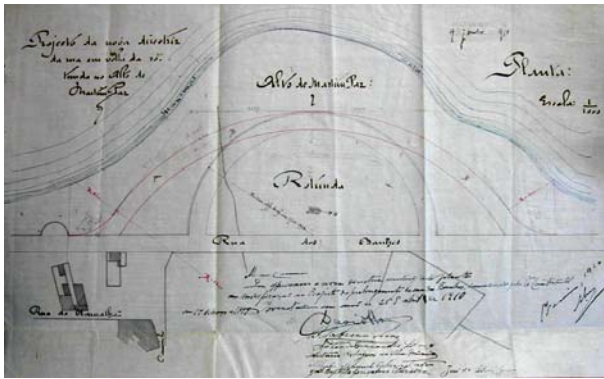


Fig. 14 - planta do projecto da nova directriz da rua em volta da «rotunda» no alto de Martim Vaz, 1910

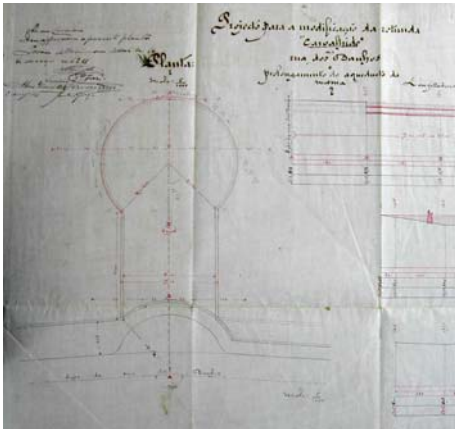


Fig. 15- planta do projecto de modificação da «rotunda do Carvalho» ,1911

22

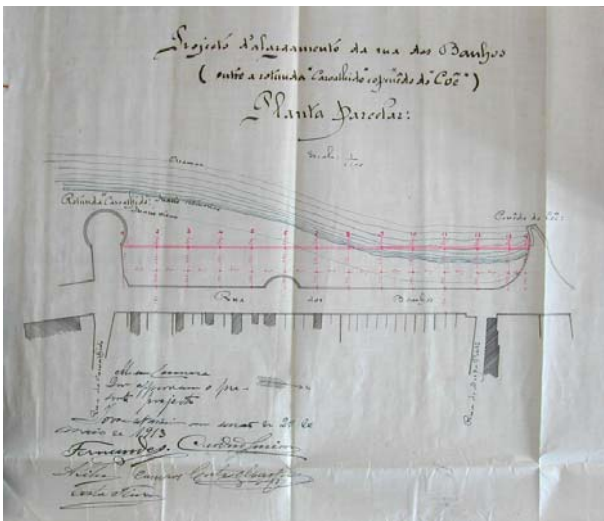


Fig. 16- planta do projecto de alargamento da Rua dos Banhos (entre a rotunda do Carvalho e o penedo de Cõe), 1913

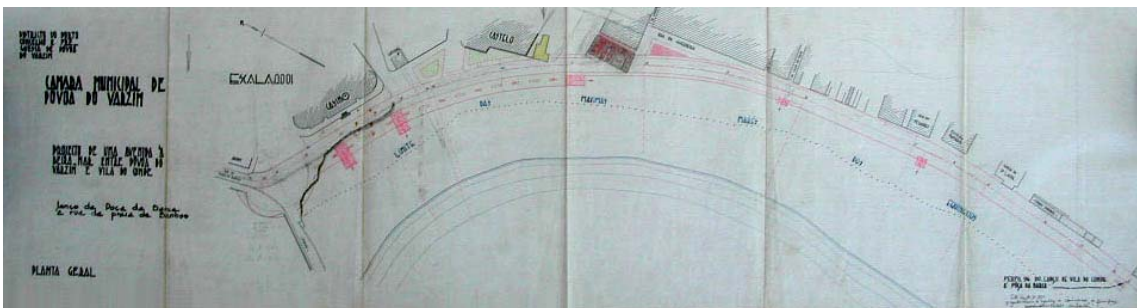


Fig. 17 - planta do projecto da Av. à beira-mar, entre a Póvoa e Vila do Conde, 1933

Relativamente à Avenida dos Banhos o prolongamento para Norte terminou em 1903, tendo-se chegado até ao Alto de Martim Vaz. Verificou-se que durante as escavações, na zona de Martim Vaz, se encontraram restos de uma Villa Lusitano-Romana. Foi, a partir desta data, que as obras pararam, na zona das escavações.

O ambicioso projecto de 1898, que pretendia ligar pela marginal a Póvoa a Aver-o-Mar, não foi concretizado. É interessante constatar que esta ideia de prolongar a marginal para norte só será retomada cerca de um século mais tarde, nesta última intervenção.

Tal como aconteceu no Passeio Alegre também na Avenida dos Banhos se realizaram pequenas intervenções, pontuais, mas as “grandes” ideias, bastante mais radicais, não passaram do papel. Fizeram-se pequenas modificações como a rua em volta da “rotunda” do Alto de Martim Vaz (1910) ou a “rotunda” do Carvalhido (1911).

Mas o projecto de 1913 em que se pretendia fazer um campo de jogos para a colónia balnear, entre a “rotunda” do Carvalhido e o penedo de Cõe, através do alargamento da Avenida em vinte e cinco metros, para cima do areal e da linha máxima da maré, nunca se realizou.

A registar a intervenção, em 1929, na Avenida onde se construiu um muro de vedação de areias, com assentos em betão armado, em toda a sua extensão.

Terá sido, também, nesta data que se substituiu a anterior iluminação por eléctrica e se levantou os carris do Americano.

Relativamente aos esforços em continuar a marginal para sul, entre a Fortaleza e a Igreja da Lapa, surgem, pela primeira vez, projectos para rasgar uma rua à beira mar, em 1913 e 1916. O primeiro, não se realiza. Do segundo resultará apenas o rasgamento da rua, onde ainda era tudo areal. Em 1930 fez-se um aterro na praia do peixe de forma a alargar a rua marginal e em 1933 há um novo projecto para a avenida à beira-mar. Embora este projecto tenha sido realizado, registos indicam que a força do mar foi, por diversas vezes, responsável pela destruição de algumas partes da Avenida.

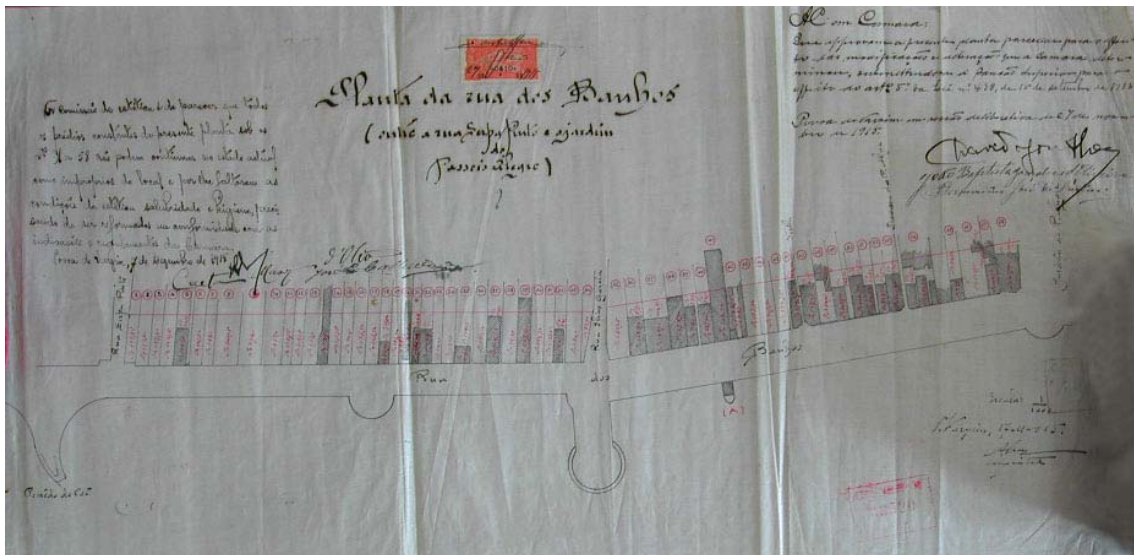


Fig 18. - planta da Rua dos Banhos, entre a Rua Serpa Pinto e o Passeio Alegre_ 1915

A referir:

- as casas marcadas a vermelho são as que a Comissão de Estética entende que não podem continuar no estado em que se encontram (praticamente todas);
- a norte da "rotunda do Carvalhido" existiam muito poucas casas;
- sobre o areal a casa das máquinas do balneário Oceânia, assinalado com um A.

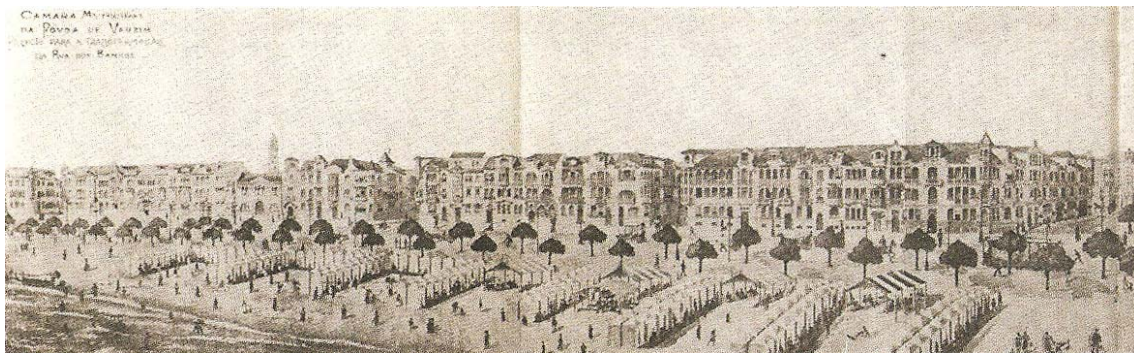


Fig 19 - montagem de duas imagens da Avenida dos Banhos e da Avenida Mousinho de Albuquerque, publicadas na revista quinzenal ilustrada - A CONSTRUÇÃO MODERNA de Março de 1917

Analisando o desenho, vê-se no lado direito uma avenida, com árvores, perpendicular ao mar (Avenida Mousinho de Albuquerque) e um jardim público (Passeio Alegre).

Sobre o areal são visíveis as barracas e os toldes, de apoio aos banhistas.

A Avenida dos Banhos tinha em toda a sua extensão uma alameda de árvores, situação que só viria a acontecer na última intervenção na marginal, em 1997/1998 (embora durante a década de oitenta tivessem sido plantadas palmeiras, na Avenida dos Banhos, a imagem obtida não era de um alinhamento do género do acima representado).

Uma das intenções que mais sobressai, durante este período, é a vontade de impulsionar um investimento imobiliário particular condizente com o esforço que tinha sido impresso ao espaço público.

Tal como no Passeio Alegre, em 1915, a Comissão de Estética analisou o estado dos terrenos e construções existentes na Rua dos Banhos. Neste caso, praticamente todas as parcelas estão assinaladas como impróprias do local e por lhe faltarem as condições de estética, salubridade e higiene, precisam de ser reformuladas, em conformidade com as indicações e regulamentos da Câmara.

Na continuidade desta medida, em 1917, o Dr. David Alves encomendou um ambicioso projecto para a Avenida dos Banhos, ao Arq. João de Moura Coutinho, que posteriormente foi publicado nas primeiras páginas da Revista de Arquitectura A CONSTRUÇÃO MODERNA:

- Em Março de 1917 foi capa da revista o Projecto da Avenida dos Banhos e da primeira casa a construir na mesma ⁸;

- Em Novembro de 1917 foi publicado o projecto de um Balneário para a Avenida dos Banhos. O projecto para a Avenida dos Banhos propunha uma grande alteração ao nível da volumetria da frente de mar, assim como da Avenida Mousinho de Albuquerque⁹. Tratava-se de habitações de três ou quatro pisos que contrastavam com o que existia naquela época. E a ideia era a substituição progressiva das habitações existentes por estas, à medida que os proprietários construíssem novas edificações.

⁸ O projecto era assim descrito na revista A CONSTRUÇÃO MODERNA:

"A nova avenida abrange, não só a parte que a perspectiva indica, mas, o seu prolongamento, tornando-se assim uma esplendida explanada, como as mais belas do mundo, pois que em parte alguma haverá mais magnífico panorama do que o que se disfruta no local. Do projecto da nova Avenida fazem parte trinta e tantos prédios, cujas fachadas variam em extensão de 8 a 14 metros. Dêles se destaca o Balneário que na perspectiva, à esquerda, se vê e de que mais tarde publicaremos o projecto, assim como do de todas as outras edificações que julgamos mais interessantes, (...).

O autor do projecto (...) deu uma acentuada entoação portuguesa a algumas das casas projectadas e não o fez a todas sem dúvida com o receio que a repetição de motivos parecidos tornasse o conjunto monótono, e procurou, por isso, sem deixar de empregar o chamado estilo portuguez, em muitas das lindas vivendas, variar os processos, o que à sua genial inspiração é tarefa relativamente fácil. O ilustre artista que concebeu tão grande numero de projectos, teve em vista, não só fazer construções modernas, higiénicas e que ofereçam aos banhistas todas as comodidades e bem estar, que a vida moderna exige, mas também dar ao local um aspecto variado e grandioso (...). Atendeu também o autor à parte económica da obra, que, sem deixar de ser grandiosa, não devia, nem podia, ser demasiado dispendiosa, e, por isso, as cantarias aparelhadas, que é um dos materiais que mais carregam os orçamentos, foram quasi por completo suprimidas. São construções ligeiras, como dá idéa, a projectada casa do Ex.mo Sr. Dr. Caetano Marques d'Oliveira, que na primeira pagina publicámos, e com cuja construção se vai inaugurar a nova avenida. Cada casa é para três familias, com habitações mais modestas umas de que outras, mas todas têm casa de banho e os andares são todos independentes. Eis o que será a projectada Avenida dos Banhos que vae substituir a quasi derrocada "Rua dos Banhos", um dos melhores locais da Póvoa de Varzim, que se acha pejada com pequenas construções, algumas quasi em ruínas, outras, pardieiros, constituindo um todo nada artístico e estético! (...)" "Projecto da Avenida dos Banhos e da primeira casa a construir na mesma, na Póvoa de Varzim», A Construção moderna, Ano XVII – nº 5, Lisboa, 12 de Março de 1917, p.28 e 29

⁹ As implicações deste projecto na Av. Mousinho de Albuquerque estão analisadas no capítulo quatro (p. 100 e 101)

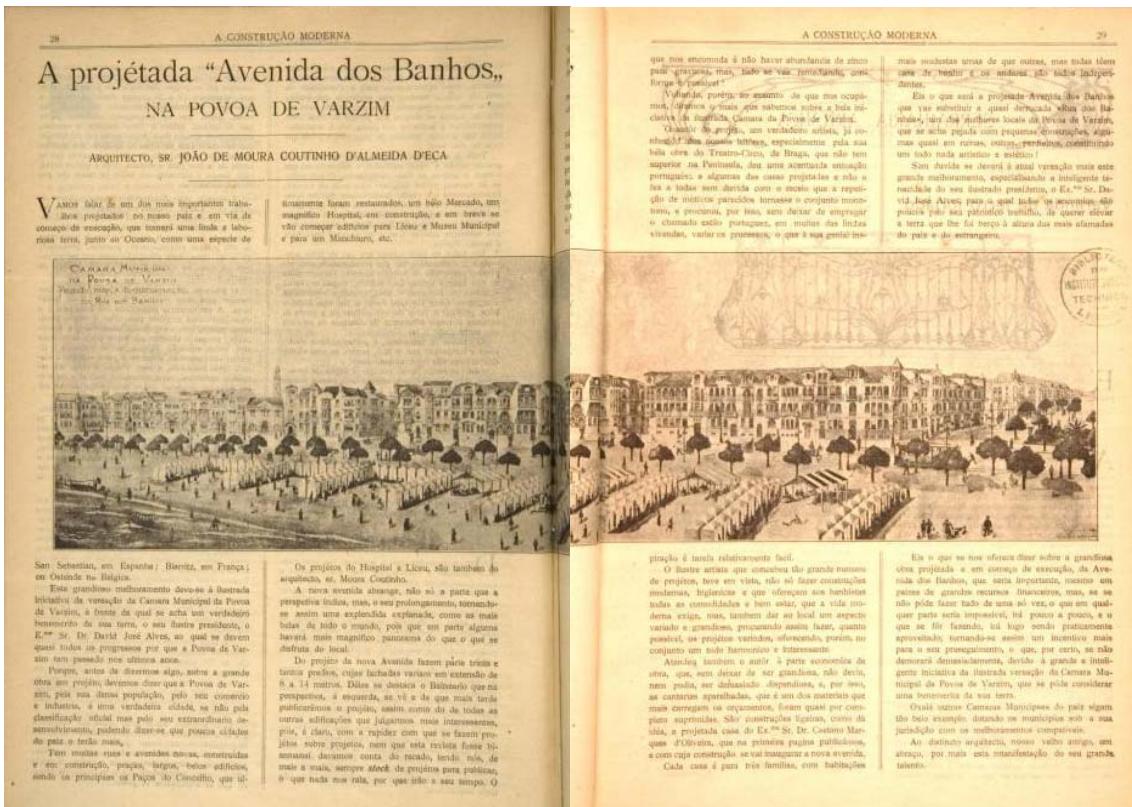


Fig 20 – Reprodução de duas páginas (28 e 29) da revista A CONSTRUÇÃO MODERNA, de 12 de Março de 1917, sobre o artigo que apresentava o projecto para a Avenida dos Banhos

26



Foto 11 e foto 12 - Avenida dos Banhos, primeiro ou segundo decénio do séc. XX

É interessante verificar, pelas fotografias do início do século, como era a Avenida quando isto foi pensado (fotos 11 e 12):

Com a generalidade das habitações térreas, algumas com rés-do-chão e primeiro andar (raras), passeio bastante largo do lado poente (o chamado picadeiro), com murete a separar do areal, candeeiros a gás e, no arruamento, a linha do Americano.

Na praia existiam, em época balnear, as barracas com cobertura de zinco e toldes, que aparecem no desenho. É visível, nas fotos, a casa das máquinas do balneário Oceânia, sobre o areal (foto 11).

O projecto para a Avenida era bastante arrojado, contrastando claramente com o que existia mas é a expressão de uma vontade política que ficará marcada durante décadas.

Não tendo sido encontrada qualquer referência que algum destes projectos tivesse avançado, desta interessantíssima encomenda, importa reter:

Em primeiro lugar, a estratégia de encomendar estes projectos a um arquitecto, técnico ao qual só recorreria uma minoria da população, com características muito específicas, garantindo assim a qualidade arquitectónica dos edifícios e o prestígio desta frente edificada.

Em segundo lugar, destacamos nesta estratégia, a propaganda que se faz a esta estância balnear, colocando-a, após a elaboração do projecto, ao nível de “San Sebastian, em Espanha; Biarritz, em França; ou Ostende na Belgica.”¹⁰. Quem lê o artigo fica com a informação que este grandioso projecto está prestes a arrancar, na tentativa de induzir potenciais investidores a construir numa frente de mar que estaria na iminência de sofrer uma completa transformação capaz de a transformar “à altura das mais afamadas do paiz e do estrangeiro”¹¹.

Em terceiro lugar, é de realçar a ambição de se pretender executar na Póvoa um projecto de tal dimensão. De facto, pode-se classificar esta intenção como a mais ambiciosa destes primeiros trinta anos do séc. XX. Esta encomenda comprova que quem estava à frente dos destinos políticos da vila, era alguém informado do que se fazia no estrangeiro, e com vontade de trazer para a Póvoa o que de mais inovador se fazia na Europa.

¹⁰ Excerto do artigo “Projecto da Avenida dos Banhos e da primeira casa a construir na mesma, na Póvoa de Varzim”, A Construção moderna, Ano XVII – nº 5, Lisboa, 12 de Março de 1917, p.28

¹¹ Idem., p.29



Fig. 21 - Planta da Póvoa de Varzim, assinada por Gonçalo Artur Cruz, 1901

28



Fig.22 - Planta do Plano Geral de Melhoramentos para a Póvoa de Varzim, 1920

Um dos pontos mais marcantes neste período é, sem dúvida, a elaboração de um plano geral de melhoramentos para a vila, da autoria de Ezequiel de Campos, em 1920.

E o que é mais relevante, relativamente a este plano, é contextualizar a altura em que foi executado para melhor entender o seu significado. Embora sejam só os municípios de Lisboa e do Porto obrigados a planear a sua transformação, devido ao forte crescimento destas cidades, durante o séc. XIX, a Póvoa aparece cronologicamente como o primeiro “pequeno aglomerado”¹² a fazê-lo, seguindo as duas principais cidades. O primeiro Plano Geral de Melhoramentos¹³ é o de Lisboa, em 1903 (Ressano Garcia), seguidamente o do Porto, em 1915 (Parker) e o primeiro desses “pequenos aglomerados”¹⁴ é precisamente a Póvoa, em 1920 (Ezequiel de Campos).

Isto revelava que existiam fortes preocupações urbanísticas por parte de quem governava a vila. Não esquecendo, o significado de se encomendar este plano a uma das pessoas mais prestigiadas, na altura, a este nível - o Eng. Ezequiel de Campos. A escolha deste prestigiado Engenheiro, que também escreveu o Prólogo do Plano da Cidade do Porto, em 1932, para a elaboração deste plano foi, certamente influenciada pelo conhecimento profundo do aglomerado, que este técnico natural de Beiriz (freguesia da Póvoa de Varzim) possuía.

Este plano foi elaborado tendo como base o levantamento da Vila de 1901 e dá especial atenção ao traçado de infra-estruturas.

Analisando o que é apresentado como existente vê-se que na zona dos Banhos, a avenida marginal está concluída desde o Passeio Alegre até ao Alto de Martim Vaz.

O Passeio Alegre está desenhado como um jardim público e na actual zona do Casino, existia o largo do Cego de Maio.

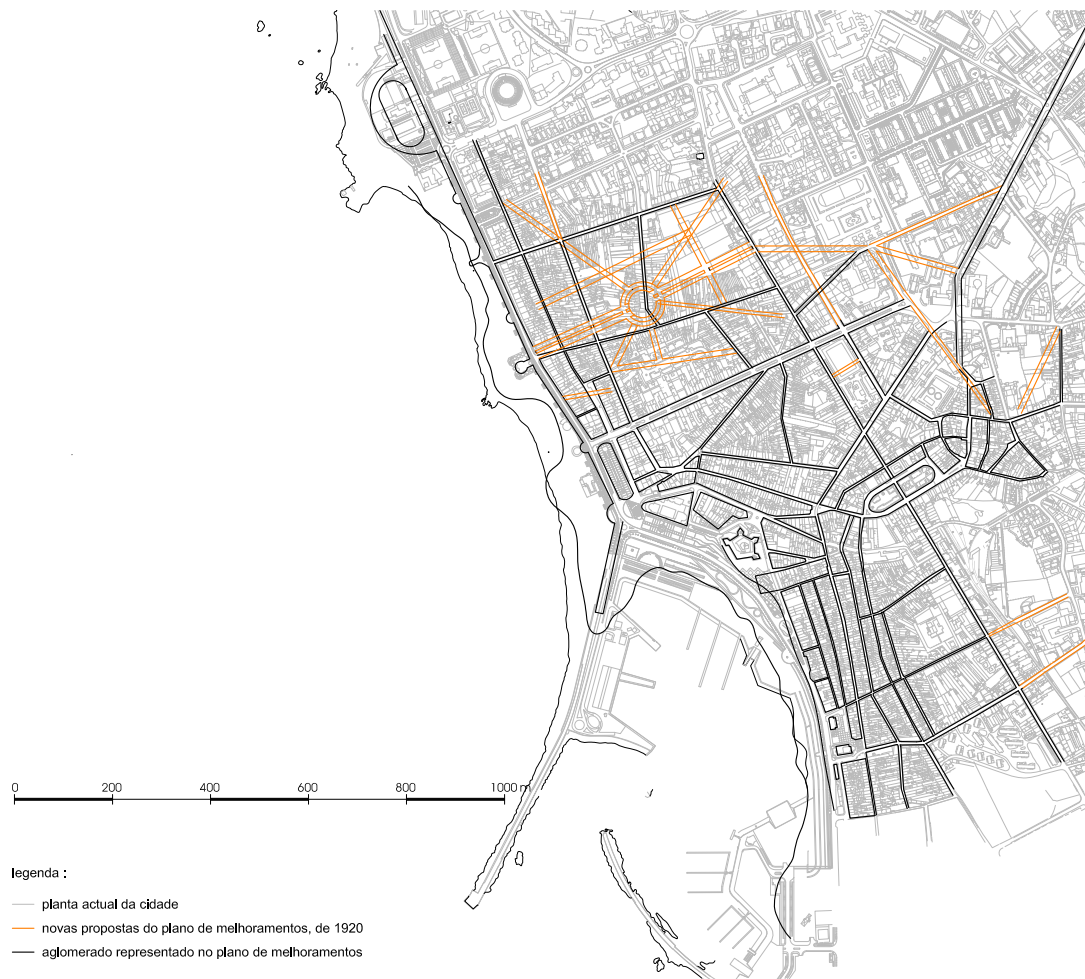
Na zona da praia do peixe não aparece desenhada a parte da marginal sul. Sabendo-se que a proposta de 1916 pelo menos foi iniciada, o facto de neste plano não existir nenhuma rua sobre o areal, leva-nos a questionar se esta teria sido destruída pelo mar, como por vezes aconteceu. Por outro lado, se essa rua não existia é estranho que, neste plano de melhoramentos, não apareça a intenção de a realizar, pois, nos anos anteriores esta ideia apareceu vincada em duas propostas - uma em 1913 e outra em 1916.

Ao nível de toda a marginal é interessante verificar que à semelhança da planta de 1901 se continua a distinguir a praia de banhos e a praia de peixe.

¹² LÓBO, Margarida Souza- Planos de Urbanização A época de Duarte Pacheco, FAUP publicações, Porto, 1995, p. 13

¹³ Estes planos eram elaborados na sequência da legislação de 1865, devendo “ocupar-se essencialmente das ruas, praças e jardins, sendo prescritas a obrigatoriedade de alinhamento dos edifícios e as características das vias, largura mínima de dez metros e declive máximo de sete por cento, de modo a assegurar boas condições para a circulação de veículos. As preocupações higienistas reflectem-se na regulamentação de cêrceas, devendo os projectos atender às indispensáveis condições de luz, ventilação, abastecimento de água e drenagem do esgoto. Avançam-se regras de gestão de solo, de forma a garantir a execução de arruamentos. O legislador estabelece a obrigatoriedade de construção ao longo das vias existentes e determina o processo de acerto dos limites de propriedade com os alinhamentos fixados.” Idem, p. 16 e 17

¹⁴ Idem, p. 13



30

Esq. 3 - Sobreposição de planta parcial, do plano de melhoramentos, de 1920, na planta actual da cidade da Póvoa de Varzim



Foto 13 - Estádio Gomes de Amorim



Foto 14 - Café Guarda-Sol, visto da praia, 1922



Foto 15 - Casino e Grande Hotel (do lado esquerdo)



Foto 16 - Fotografia aérea da Avenida dos Banhos, 1936

As grandes intervenções propostas neste plano consistiam numa reformulação do sistema viário, ao nível de toda a vila, mais particularmente na zona norte onde era proposta uma rotunda que reordenaria toda a zona. Dessa rotunda sairiam várias ruas, destacando-se uma pelas suas dimensões: uma ampla alameda perpendicular ao mar, desde a Estrada Municipal, Póvoa de Varzim - Esposende (antiga EN13) até à zona do Carvalhido. Esta Avenida seria ainda mais larga que a Av. Mousinho de Albuquerque e teria uma ligação ao Largo das Dores. Embora esta intervenção, também, apareça marcada na planta de 1901, deverá ter sido desenhada posteriormente à realização do primeiro levantamento da Vila. A confirmar, esta suspeita, o facto de também estar marcado, na planta de 1901, o Velódromo. No início do século, as intenções para o Alto de Martim Vaz, passavam primeiro pela realização ali de um enorme alargamento e, pelo ano de 1910, pretendia-se a construção de uma grande rotunda - altura em que deve ter construído o Velódromo. Por este motivo, e pelo facto da planta de 1901 parecer ter servido de base para a planta de 1920, acredita-se que terão desenhado sobre este levantamento.

Na planta, de 1920, estava também assinalada uma rua perpendicular ao mar, entre as actuais ruas Serpa Pinto e a Elias Garcia. Nenhumas destas ruas, que seriam realizadas à custa da demolição do tecido existente, foram realizadas. Segundo Margarida de Souza Lobo "O interesse desta proposta radica no entendimento das operações de reforma urbana de que as intervenções de Haussmann, em, Paris, são o paradigma. Não são as expansões de Ressano Garcia em Lisboa, na linha dos ensanches o modelo desta proposta; ela reflecte operações anteriores, da segunda metade do séc. XIX, e prenuncia os esventramentos que serão propostos entre nós nos anos quarenta, na pegada das grandes operações de renovação urbana da Itália fascista."¹⁵

"Na zona da Praia do Peixe, as vias menos densamente edificadas são rectificadas e alargadas para o interior, de forma a constituir-se uma rede viária principal que integre os subúrbios no aglomerado da Póvoa de Varzim." ¹⁶ Devido ao facto de só ter sido possível uma análise sobre uma fotografia da planta, e não sobre um desenho a uma escala perceptível, não foi inteligível quais as ruas rectificadas ou alargadas. Apenas é nítido o prolongamento de duas ruas perpendiculares ao mar, para nascente da estrada real.

Mas aquilo que sobressai deste plano, mais do que as realizações previstas é, sem dúvida, a importância da Póvoa de Varzim ter sido pioneira no planeamento urbanístico, a nível nacional, revelando as preocupações urbanísticas por parte de quem governava a Vila.

Por último, para caracterizar a evolução da frente de mar, durante as primeiras três décadas do século XX, importa referir a construção de importantes equipamentos como: o Velódromo mais tarde transformado em Estádio, no Alto de Martim Vaz; a Esplanada do Carvalhido; o Guarda-sol; o Diana Bar; o Casino e o Grande Hotel.

Durante este período muitos melhoramentos foram realizados, outros ficaram aquém das expectativas. No entanto, estes foram, sem dúvida, trinta anos de enormes investimentos no espaço público.

¹⁵ LÓBO, Margarida Souza - op. Cit., p. 33

¹⁶ Idem, p. 31



Foto 17 - Avenida dos Banhos (em frente ao Passeio Alegre), 1940



Foto 18 - Passeio Alegre

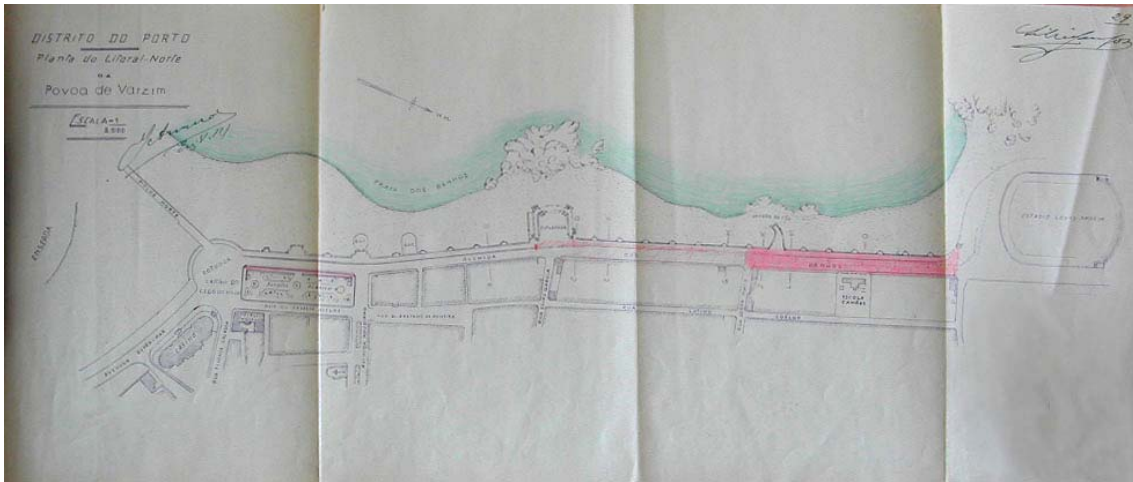


Fig. 23 - planta do projecto de pavimentação de passeios e faixa de rodagem da Av. dos Banhos, entre a Rua Serpa Pinto e o Estádio Gomes de Amorim, 1941

32

A referir:

- Passeio Alegre desenhado como um jardim público, com um coreto e já com a estátua do Cego de Maio, no sítio onde hoje se encontra
- Avenida dos Banhos com novo murete, a tracejado a marcação do que se pretende aumentar em largura à avenida, entre a esplanada do Carvalho e o estádio Gomes de Amorim

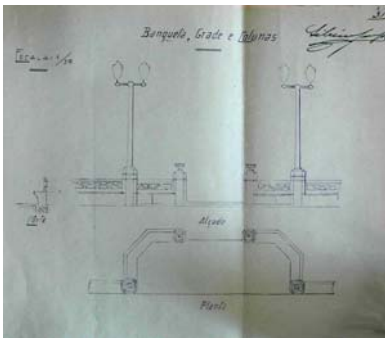


Fig. 24 - planta, alçado e corte do gradeamento tipo e candeeiros, previstos para a Av. dos Banhos, 1941

A Póvoa iniciou este período como uma importante estância turístico-balnear e centro piscatório. A grande aposta foi conseguir a pavimentação de toda a Avenida dos Banhos, a partir da Esplanada do Carvalhido até ao Estádio Gomes de Amorim (1941). Para além da pavimentação pretendia-se alargar o perfil transversal tipo, demolir e reconstruir a balaustrada e substituir os candeeiros de iluminação pública.

Surgiram diversos problemas que atrasaram esta realização: dificuldade na comparticipação do estado; necessidade de autorização para alargar a faixa de areal, pertencente ao domínio público marítimo; problemas com a obtenção de alguns materiais. Quando parte dos problemas estava resolvida, havia sempre um que ficava por solucionar; fosse por falta de dinheiro ou porque o prazo de cedência da faixa de areal terminava. Enfim, de todo este processo importa referir o enorme esforço empreendido para a concretização destas obras, com o sacrificar de realizações no resto da cidade.

O Passeio Alegre manteve-se, ao longo destas duas décadas, como um espaço público fundamental. Este jardim continuou a ser a única zona na marginal com espaços verdes e um local muito apreciado. Fizeram-se algumas alterações no jardim: como a introdução de um coreto diferente; a construção de instalações sanitárias subterrâneas (1952); ao nível do mobiliário urbano e da iluminação também surgiram alterações; assim como o redesenho dos canteiros, a mudança de pavimento (para betonilha vermelha) e a colocação de uma fonte luminosa no centro do jardim (1959); mas nada que alterasse a natureza deste espaço.

33

Durante o ano de 1947 foi aprovado o ante plano de urbanização da Vila, realizado pelo Eng. Miguel Resende e pelo Arq. Agostinho Rica Gonçalves.

Fazendo o ponto de situação, no panorama nacional, a este nível verifica-se que, embora os Planos Gerais de Urbanização fossem criados em 1934, por Duarte Pacheco, só a partir de 1941 é que começam a ser entregues os primeiros levantamentos topográficos e a iniciar-se alguns planos de urbanização. Tem-se conhecimento que em “1948 encontram-se aprovados 28 ante planos”¹⁷ e a Póvoa pertence a este grupo. Pode-se afirmar que foi dos primeiros aglomerados a produzir o seu plano.

Analisando, genericamente, as intenções do Ante-Plano de urbanização ao nível da Vila, com principal destaque, na zona marginal, importa referir:

Ao nível dos arruamentos propostos, destaca-se uma variante à EN 13, que não foi construída, para além de um novo esquema viário a nascente da estrada nacional, que praticamente não foi realizado.

Embora as novas vias indicadas no plano, globalmente, não tenham sido realizadas, o mesmo não se passou com as indicações para a marginal.

¹⁷ LÔBO, Margarida Souza - op. Cit., p. 35

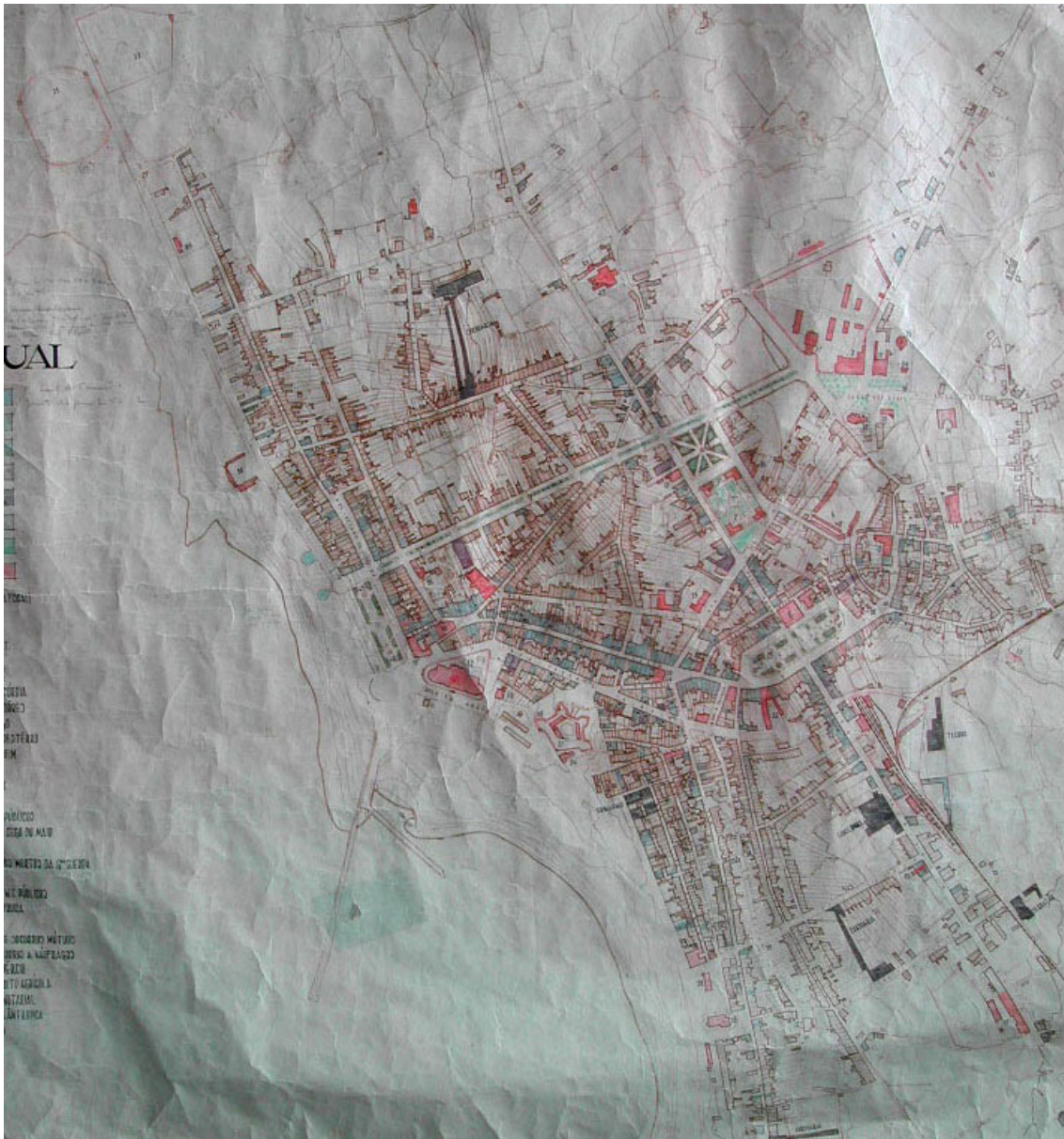


Fig. 25 - planta do estado actual da vila, 1947

Legenda:

Estado Actual:

Comércio (azul claro)
 Oficinas (azul + claro)
 Armazéns (azul ++ claro)
 Garagens (lilás)
 Fábricas (cinza escuro)
 Lavoura (cinza claro)
 Verdes Públicos (verde)
 Edifícios de Interesse Público (cor de rosa)

. Câmara Municipal
 . Mercado
 . Hospital
 . Estação
 . Museu Etnográfico
 . Quartel dos Bombeiros
 . C.T.T.
 . C. G. De Depósitos
 . Matadouro
 . Bombeiros
 . Central Eléctrica
 . Liceu
 . Escola Comercial
 . Igreja Matriz
 . Teatro Garrett
 . Póvoa-Cine
 . Casino
 . Palácio Hotel
 . Cemitério

. Cadeia
 . Estádio Gomes de Amorim
 . Varzim Sport Club
 . Capitania
 . Colégio
 . Escolas Primárias
 . Farol
 . Posto Semafórico
 . Casa dos Pescadores
 . Escola dos Pescadores
 . Creche dos Pescadores
 . Castelo
 . Lavadouros
 . Dispensários
 . Igrejas
 . Capelas
 . Horto Municipal
 . Club Naval
 . Monumento ao Cego de Maio

Pela planta do estado actual da vila é notório que na zona a norte do penedo de Cõe (da rua Serpa Pinto) além da marginal e de uma paralela a esta, não existia mais nada. Para esta zona foi proposta toda uma nova rede viária. Com excepção de uma rua, todas as outras propostas serão realizadas. Dessa nova rede destacam-se duas amplas Avenidas de ligação ao mar, a Avenida Vasco da Gama e a Santos Graça.

Para a marginal sul, foi proposta a construção de uma Avenida, desde a Fortaleza até à Igreja da Lapa, sendo que na planta do existente não está representada nenhuma rua nesta zona.

Segundo o zonamento apresentado, a zona a norte da Avenida dos Banhos (limite com Aver-o-Mar) estava classificada como centro desportivo. As indicações do ante-plano foram no sentido da continuação da zona desportiva ali existente (dois campos de jogos), muito embora o autor referisse que esse local não era o mais favorável, pela proximidade ao mar e pela exposição a ventos. Embora pelo investimento, já ali aplicado, o centro desportivo se mantivesse no mesmo local também se advertia para que, quando houvesse possibilidade, esta localização fosse alterada, para a zona agrícola circundante. A zona desportiva, a norte da Avenida dos Banhos, foi acolhendo durante estes últimos cinquenta anos diversos equipamentos (dois complexos de piscinas, uma academia de ténis, um pavilhão desportivo e o estádio do Varzim). Só a partir da primeira década do séc. XXI é que se começou a investir em equipamentos (estádio municipal) numa nova zona desportiva, no actual Parque da Cidade.

A oeste da zona desportiva estava reservada uma ampla zona para parque florestal, cuja missão era “proteger a urbe dos desagradáveis ventos do quadrante norte”.¹⁸ Este parque que definia claramente o limite norte da cidade, assumia um relevo tal que a Avenida Vasco da Gama se desenvolvia dentro deste. Esta indicação acabou por não ser respeitada, construindo-se nestes terrenos.

Quanto à zona industrial e zona ferroviária previstas, isso também não foi posto em prática.

É de referir a importância dada à linha de caminho de ferro, neste plano, em que se propôs a sua ligeira deslocação para nascente. Esta medida reforçava a importância da estação, com uma ampla praça fronteira, de onde saíam dois acessos, um para a Praça do Almada e outro para a zona portuária. Esta proposta não foi realizada.

Ao nível das cérceas autorizadas: para a Avenida dos Banhos previu-se a construção até quatro pisos e para o Passeio Alegre apenas três.

Relativamente aos equipamentos propostos, para a zona da marginal, seguiu-se a indicação para a construção da Praça de Touros (1949), assim como para o complexo de piscinas sobre a praia (1954) e, mais tarde, o mercado do peixe, na zona sul.

Quanto à creche prevista em cima da praia, no final da rua Santos Graça, não foi executada.

Assim como não se realizou o aproveitamento do miolo de um quarteirão para a localização de um, enorme, parque de estacionamento. Essa sugestão foi, mais tarde, substituída pela construção de prédios à volta de uma praça, actual João XXIII. É neste plano, que pela primeira vez, se faz referência a preocupações com o estacionamento automóvel, até aqui esta necessidade nunca tinha sido demonstrada. Prevêem-se parques de estacionamento para o quarteirão, acima mencionado, e em frente ao casino, esse realizar-se-á. Ao nível da Vila, diversos equipamentos são propostos, uns realizados outros não; mas, por não ser este o âmbito deste trabalho, uma análise detalhada a este campo, fugiria dos objectivos traçados.

¹⁸ CENTRO DE ESTUDOS DA F.A.U.P - Plano de urbanização da Póvoa de Varzim Relatório, p. 5



Fig. 26 – Planta do anteplano de urbanização da Póvoa de Varzim, 1947

36

Legenda:

Edifícios de interesse público:

Existentes, com instalações próprias:

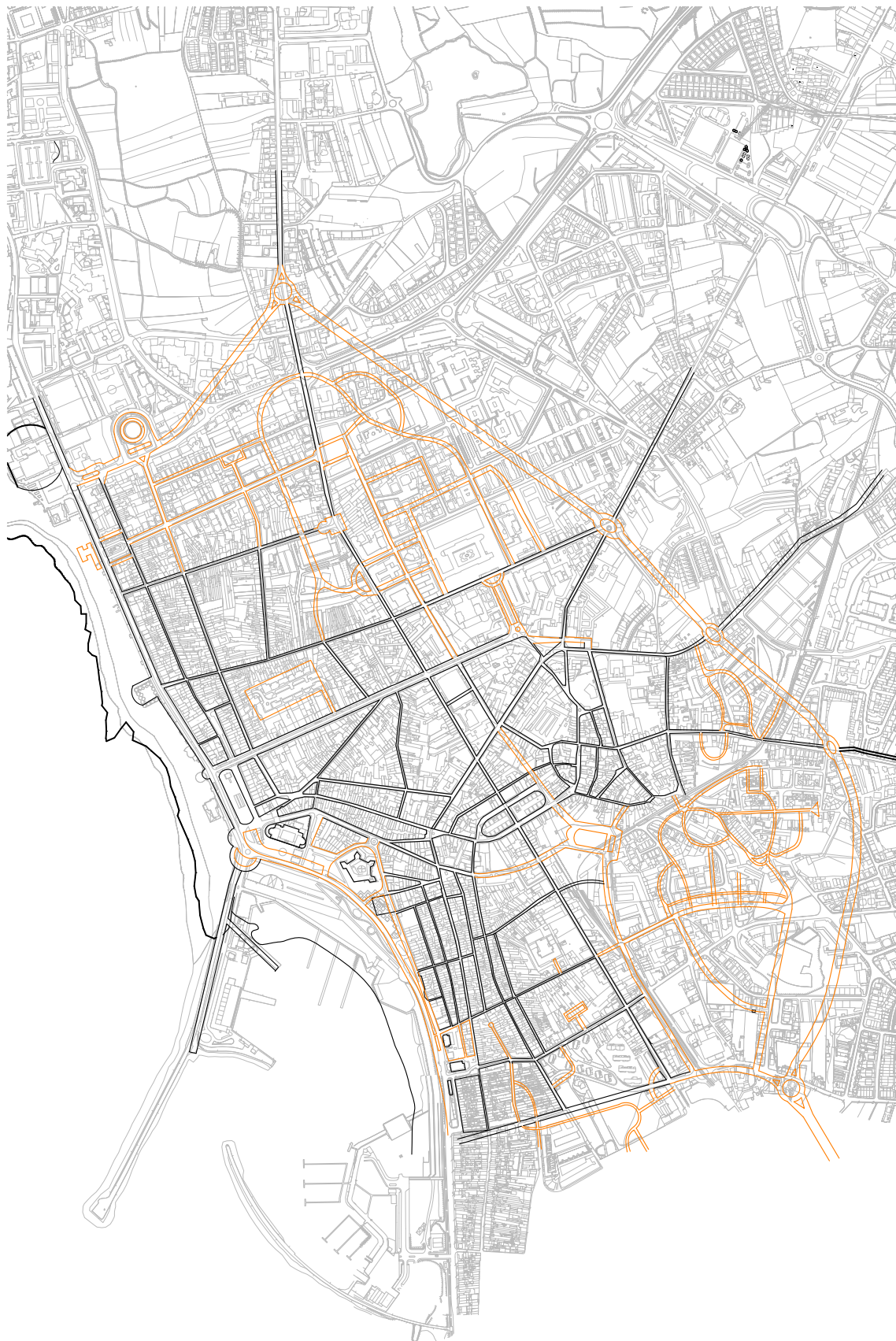
- . Câmara Municipal
- . hospital
- . C. G. De Depósitos
- . Museu Etnográfico
- . Escolas Primárias
- . Quartel dos Bombeiros
- . Palácio Hotel
- . Teatros e Cinemas
- . Casino
- . Castelo
- . Capitania do Porto
- . C.T.T.
- . Casa dos Pescadores
- . Semáforo
- . Cadeia
- . Dispensário A.N.T.
- . Lavadouros
- . Cemitério
- . Campos Desportivos
- . Colégios

A construir:

- . Liceu
- . Escola comercial
- . Escolas primárias
- . Estação de CP
- . Tribunal
- . Biblioteca
- . Mercado central
- . Mercado de peixe
- . Cine-teatro
- . Piscina
- . Centrais de camionagem
- . Praça de touros
- . Parques de estacionamento
- . Dispensários
- . Creches
- . Centro social
- . Quartel
- . Lavadouros
- . Matadouro e feira

Zonamento:

- . Zonas residenciais R1
- . Zonas residenciais R2
- . Zonas mistas de comércio e de residência
- . Centros comerciais
- . Zona balnear
- . Zona portuária
- . Zona industrial
- . Zona de armazéns e artesanato
- . Zona ferroviária
- . Centro desportivo
- . Zona agrícola
- . Nova rede viária



0 200 400 600 800 1000 m

legenda :

- planta actual da cidade
- novas propostas do plano de urbanização de 1947
- aglomerado representado no plano de urbanização de 1947

Esq. 4 - sobreposição da planta do ante plano de urbanização, de 1947, na planta actual da Póvoa de Varzim

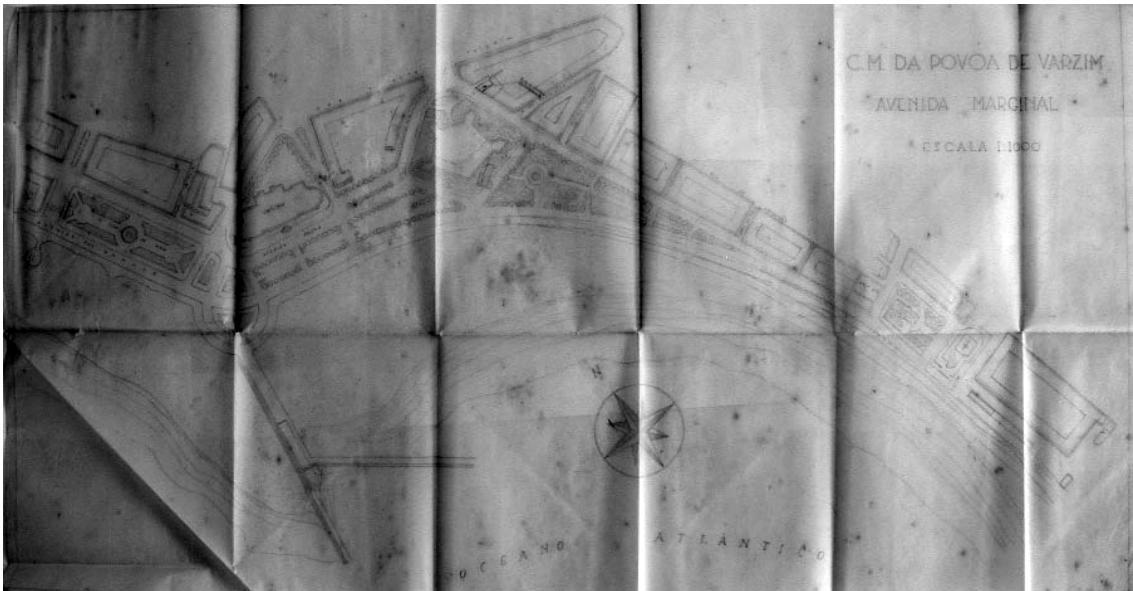


fig. 27 - planta do projecto de construção da Av. marginal, desde o Castelo até igreja da Lapa, 1947



Fotos 19, 20, 21 e 22 - Passeio Alegre

Seguindo as indicações do Plano de Urbanização da Vila, iniciou-se, nesse mesmo ano, a elaboração do projecto de construção de arruamentos e ajardinamento da zona Litoral Sul, embora só se tenha conseguido iniciar as obras em 1953 (cerca de seis anos depois) e estas perdurassem até 1955.

A memória descritiva deste projecto refere-se à beneficiação da zona litoral entre o Largo Cego de Maio e o limite sul do concelho, compreendendo a pavimentação a paralelepípedos, construção de passeios, colector de esgotos de águas pluviais, ajardinamento, arborização e colocação de rede de iluminação pública.

O estado do local é considerado deplorável, dificultando o trânsito a peões e quase impossibilitando o movimento de veículos automóveis. Tratava-se de uma zona que teve diversos melhoramentos (1916 e 1933), mas que a força do mar por diversas vezes danificou.

Os passeios foram propostos em betonilha e as faixas de rodagem e o parque de estacionamento em paralelepípedos de granito. Os arruamentos dos jardins seriam pavimentados com saibro vermelho e as árvores escolhidas seriam os choupos.

Ao nível da arborização e dos espaços verdes propostos, a concretização deste projecto ficou aquém das expectativas. Não se realizou a grande zona ajardinada a sul da fortaleza assim como não se arborizou a avenida.

Seguindo as indicações do ante plano, o parque de estacionamento localizava-se entre o casino e a fortaleza (esta é a primeira vez que se faz referência à construção de zonas para estacionamento).

Desde a primeira planta conhecida da Vila (1901) que existe uma nítida diferenciação entre a praia dos banhos e a praia do pescado. Mesmo depois de várias intervenções, esta tendência de associar a zona norte com a zona balnear e a sul com o meio piscatório manteve-se, reflectindo-se também no tipo de habitações. É curioso que este projecto tenha desenhado um tipo de implantação de edifícios, que nunca existiu (onde ainda hoje existem dois terrenos com fábricas e o resto são lotes estreitos e compridos de habitações unifamiliares).

Seria assim que, se pensava que se desenvolveria esta parte da marginal, ao nível do edificado? Teria este projecto a intenção de dinamizar/transformar esta zona da Vila?

Talvez se imaginasse que ao potencializar uma zona que ainda não tinha tido grandes investimentos, se seguisse a substituição das habitações unifamiliares de pescadores por edifícios de outra escala.

Relativamente aos equipamentos construídos na marginal, durante este período os dois mais relevantes foram a Praça de Touros (1949) e o complexo de piscinas (1954), no Alto de Martim Vaz (no local onde em 1910 se inaugurou o Velódromo e em 1925 o Estádio Gomes de Amorim). Ambos os equipamentos foram sugeridos no ante plano de urbanização de 1947.

No plano havia a indicação para que apenas fossem consentidas construções, na praia, de carácter temporário durante a época balnear (com excepção da piscina); essa advertência teve e tem uma dificuldade extrema de aceitação. E as excepções à regra sempre aconteceram.

Durante o ano de 1949 foi legalizada a já construída Esplanada do Carvalhido (sobre a praia).

Comparando este período com os dois anteriores, pode-se dizer que, mais do que mudanças estruturais fundamentais no espaço público, assistiu-se a uma densificação geral dos quarteirões. Esta foi a altura em que se construiu a maior parte das casas na Avenida dos Banhos, em que o aglomerado cresceu para norte.



40



Fotos 23, 24, 25 e 26 - passeio alegre



Foto 27 - marginal, início da mudança de escala dos edifícios

A Póvoa iniciou os anos 60 como uma cidade pouca extensa e equilibrada.

Com edifícios de dois ou três pisos, marcados por excepções como a torre da Igreja de S. José ou o Grande Hotel.

Mas o factor que marcou esta época foi, sem dúvida, a massificação do turismo. Um dos reflexos desta enorme afluência de pessoas foi o incremento imobiliário.

A partir de metade da década de 60 iniciou-se a construção, em altura¹⁹, na Póvoa, assumindo-se que o plano de urbanização de 1947 estava desactualizado (autorizava a construção na avenida até 4 pisos de altura); começou, a partir dessa data, a autorizar-se o aumento das cérceas.

Construiu-se em 1966, no topo norte da Avenida o, então, prédio mais alto da Póvoa, com rés-do-chão mais nove andares. Esta altura rapidamente se generalizou aos restantes edifícios.

A partir deste momento, iniciou-se um crescimento urbano, em que a pressão imobiliária foi muito forte e o planeamento urbanístico não a conseguiu orientar.

E, infelizmente, “Os mecanismos de planeamento e gestão do espaço não estavam preparados para uma correcta interpretação participativa do fluir económico e do próprio imaginário colectivo e individual. Trata-se de um fenómeno nacional que na Póvoa se verifica muito conseqüente, por vários motivos: o turismo balnear tornou-se uma verdadeira indústria, diversificada e complexa; o parque habitacional tende a crescer e uma boa parte pertence a não residentes, que numa primeira análise, prescindem do mais alto sentido de habitabilidade, tomam como referência mais forte, numa palavra simbólica, o mar.”²⁰

Mais do que qualquer intervenção de destaque no espaço público, da marginal, assistiu-se a uma completa mudança de escala dos edifícios. Essa mudança iniciou-se precisamente na frente de mar, factor que demonstra a valorização desta parte da cidade.

Como resultado de um aumento drástico sazonal da população, surgiram novos problemas a resolver, nomeadamente: a circulação viária, o estacionamento, a recolha de lixos, o tratamento de esgotos, a poluição,

A necessidade que se fez sentir de forma mais acentuada foi a urgência de prever locais para estacionamento. Se até aos anos cinquenta isto não constituía um problema, estacionava-se paralelamente ou em espinha ao longo das vias, nos anos setenta aumenta, drasticamente, o número de automóveis, e o resultado foi o estacionar, caoticamente, em qualquer sítio.

Outro dos reflexos deste turismo de massas foi o enorme aumento do número de barracas, montadas sobre o areal (todas as épocas balneares), o que fez com que do passeio, na marginal, não se conseguisse ver o mar, apenas barracas. Houve uma completa exploração deste negócio. A procura era muita, as barracas eram reservadas de um ano para o outro, e o seu preço bastante alto. A resposta a este aumento de preço foi o aumento proporcional do número de pessoas por barraca. O resultado foi uma completa falta de privacidade e de sossego na praia, onde não havia espaço sequer para estender mais uma toalha.

¹⁹ A propriedade horizontal foi constituída em 1955_ Decreto-Lei n.º 40 333, de 14 de Outubro de 1955

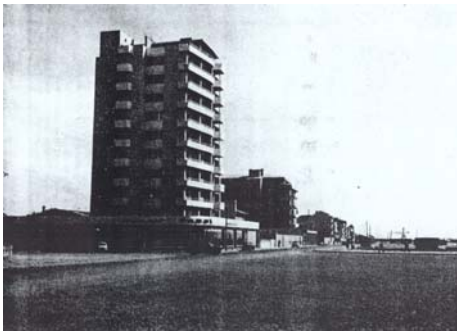


Foto 28 - avenida dos banhos

- (tirada do extremo norte em 1968, edifício mais alto da Póvoa em 1966)

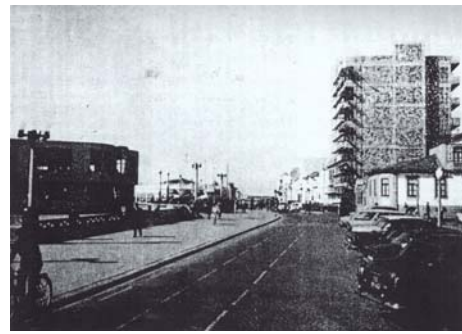


Foto 29 - avenida dos banhos

(tirada perto do Diana-Bar em 1968)



Foto 30 - avenida dos banhos



Foto 31 - praia

42

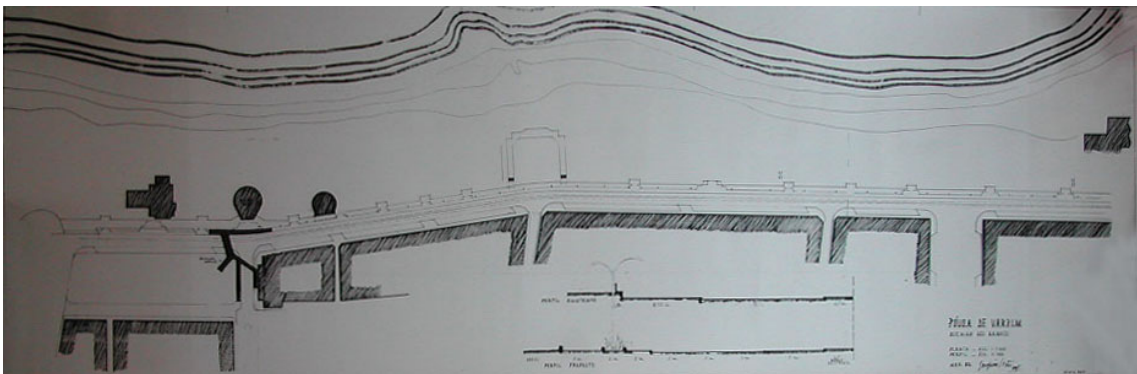


Fig. 28 - planta da proposta de reformulação da Av. dos Banhos, 1982

- marcação da passagem subterrânea

Restringiu-se o leque de turistas a frequentarem a praia da Póvoa. Se até esta altura a procura deste destino era transversal a todas as classes económicas, a partir daí passa a ser um destino mais popular.

Duas obras a destacar durante os anos sessenta são: a construção da lota ou mercado do peixe, na marginal sul (1963/1965) e a conclusão do molhe norte, do porto de pescas (1967). Esta obra veio proteger a avenida, marginal sul, dos danos provocados pelo mar, em alturas de maior turbulência.

Durante o ano de 1982 foi remodelada a Avenida dos Banhos. Esta situação despoletou alguma controvérsia, porque surgiu na sequência de obras de infraestruturas que estavam em curso, sendo aproveitada a oportunidade para pôr em prática um melhoramento urbano, sem discussão pública. O projecto foi da responsabilidade do Arq. Carlos Carvalho Dias.

Com as obras em questão alterou-se o perfil transversal tipo da Avenida que passou a ter: faixa de rodagem com 9.00m (para três faixas de circulação automóvel); baía de estacionamento do lado nascente com 5.00m (para estacionamento em espinha); o passeio do lado nascente manteve-se com 2.5m e o passeio do lado poente ficou com 7.00m de largura.

Entre o passeio e o areal existia um murete/banco, que junto das entradas para a praia, rematava em floreiras. Para evitar a deslocação dos postes de iluminação existentes, estes não ficaram segundo o eixo longitudinal do passeio, mas um pouco deslocados para o lado nascente; onde foram colocadas floreiras, possibilitando o assento nos topos.

Para protecção das saídas da praia foram, também, criadas floreiras junto à guia do passeio (a intenção era evitar que as crianças distraídas corressem o risco de atropelamento).

O pavimento do passeio na Av. dos Banhos passou a ser mosaico hidráulico cor-de-rosa.

A grande novidade desta intervenção foi a criação de uma passagem pedonal subterrânea a ligar a Avenida dos Banhos ao Passeio Alegre. Esta passagem seria dotada de pequenas montras publicitárias e de um pequeno quiosque.

Esta opção é claramente um reflexo da época em questão, e da forma como era encarada a relação automóvel/peão. Hoje não parece fazer muito sentido, para atravessar a rua, descer uma rampa, percorrer um túnel e voltar a subir outra rampa para sair do outro lado da avenida.

A segurança viária que é pretendida com este túnel é completamente contrariada pela insegurança sentida ao percorrer um espaço subterrâneo desta natureza.

O Passeio Alegre manteve-se como jardim público, com a fonte no meio. Foi proposto neste projecto a eliminação do trânsito da rua do lado nascente, situação que não se chegou a realizar.

Com esta reformulação aumentou-se a capacidade de estacionamento ao longo da Avenida e do Passeio Alegre. Nas imediações do Casino também havia parques de estacionamento, sem qualquer tipo de desenho e em terra batida. Mas estas ofertas eram muito inferiores à procura, gerando-se o congestionamento da circulação viária, nas épocas de maior afluxo de pessoas. Este grave problema passou, sem qualquer tipo de resposta, como herança para os anos seguintes.



Foto 32 - Passeio Alegre



Foto 33 - Café Maresia no Passeio Alegre



Foto 34 - Fotografia Aérea Frente de Mar P.V.

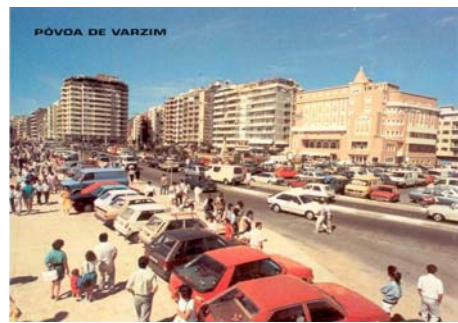


Foto 35 - Frente de Mar

- A destacar:
 - . nova volumetria
 - . ao fundo o edifício de 28 andares em Aver-o-Mar, quando foi construído, nos anos 70, era o mais alto edifício do país

44

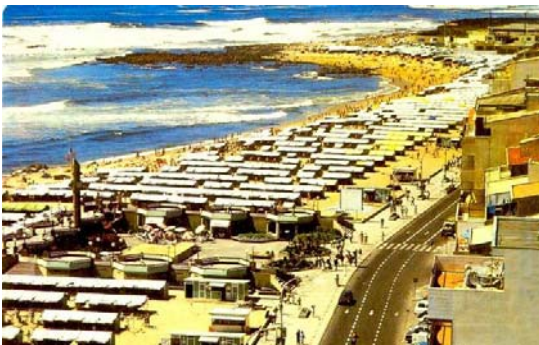


Foto 36 - Av. dos Banhos zona da Esplanada do Carvalhido



Foto 37 - Esplanada do Carvalhido, 1º piso

Entre 1982 e 1984 realizou-se o estudo prévio do Plano Geral de Urbanização da Cidade, da autoria do Arq. Carvalho Dias.

Embora uma análise deste plano fuja claramente dos objectivos traçados, importa referir dois aspectos fundamentais deste estudo: a sugestão de localização do parque da cidade e a proposta de certas vias.

A ideia do parque florestal, do plano de 1947, foi continuada, embora em outra zona, igualmente a norte, aproveitando a “lagoa” - antiga pedreira, sob o conceito de Parque da Cidade. O local sugerido foi preservado para esse fim, mas só vinte anos depois é que se iniciou a primeira fase dos projectos para o Parque da Cidade. Já foram realizadas duas fases, tendo a última sido inaugurada em 2009, com projecto do Arq. Sidónio Pardal.

Uma das vias propostas, neste plano, assemelha-se, em termos de intenção, à variante à E.N.13 que era prevista no plano de 1947, e que não só não se realizou como não se guardaram esses terrenos para mais tarde o fazer. Nesta nova proposta, o traçado é diferente mas os objectivos idênticos.

Ao contrário das indicações traçadas no ante plano de 1947, relativamente às construções sobre o areal, não houve nenhum esforço para as retirar da praia. Pelo inverso, há uma consolidação dos equipamentos existentes e um aumento do seu número.

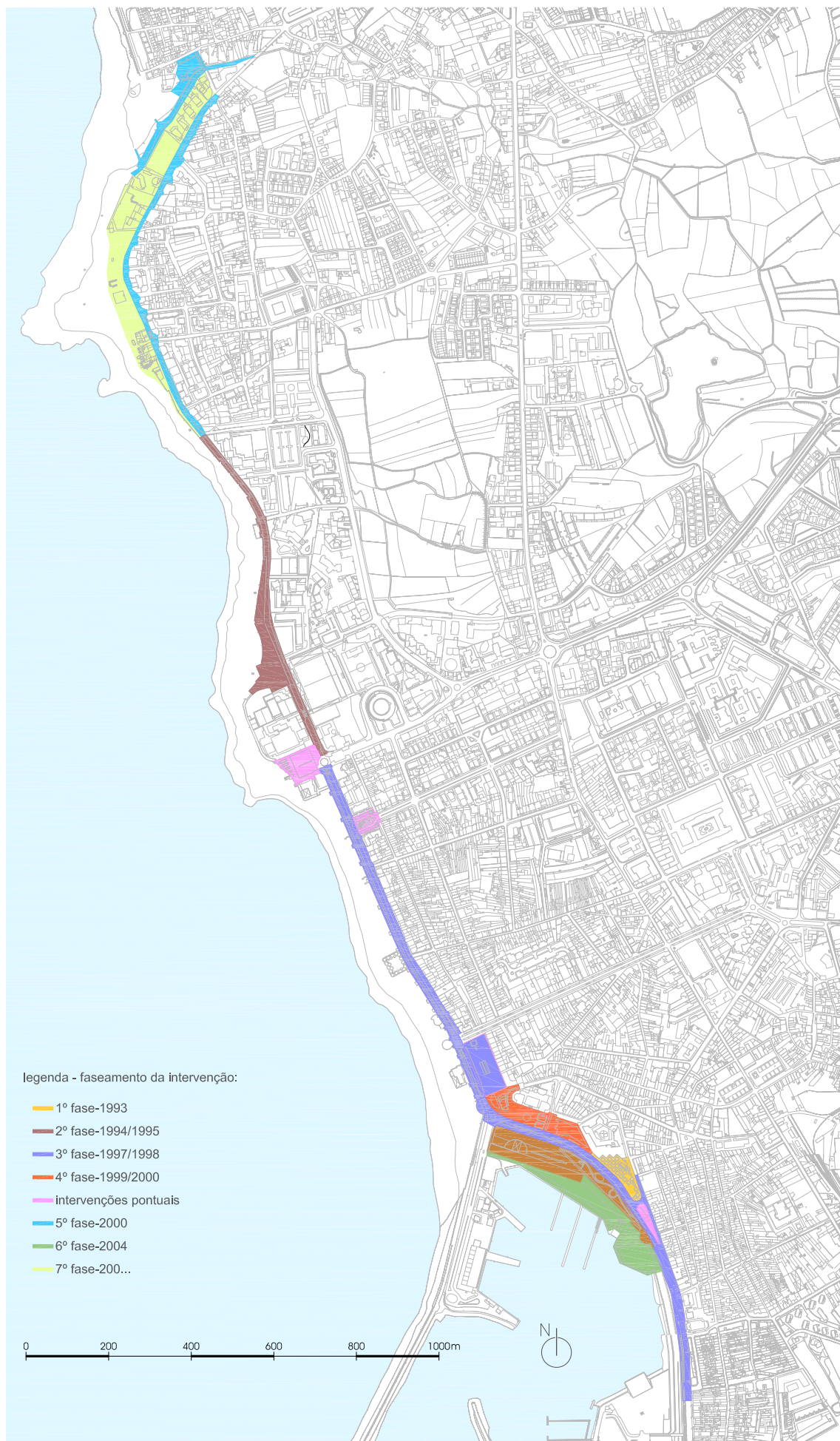
Em 1984 fez-se uma completa reformulação da Esplanada do Carvalhido, projecto a cargo do Arq. Miguel Loureiro. Da anterior esplanada manteve-se apenas a localização e, na sua generalidade, o anterior programa. As grandes alterações deram-se ao nível da sua forma (passou a ser composta por octógonos), à sua altura e ao nível dos materiais construtivos. No rés-do-chão passou a existir uma espécie de praceta rodeada de cafés, bares, lojas e casas de banho públicas e no piso de cima pequenos octógonos formam miradouros sobre a praia (foto 36 e 37).

Sobre a praia construíram-se mais dois cafés: o Enseada (1968), no extremo sul (hoje discoteca Hit) e o Maresia, no extremo norte (hoje discoteca Budha).

Em 1987 inaugurou-se uma piscina e um court de ténis, na zona do Alto de Martim Vaz. Mais uma vez, o equipamento existente neste local é alterado, mas, sempre ligado a vertentes desportivas.

Como síntese deste período poderia dizer-se que se “desencadeou um processo sistemático e coerente de apropriação do espaço, marcado pelo predomínio da acção individual sobre uma concepção global da cidade. Concepção que a administração pública não pôde representar”²¹.

²¹ Id., ibid.



Esq. 5 - planta com a definição das diversas fases de valorização da frente de mar 1993 - 2010

Há uma consciência colectiva que nas últimas três décadas muita coisa mudou, perdeu-se o equilíbrio estrutural que caracterizava a Póvoa até aos anos sessenta, “confundiou-se aumentar com urbanizar”²².

A Póvoa descobre, da pior forma, à custa da sua qualidade urbana que, “o espaço já não pode ser construído sem planos e projectos e a sua implantação. Se em momentos históricos ou de lento crescimento, o bom senso, o consenso e o tempo eram suficientes para controlar a forma urbana, com os seus ritmos actuais é cada vez maior a necessidade de planos e de vontade politico-administrativa de os cumprir”²³.

Este parece ser um momento chave de mudança de atitude relativamente ao espaço público, por parte da gestão autárquica. Ao contrário das últimas décadas, volta-se a apostar no desenho urbano, como forma de requalificar a cidade.

A intenção é apostar na imagem da Póvoa, completamente desqualificada nos anos anteriores; e, mais uma vez, a marginal é zona nobre, sobre a qual recaem todas as expectativas.

Em termos económicos estão garantidas condições para este enorme investimento.

Em nenhuma época tinha sido possível intervir, num tão curto espaço de tempo, desde Aver-o-Mar até ao limite sul do concelho.

Se, anteriormente, apenas a Avenida dos Banhos, o Passeio Alegre e a Avenida dos Descobrimentos eram alvo de atenção, desta vez, houve um aumento significativo da área a tratar. A marginal aumentou para norte e a ganhou-se uma grande área na zona do porto de pescas.

Os projectos foram pensados de forma a garantir unidade, estão presentes fortes preocupações ao nível do usufruto do peão e da resolução da ausência de estacionamento, nas alturas de maior afluxo de gente.

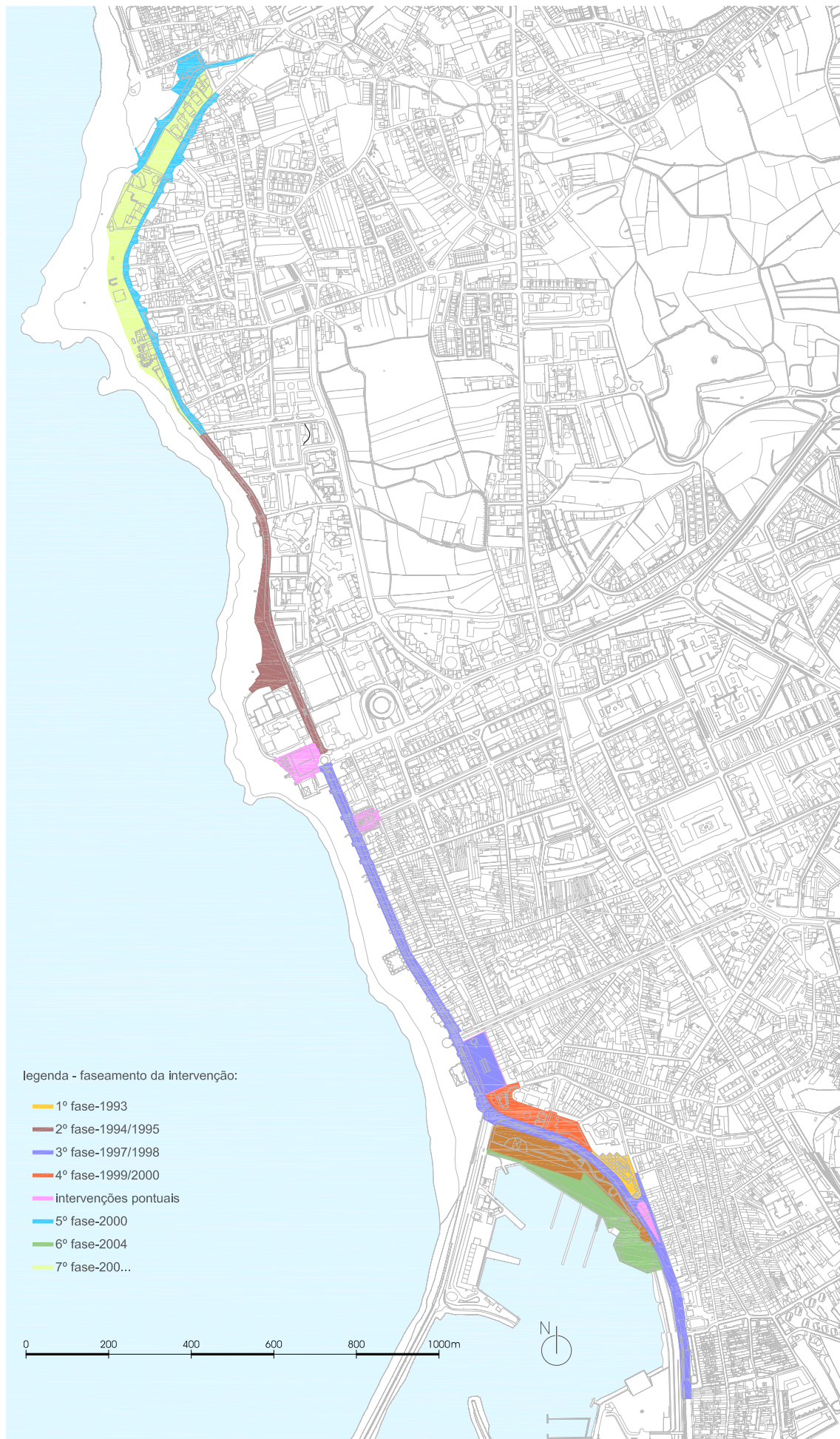
Sendo um dos maiores objectivos da intervenção superar a carência de estacionamento automóvel, projectaram-se, na zona na marginal, seis parques de estacionamento à superfície e um subterrâneo. Desenharam-se, ainda, os lugares, paralelos a um dos passeios, da Avenida dos Banhos e da Avenida dos Descobrimentos, e em frente ao Passeio Alegre, em espinha, dos dois lados da Avenida dos Banhos.

Como medida suplementar, ao aumento de lugares na marginal, foram criados diversos parques periféricos, em que se incentiva as pessoas a deixarem aí os automóveis e a percorrê-los, no caso mais afastado, cerca de 900m a pé em direcção à praia.

Todo o estacionamento na marginal é pago, com excepção do parque de estacionamento em frente ao estádio do Varzim e os de Aver-o-Mar. Em contrapartida, os parques periféricos são grátis. Embora a hipótese de deixar o carro mais longe não pareça, à partida, muito aliciante; já começam a ser utilizados os parques periféricos.

²² Id., ibid.

²³ LAMAS, José M. Ressano Garcia - Morfologia Urbana e Desenho da Cidade, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989, p. 114



Esq. 5 - planta com a definição das diversas fases de valorização da frente de mar 1993 - 2010

Uma característica que sobressai, nesta última intervenção, é o relevo dado às actividades desportivas, não só ao nível de equipamentos existentes, como no desenho dos espaços exteriores.

Foi criado um campo de basquetebol, uma zona em cima da praia reservada à prática de voleibol e futebol de praia e, durante a época balnear, é criada uma zona para a prática de ginástica. Por fim, uma pista reservada a bicicletas percorre toda a marginal.

Ao longo deste estudo da marginal verifica-se que a utilização de mobiliário urbano, iluminação e pavimentos, têm variado muito conforme as inovações tecnológicas, os gostos, as possibilidades económicas e as vivências das diferentes épocas. No entanto, importa referir que, nesta última intervenção, há uma maior diversidade a este nível que em todas as épocas anteriores.

Para este facto terá contribuído, sem dúvida, o aumento significativo da área a tratar e a grande diversidade de oferta existente, hoje, no mercado. Outro motivo para isto acontecer é o facto de esta intervenção ter sido feita, em diversas fases, num espaço de cerca de dez anos e por projectistas distintos (Arq. Alcino Soutinho, Centro de Estudos da F.A.U.P., Arq. Victor Mogadouro, Arq. Rui Bianchi, Departamento de Obras Municipais da Câmara da Póvoa de Varzim, Arq. Inês Lobo e Arq. João Gomes Silva). Desta forma, as diversas zonas da marginal, Praça 5 de Outubro, Passeio Alegre, Zona em frente ao Casino, Zona do Porto de Pescas, Antiga lota de Peixe, Parques de Estacionamento são pontuadas por elementos diferentes.

No entanto, importa referir, que à parte desta diversidade, temos, pela primeira vez, uma Avenida desde Aver-o-Mar até ao limite do concelho, a funcionar como um fio condutor. Embora com diferentes perfis tipo são utilizados os mesmos pavimentos e, segundo um determinado ritmo, a mesma iluminação e o mesmo mobiliário urbano, de forma a transmitir uma continuidade de imagem.

Uma característica que só nesta última intervenção foi verdadeiramente explorada foi a importância dada à arborização e aos espaços verdes.

Foram plantadas árvores ao longo de toda a Avenida Marginal, no Passeio Alegre, na zona da Fortaleza e em diversos parques de estacionamento.

Como espaço verde tivemos, nas décadas anteriores, apenas o jardim do Passeio Alegre. Na última intervenção, este espaço deixou de ser um jardim e passámos a ter, em substituição, as zonas ajardinadas à volta da Fortaleza, em frente ao porto de pescas e a norte da zona de Alto de Martim Vaz.

Relativamente à praia, houve durante este período uma diminuição bastante grande, do número de barracas montadas sobre o areal em todas as épocas balneares. Esta medida foi muito mal aceite pelos concessionários do areal, que viam o reduzir de uma importante fonte de receitas. Mas, felizmente, o bem geral sobrepôs-se aos benefícios individuais.

Segundo um critério de unidade, foram substituídas as barracas dos banheiros e os pequenos bares, sobre o areal, por dois projectos tipo que se repetem ao longo de toda a costa.

Como ponto de situação, desta época, importa salientar o enorme investimento na qualificação do espaço público da frente de mar. Mas, acima de tudo, parece-me existir uma consciencialização forte, de que possuímos uma enorme mais valia, que interessa preservar.



Foto 41 - limite da Póvoa com Aver-o-Mar

Em 1990 foi aprovado um protocolo entre a Câmara Municipal e o Centro de Estudos da F.A.U.P. sob a forma de consultoria destinada a apoiar a gestão urbana municipal. A função do Centro de estudos era criar as bases para a elaboração do Plano Director Municipal e a elaboração de projectos, a serem executados com as verbas resultantes da concessão da zona de jogo, nomeadamente:

- 1- Parque da Cidade pelo Arq. Fernando Távora;
- 2- Marginal de Vila do Conde ao Largo Dr. José Pontes, incluindo dois parques de estacionamento subterrâneos pelos Arqs. Domingos Tavares, José Quintão e Lúcio Parente, do C.E.F.AU.P.;
- 3- Marginal entre o Largo Dr. José Pontes até ao limite norte do concelho, pelo Arq. Alcino Soutinho;
- 4- Campo de tiro, na serra de Rates, pelo Arq. Rolando Torgo;
- 5- Núcleo de estacionamento de embarcações de recreio (marina) pela Hidrotécnica Portuguesa.

Em 1991 realizou-se um dos estudos acima mencionados - o projecto do Arq. Alcino Soutinho para a marginal a norte da Póvoa.

A salientar que a única vez que se fez um projecto para a marginal, a norte da cidade, foi em 1898 e não se realizou. Desta vez, cerca de cem anos depois, não se tratava de prolongar a avenida marginal da Póvoa, para norte, mas sim de intervenções pontuais ao longo da costa.

Este projecto, que se dividia em cinco áreas de intervenção, tinha uma abrangência muito mais alargada do que a análise proposta para esta dissertação. Aqui, o objecto de estudo situa-se entre o limite sul do concelho e o limite norte com Aver-o-Mar, ou seja, apenas a marginal da Póvoa; enquanto que, no estudo em causa, a área de intervenção ia desde o Alto de Martim Vaz até ao limite norte do concelho (englobando Aver-o-Mar e Aguçadoura). Desta forma apenas se analisará a área englobada no âmbito deste trabalho entre o Alto de Martim Vaz e o lugar de Fragoso (Aver-o-Mar).

Na zona englobada neste trabalho (zona 1) pretendia-se suprimir o trânsito automóvel e criar três parques lineares de estacionamento. As transformações propostas visavam criar situações diversificadas, ao nível da imagem e da utilização, através de acontecimentos que incluíam locais de passeio ajardinados, integrando pequenos equipamentos de lazer.

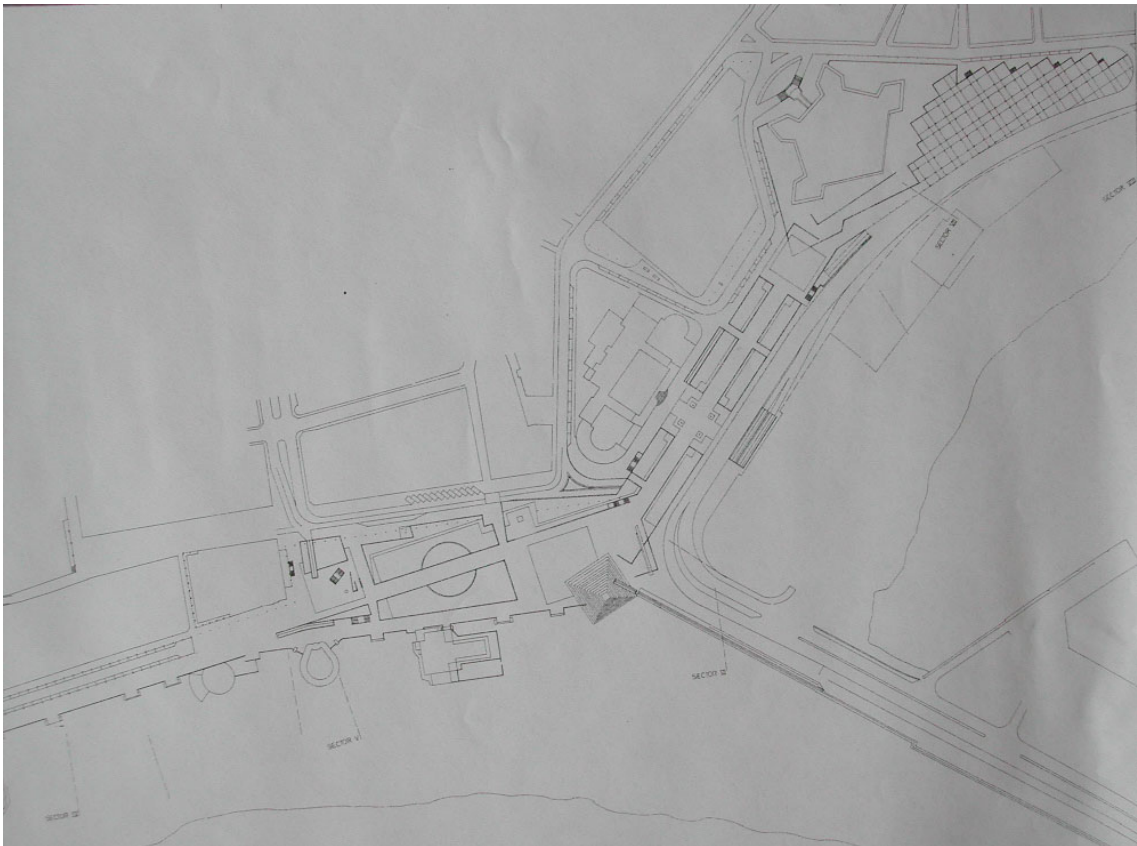


Fig. 29 - planta parcial do projecto de arranjo da marginal elaborado pelo Cento de estudos da F.A.U.P

52

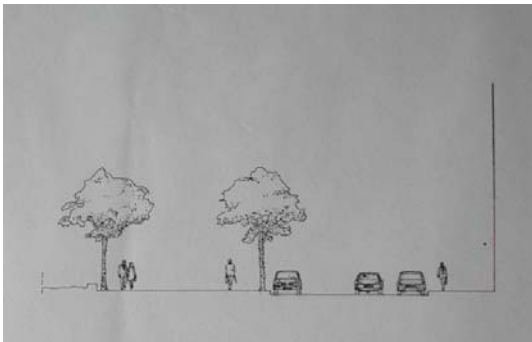


Fig. 30 - Perfil transversal tipo proposto, em 1992, para a Avenida dos Banhos

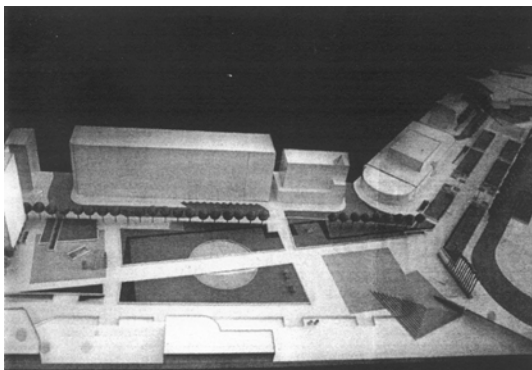


Foto 38 - Maqueta da proposta para o Passeio Alegre

Em 1992, foi elaborado o Plano Director Municipal, pelo Cento de estudos da F.A.U.P., homologado em 1995. Sem extrapolar o âmbito deste trabalho, considera-se importante reter apenas algumas das principais determinações, deste importante documento de planeamento, que se passa a citar: o alargamento da área urbana para os limites hoje existentes; o reconhecimento e oficialização duma rede viária fundamental, dela sobressaindo o IC1 e as vias B e C; a retracção da área predominantemente agrícola, para além dos limites urbanos; um princípio de zonamento, que define capacidades construtivas, segundo diversos índices e a ausência de zonas de indústrias no interior da área urbana.

O centos de estudos da F.A.U.P. elaborou também um projecto de arranjo da marginal da Póvoa, para a zona entre o Alto de Martim Vaz e o limite sul do concelho (fig. 29).

Começando a descrição, desta proposta, da extremidade norte até à sul, teríamos o seguinte:

- 1- Redesenho do parque de estacionamento no Alto de Martim Vaz
- 2- "Passeio Elevado" cerca de 0.54m ao longo da Avenida dos Banhos, com o objectivo de enfatizar a separação entre automóvel e peão. Bancos, quer no passeio do lado poente como do lado nascente. Do lado da rua, os bancos seriam em U, muito aberto, com o objectivo de serem convidativos ao convívio de pequenos grupos, e separando as duas cotas diferentes. Paralelamente a este passeio existiria uma faixa de 1m de largura, ao nível da rua, com espécies arbustivas nos espaços que medeiam as árvores (fig. 38).
- 3- A partir do Diana Bar a circulação passaria a ser só pedonal. Por baixo do Passeio Alegre era projectado um parque de estacionamento subterrâneo e a circulação automóvel passaria também por aí. No Passeio Alegre previa-se a existência de um espelho de água, de forma circular, cortado a meio pelo desenvolvimento de um percurso, com jogos de água projectados na vertical, atingindo uma altura de 2m. A intenção era que o utente, a meio do percurso, tivesse a ilusão de se encontrar dentro de um espaço circular cujas paredes eram água. (foto 70)

A estátua do Cego de Maio seria mantida com uma pequena deslocação de sítio.

Em frente ao Grande Hotel localizar-se-ia uma pirâmide, em degraus de base quadrada, de 30m de lado. Esta pirâmide, com fins eminentemente lúdicos, era pensada como o ponto relevante de charneira entre duas direcções, como ponto de chamada visual para quem caminha nos dois sentidos.

O outro elemento monumental proposto era um podium com 12 bandeiras (para os 12 países da C.E.E. ou para as 12 freguesias do concelho da Póvoa).

- 4- O largo em frente ao casino seria de planimetria quadrada, com 4 elementos que pontuariam o eixo principal de entrada no equipamento. Esses elementos seriam constituídos por prismas quadrangulares executados em vidro, sustido por uma estrutura de latão. Estas fontes luminosas seriam uma réplica formal à época em que os casinos começaram a ser erguidos, um pouco por toda a Europa. Três bancos em L constituiriam, com cada fonte luminosa um pequeno quadrado. O conjunto dos quatro elementos, assim formados, compunha os quatro cantos da praça quadrada. Por baixo desta zona existiria um parque de estacionamento subterrâneo.

1ª Fase do reordenamento da marginal



Foto 39 - zona sul da fortaleza



Foto 40 - zona sul da fortaleza

2ª Fase do reordenamento da marginal



Foto 41 - limite da Póvoa com Aver-o-Mar

3ª Fase do reordenamento da marginal

54



Foto 42 - Passeio Alegre



Foto 43 - Passeio Alegre



Foto 44 - Avenida dos Banhos

5- O largo triangular a sul da fortaleza daria lugar a um grande logradouro, que contemplaria não só a expansão da zona ajardinada da fortaleza como uma zona de estar que, pelas suas características proporcionaria um espaço polivalente. Eram propostos pequenos núcleos de bancos em L, com uma densa implantação de árvores.

Era proposta a desmontagem da rua entre a fortaleza e o largo triangular, dado que, com as alterações propostas ao trânsito automóvel, deixaria de ter utilidade. Deste modo, alargava-se toda a zona triangular existente e sobretudo apostava-se numa “elevação” visual da Fortaleza, que se encontrava “rebaixada”.

O material escolhido para a pavimentação, de toda a zona pedonal, era o mosaico hidráulico marmoritado e as árvores a plantar seriam o Choupo Negro.

Deste projecto apenas foi executado em 1993 o arranjo do largo triangular a sul da fortaleza - **1ª fase do reordenamento da marginal** (foto 39 e 40)

Este local, em 1947, aquando do projecto da marginal sul, já tinha sido pensado como um novo espaço público ajardinado. Nessa altura, o jardim não foi realizado, construindo-se, mais tarde, aqui a lota de peixe. Desta vez, este espaço foi reordenado, apostando-se num aumento das zonas verdes e na arborização, características que até aqui tinham sido pouco exploradas e cuja necessidade se fazia sentir.

Divergências entre a Câmara Municipal e o Cento de Estudos fizeram com que a solução proposta para a marginal fosse abandonada.

Entre 1994/1995 realizou-se o projecto do Arq. Alcino Soutinho, para a zona 1 da marginal, entre o conjunto desportivo, no Alto de Martim Vaz, e o lugar de Fragoso - **2ª fase do reordenamento da marginal** (foto 41).

A principal característica desta intervenção foi a criação de uma área em que se suprimiu o trânsito automóvel, proporcionando uma vasta área pedonal.

Entre 1997 e 1998 executou-se o projecto de redefinição do Passeio Alegre, da Avenida dos Banhos e da zona do porto de pescas, da autoria do Arq. Victor Mogadouro - **3ª fase do reordenamento da marginal** (foto 42 , 43 e 44).

O Passeio Alegre deixou de ser um jardim para ser uma praça, pavimentada com placas de calcário e de granito. Manteve-se o monumento ao Cego de Maio e passou a ter um palco, com jogos de água, e um novo alinhamento de árvores. Na rua de Caetano de Oliveira restringiu-se o trânsito automóvel unicamente a moradores e a cargas e descargas. Desta forma, deixou-se de ter a leitura da existência de uma rua, mas sim de um grande espaço pedonal. Intenção já mencionada no projecto de arranjo da marginal em 1982, mas não realizada (foto 42 e 43).

Na Avenida dos Banhos as alterações mais significativas, no seu perfil, consistiram: na sua arborização; na criação uma pista para bicicletas, junto ao passeio do lado poente; e no redesenho do estacionamento, que era em espinha do lado nascente do passeio e passou a ser paralelo a este. Os passeios foram repavimentados e a iluminação redefinida (foto 44).

3ª Fase do reordenamento da marginal



Foto 45 - zona da marina

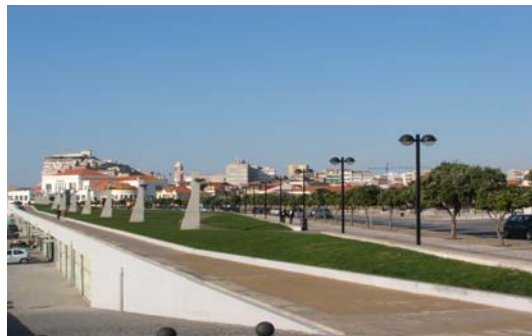


Foto 46 - zona da marina

4ª Fase do reordenamento da marginal



Foto 47 - zona em frente ao casino



Foto 48 - foto aérea frente de mar

5ª Fase do reordenamento da marginal

56



Foto 49 - Passadiço sobre o rio Esteiro



Foto 50 - Passadiço sobre o rio Esteiro



Foto 51 - Aver-o-Mar



Foto 52 - Aver-o-Mar

Só a rua foi alvo de tratamento, sobre o areal o «parque de estacionamento» e algumas habitações.

A zona do porto de pescas, na minha opinião, foi a parte que sofreu a maior transformação. Esta parte da marginal tinha o passeio do lado poente limitado por um taipal e passou a ser uma ampla zona de lazer, com o aproveitamento de uma área completamente descaracterizada. Foi criada uma grande zona ajardinada, local para desportos radicais, parque infantil, anfiteatro ao ar livre, restaurantes/cafés (foto 45 e 46).

Foram concluídas, nesta altura, as obras de construção da marina pela Hidrotécnica Portuguesa e um parque de estacionamento, na zona do Alto de Martim Vaz, projecto elaborado pelo Departamento de Obras Municipais.

A entrada no novo milénio (1999/2000) foi comemorada com a inauguração do projecto do Arq. Victor Mogadouro, para a zona em frente ao casino - **4ª fase do reordenamento da marginal**

(foto 47 e 48). Antes de executada esta transformação o espaço era utilizado como um grande parque de estacionamento, em terra batida. Foi construído um parque de estacionamento subterrâneo e, por cima, um novo espaço público onde uma fonte marca a entrada no casino, ladeada por quatro grandes canteiros, rectangulares. (foto 47)

Durante o ano de 2000 também se concretizou o Arranjo Urbanístico do Rio Esteiro e o Prolongamento da Marginal Norte (Arranjo Urbanístico da Avenida dos Pescadores) - **5ª Fase do reordenamento da marginal**.

O projecto de recuperação paisagística e ambiental de toda a foz deste ribeiro foi da responsabilidade do Arq. Victor Mogadouro. A intervenção consistiu em realizar uma cobertura de madeira, sobre o regato, funcionando como passadiço entre as duas margens e permitindo a sua utilização como passeio público. Para além do arranjo de superfície, o projecto englobou o tratamento de águas residuais, com a construção de uma estação para este efeito.

O projecto de arranjo urbanístico da Avenida dos Pescadores ficou a cargo da Divisão de Estudos e Projectos - Departamento de Obras Municipais da C.M.P.V. (foto 49 e 50).

Respeitando o Plano de Ordenamento da Orla Costeira, de Caminha a Espinho, houve uma diminuição bastante grande do número de barracas montadas sobre o areal, todas as épocas balneares. Segundo um critério de unidade, foram substituídas as barracas dos banheiros e os pequenos bares, sobre o areal, por dois projectos tipo, da autoria do Arq. Rui Bianchi, que se repetiram ao longo de toda a costa.

57



Foto 53 – barracas para alugar



Foto 54 - barracas dos banheiros

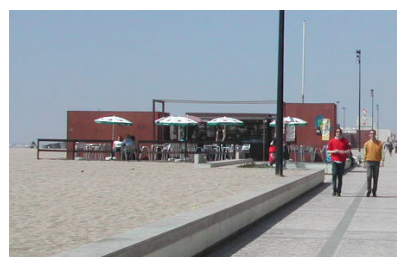


Foto 55 – bares sobre a praia



Foto 56 - Praça 5 de Outubro



Foto 57 - Praça 5 de Outubro

6ª Fase do reordenamento da marginal



Foto 58 - Interior do Porto de Mar



Foto 59 - Interior do Porto de Mar

7ª Fase do reordenamento da marginal

58



Foto 60 - Aver-o-mar



Fig. 31 - Simulação imagem 3d _ Projecto para Aver-o-mar sul

Em 2001 a Câmara executou pequenas intervenções pontuais, na marginal.

Como foi o caso do reordenamento da Praça 5 de Outubro, com redefinição do local para estacionamento, criação de um espaço com bancos, um quiosque e um monumento aos banhistas, projecto do Arq. Rui Bianchi (foto 56 e 57).

As alterações a nível viário na Alameda dos Descobrimentos e o arranjo urbanístico da rua da Ribeira em frente ao Castelo foram elaboradas pela Divisão de Estudos e Projectos, Departamento de Obras Municipais da C.M.P.V..

Em 2004 concretizou-se o tratamento paisagístico do interior do Porto de Mar, projecto da autoria dos Arquitectos Inês Lobo e João Gomes Silva e do escultor Gilberto Reis - **6ª Fase do reordenamento da marginal** (foto 58 e 59).

Este projecto reportou-se à requalificação de uma extensa faixa de terreno não utilizado, ao longo da margem norte do plano de água do Porto de Pesca. A área de intervenção correspondeu a quatro espaços distintos ao longo da margem, com dimensões variáveis. A intervenção teve como características dominantes a prevalência de planos de vegetação e a redução de elementos de construção.

Ainda não se considera terminada a intervenção na marginal, em 2006 estudou-se a requalificação de mais uma zona, a Faixa a Poente da Marginal de Aver-o-Mar - **7ª Fase do reordenamento da marginal** (fig 31).

Este estudo foi realizado pela Divisão de Estudos e Projectos, Departamento de Obras Municipais da C.M.P.V., no qual participei em co-autoria com o Arq. Eurico Rebelo.

Trata-se de uma área com cerca 90500m² que se pretende reabilitar. Esta zona tem o enorme problema de ter sobre o areal habitações legais, um campo de jogos e diversos barracos; o que implica um longo trabalho de negociações, para realizar estas demolições, e um estudo de alternativas para esta deslocalização.

O conceito para esta intervenção assentava na transformação desta vasta área num espaço dominado por diversas espécies vegetais, árvores, arbustos e herbáceas, pontualmente atravessado, pedonalmente ou de bicicleta, e pontuado por equipamentos e espaços lúdicos/culturais/pedagógicos/desportivos.

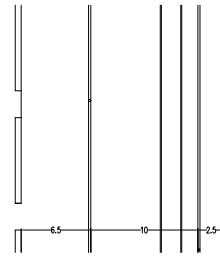
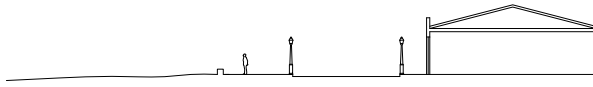
Este estudo assentou sobre as indicações definidas no Plano de Ordenamento da Orla Costeira (POOC) de Caminha a Espinho, de 7 de Abril de 1999, que constituía esta área como uma Unidade Operativa de Planeamento e Gestão e sugeria a elaboração de um Plano de Pormenor. Essa sugestão foi tida em conta e, neste momento, encontra-se em elaboração um Plano de Pormenor para aquele que será o prolongamento natural da marginal da Póvoa de Varzim.

Terminando esta fase teremos toda a marginal com o espaço público tratado, estendendo-se a intervenção por mais de 3km de costa, numa área com cerca de 247000m².

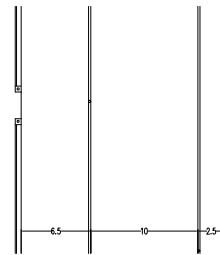
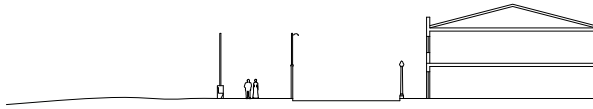
Para concluir a descrição de todas as intervenções realizadas até 2010 falta apenas referenciar a recente construção de três bares sobre a praia. Reflexo expressivo da dificuldade de implementação de medidas que restrinjam construções que não temporárias sobre o areal.

Evolução do perfil transversal da Av. dos Banhos

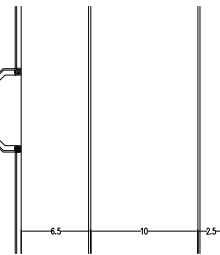
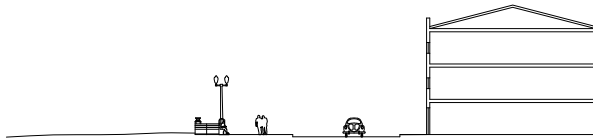
Finais do séc. XIX



Primeiras três décadas do século

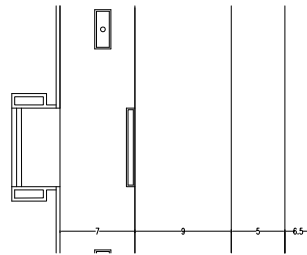
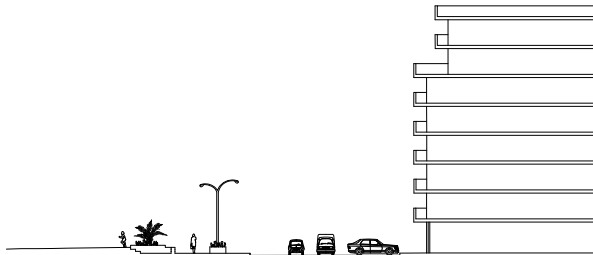


Anos 40/50

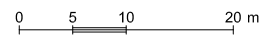
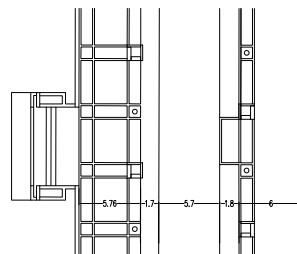
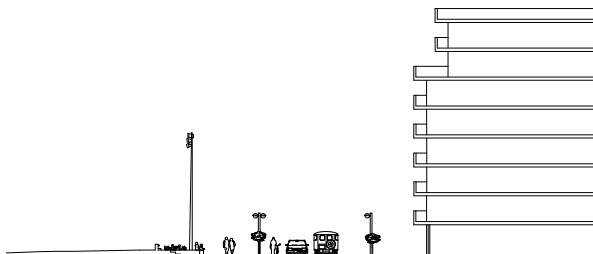


60

Anos 60/70/80



Anos 90/2000



	Passelo Alegre	Avenida dos Banhos (entre o conjunto desportivo e o Caslno)	Marginal Norte (desde Aver-o-Mar até ao conjunto desportivo)	Marginal Sul (desde o Casino até ao limite do concelho)	Planos
Finais do séc. XIX	1883- projecto de um mercado, não concretizado 1891- projecto de um espaço público, não concretizado 1896- projecto de um espaço público, realizado	1881- projecto de prolongamento, não concretizado 1883-intenção de ligar o paredão à praia 1891- projecto de prolongamento e alargamento, não concretizado 1893- projecto de prolongamento e alargamento, não concretizado 1893- projecto de prolongamento e alargamento, concretizado	1898-projecto de prolongamento da avenida marginal, com intenção de ligar a Póvoa a Aver-o-Mar, parcialmente realizado		
Primeiras três décadas do século	1909-Inauguração do monumento ao Cego de Maio, projecto de alinhamento das fachadas do Passelo Alegre, não realizado 1916- projecto de alinhamento das fachadas do Passelo Alegre, concretizado a longo prazo	1910-rua em volta de Martim Vaz, realizada 1911-“rotunda do Carvalhido”, realizada 1913-projecto de alargamento, de um troço da avenida, para construir um campo de jogos, não concretizado 1917-projecto do Arq. João de Moura, não concretizado 1924- projecto de pavilhões para clma do areal, não concretizado 1929 - melhoramentos na avenida	1900-1903 concretização de uma parte do projecto de ligação da Póvoa com Aver-o-Mar	1913-projecto de construção da marginal sul, não concretizado 1916-projecto de construção da marginal sul, iniciado 1930- projecto de alargamento da avenida de Braga, concretizado 1933- projecto de construção da marginal sul, Iniclado 1934-reordenamento da zona do caslno, Iniclado	1920-Plano de Melhoramentos de Ezequiel de Campos
Anos 40/50	1952 - construção de sanitários subterrâneos e algumas alterações pontuais, no jardim	1941/1945- projecto de pavimentação e alargamento da avenida, concretizado		1947- projecto de uma avenida à beira mar, realizado	1947- Plano de Urbanização da Cidade, Eng. Miguel Resende e Arq. Agostinho Rilca
Anos 60/70/80	1982- pequena alteração do jardim público	1982- projecto de remodelação da avenida, Arq. Carvalho Dias, concretizado		1963/1965- construção da lota de peixe	1982/1984- Plano Geral de Urbanização, realizado pelo Arq. Carvalho Dias
Anos 90/2000	1992- projecto elaborado pelo C.E.F.A.U.P, não concretizado 1997/1998- projecto, do Arq. Victor Mogadouro, concretizado	1992- projecto de remodelação da avenida dos banhos pelo C.E.F.A.U.P, não concretizado 1997/1998- projecto de remodelação da avenida do Arq. Victor Mogadouro, realizado	1992- projecto de reordenamento da marginal da autoria do Arq. Alcino Soutinho, concretizado 2006- projecto de requalificação da Falxa a Poente da Marghal de Aver-o-Mar, ainda não concretizado	1993-projecto para a zona da antiga lota, do C.E.F.A.U.P, executado 1999/2000-projecto da zona em frente ao casino, do Arq. Victor Mogadouro, realizado 2004-tratamento paisagístico do interior do Porto de Mar, realizado	1992- Plano Director Municipal, elaborado pelo C.E.F.A.U.P 1999- Plano de Ordenamento da Orta Costeira de Caminha-Espinho 2006- Alteração do P.O.O.C. de Caminha-Espinho 2006-Plano de Urbanização da Póvoa de Varzim, elaborado pela C.M.P.V.



A black and white photograph of a public square. In the background, a large, ornate church with a prominent bell tower and a dome is visible. The foreground shows a paved area where several people are gathered. One person is sitting on the ground in the lower left, while others stand in small groups. The overall scene depicts a public space in an urban setting.

3. EVOLUÇÃO DO LARGO DAS DORES - planos projectos para o espaço público

POVOA DE VARZIM. - Igreja de N. Senhora das Dôres



64

Foto 64 - Largo das Dôres

Um dos motivos pelo qual se considerou importante realizar uma análise da evolução do Largo das Dores reside no facto deste ser o ponto de origem da ligação que se pretendia rasgar para ligar a Vila ao mar.

Importava perceber qual o significado deste espaço na Vila para que existisse uma motivação tão forte para estabelecer esta ligação. Porque é que no final do séc. XIX a estratégia para o desenvolvimento do aglomerado foi direccionada para o rasgar do eixo formado pela Avenida Mousinho de Albuquerque e a Avenida dos Banhos? Tratou-se da implementação de duas Avenidas que marcaram definitivamente a Póvoa de Varzim, e esta opção de expansão da Vila teve como estratégia estabelecer o acesso franco ao Largo das Dores.

Outro dos motivos que justificou a necessidade desta análise prendeu-se com o facto de, por diversas vezes, se ter tentado prolongar a Avenida Mousinho de Albuquerque para além do Largo das Dores. Esta intenção teve fortes repercussões no desenvolvimento do Largo, o que implicou o estudo deste espaço para melhor se perceber o alcance destas medidas.

Por fim, a última intervenção na Avenida Mousinho de Albuquerque foi equacionada ao mesmo tempo que no Largo, e o projecto do parque de estacionamento subterrâneo engloba estes dois espaços unificados. Actualmente, no piso subterrâneo, construído por baixo destas duas zonas, a leitura que se tem é de um todo que as percorre no sub-solo, surgindo ritmadamente acessos à superfície.

Por estas razões, optou-se por analisar primeiro o Largo e, posteriormente, a Avenida Mousinho, iniciando o estudo do passado para o presente.

Dividiu-se a análise, elaborada neste capítulo, em cinco espaços temporais que se considerou distinguir-se entre si: o século XVIII; o século XIX; as primeiras três décadas do século XX; os anos 40/50/60 do século XX e, como último período em estudo, a partir dos anos 70 do século XX, até aos primeiros anos do século XXI.



Foto 61 – Igreja da Misericórdia (Velha)

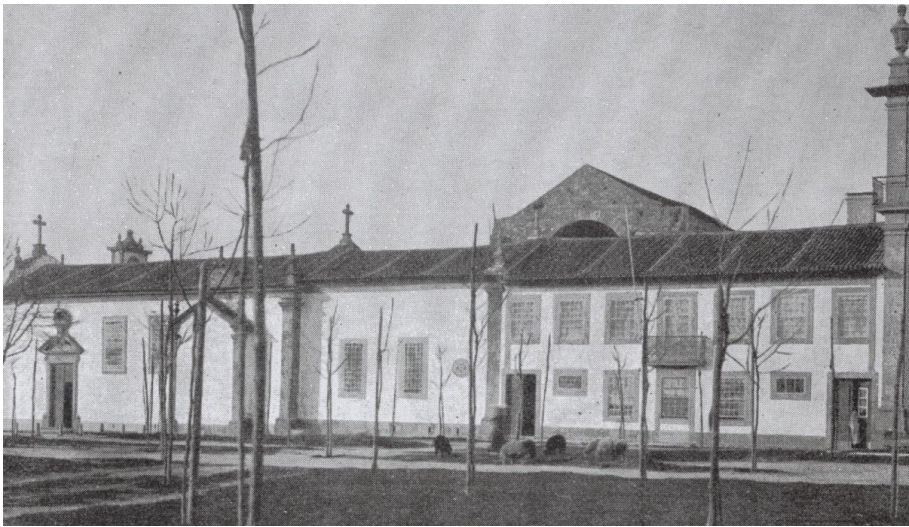


Foto 62 - Casa da Mesa e do Despacho

As descrições mais antigas referem este Largo com diversas denominações: Lugar da Mata, Monte da Igreja, Monte e Calvário. Localizava-se fora da Vila, em local ermo, afastado umas centenas de metros das zonas populacionais. Este afastamento conferia a este local um carácter místico, estando-lhe associadas diversas lendas, crendices e superstições, relacionadas com bichos venenosos e mouras encantadas.

A referir que este local está, desde tempos remotos, associado a um espaço de culto denominado de Ermida da Mata. Para o âmbito deste trabalho não serão aprofundadas, as origens deste local de culto. Iremos, de uma forma sucinta, caracterizar este Largo e qual a sua imagem no séc. XVIII, século onde se registam as primeiras vindas para a Póvoa em busca dos terapêuticos banhos de mar.

Até à primeira metade do séc. XVIII, o edifício que marcava este espaço era a primeira Igreja Matriz da Póvoa, construída em 1685, em substituição da medieval capela romano-gótica, sob invocação de S. Tiago.

A escolha da localização deste templo para Igreja Matriz, afastada do centro da povoação, causa alguma estranheza. Esta escolha poderá ser explicada com um sentido estratégico de expansão do reduzido território da Póvoa²⁴. A Capela da Mata pertencia ao termo de Barcelos, na zona da Vila Velha. No entanto, foi escolhida para Matriz, sobrepondo-se os domínios paroquiais aos fiscais. Esta situação provocava litígios entre a Casa de Bragança e a Câmara da Póvoa. Até que, em 1706, houve uma delimitação do termo da Póvoa que alargava os territórios, englobando o Lugar da Mata. Este lugar, embora afastado da Vila, já não era tão ermo e perigoso como na Idade Média. Tornou-se bastante movimentado por ser um local de cruzamento de vários caminhos²⁵: a poente, a estrada de Viana para Vila do Conde; pelo sul, passava o caminho da Igreja, que vinha da Giesteira, Moninhas e Fieis de Deus; pelo norte o caminho da portela para a Vila Velha e pelo nascente, corria o ribeiro da Giesteira, ultrapassável pela ponte da Igreja.

As primeiras referências a obras de beneficiação, neste espaço, datam de 1805.

A partir da segunda metade do séc. XVIII eram três os edifícios que marcavam este Largo.

A Igreja continuava como elemento dominante do espaço, mas deixou de funcionar como Matriz desde 1757, momento em que é inaugurada a actual Matriz (mais próxima da urbe). A partir desta altura, o edifício da Igreja (que se pensou demolir) foi cedido para a fundação da Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim, passando a designar-se por Igreja da Misericórdia.

Para apoio a esta nova instituição iniciou-se, em 1758, a construção da Casa da Mesa e do Despacho, encostada à Igreja e com frente para o Largo.

O terceiro edifício a referir é Igreja das Dores iniciada em 1776 e só terminada no primeiro quartel do século XIX.

²⁴ AMORIM, Manuel «A importância da Capela da Mata na expansão da Póvoa» O Notícias da Póvoa de Varzim, 18 de Setembro de 1985, p. 7

²⁵ Id., ibid.



Foto 63- Largo das Dores, visto da Vila Velha
(da esq. para a direita - Igreja da Misericórdia Velha – Casa do Despacho - Hospital – Igreja das Dores)

68

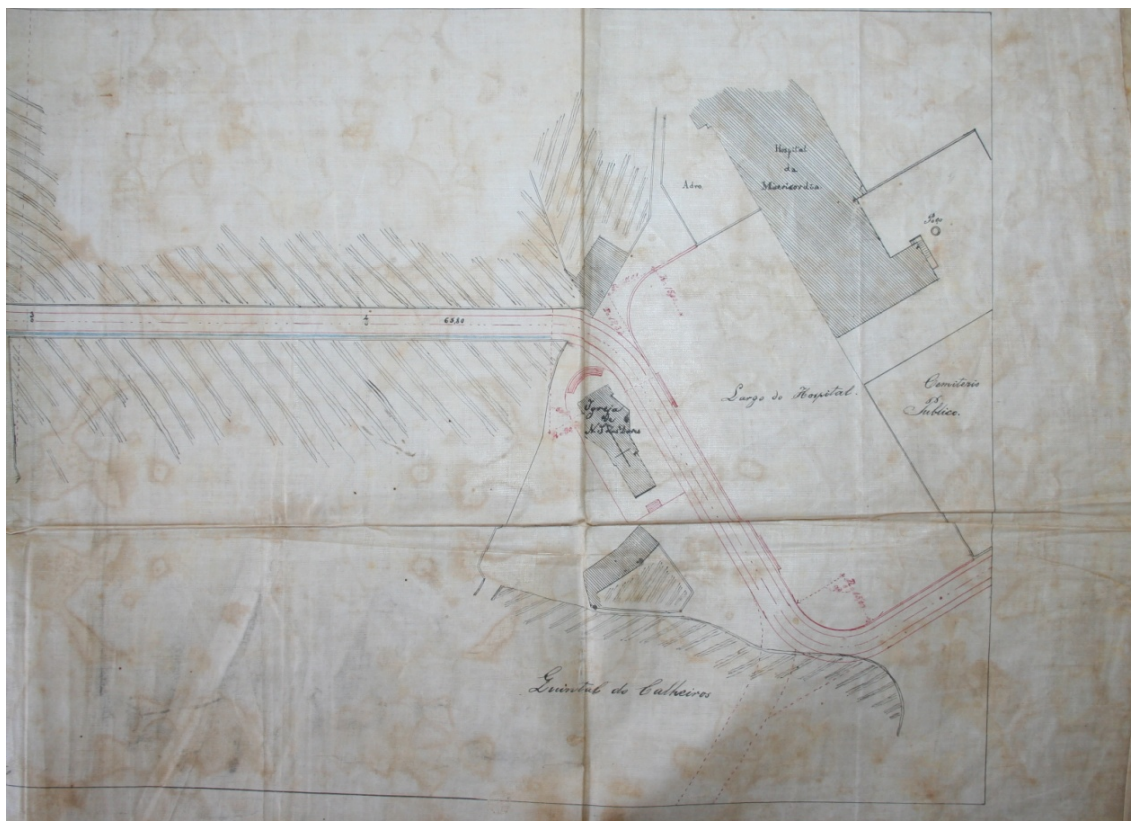


Fig. 32 - Planta do projecto para abertura de uma comunicação da Praça Nova do Almada para a Rua Formosa, conclusão da abertura d'esta última rua, e melhoramento do Largo do Hospital, na Villa da Póvoa de Varzim _ aprovada em 1860
Apenas se apresenta um extracto da folha correspondente à zona do Largo das Dores para ser mais perceptível a proposta de um desenho para o Largo. Esta representação é a primeira planta conhecida do Largo.

Foi durante este século que se verificou um aumento progressivo do número de pessoas a banhos, sendo que, no final do século, já existia patente a preocupação de criar condições (equipamentos, habitações e infra-estruturas) que permitissem receber de forma condigna os visitantes que a elegiam.

O largo iniciou o séc. XIX ainda afastado da urbe. No entanto, durante este século foi dotado de três equipamentos essenciais para o aglomerado - o primeiro hospital, o primeiro cemitério da Vila e o primeiro edifício construído, no concelho, propositadamente para ser escola primária. Consequência destes investimentos foi a necessidade de melhorar as vias de acesso ao Largo e de o aproximar efectivamente da Vila.

Desde 1811 que funcionava um Hospital provisório, nas águas furtadas, do Edifício da Câmara, na Praça do Almada, em virtude de uma peste na Vila. Era uma solução temporária e urgia a construção de um edifício de raiz, no qual a Santa Casa da Misericórdia pudesse cumprir os seus compromissos. Segundo a descrição de Jorge Barbosa, na toponímia da Póvoa de Varzim²⁶, desde 1822 que é cobrado um imposto de um real, sobre a venda de carne e vinho, para custear a construção do novo edifício.

Iniciou-se a construção em 1826 e em 1835 foi inaugurado o primeiro Hospital da Póvoa, no Largo das Dores, encostado à casa do Despacho. O terreno foi escolhido “por ser ventilado de Norte a Sul, em encontro à pureza da atmosfera, ser separado do centro da povoação e dispensar-se n'ele a despesa da construção d'capela e cemitério, por tudo suprir a Misericórdia”²⁷.

A referir que “Este Hospital foi o primeiro edifício da Póvoa que teve água encanada”²⁸.

Com o funcionamento do complexo de três edifícios da Santa Casa da Misericórdia - Igreja, Casa da Mesa e do Despacho e Hospital era natural a criação de vias de acesso mais francas ao Largo. Em 1844, foi aberto o troço da Rua Formosa (actual rua da cidade do Porto), desde o Largo até à actual Rua Rocha Peixoto, numa primeira aproximação ao que será a ligação até ao Largo de S. Roque (actual Praça da República).

Tal como verificamos pela observação da planta, ao lado, a Rua Formosa foi a primeira rua com dimensão a chegar ao Largo, que até então era cruzado por caminhos. Este arruamento destacava-se no panorama geral do aglomerado pela rectidão de traçado, numa altura em que as restantes vias eram estreitas e desalinhas. Esta rua, que em 1860 se pretendia concluir o último troço, foi ligação fundamental com o Largo de S. Roque (e conseqüentemente com a Rua da Junqueira) e com a Praça Nova do Almada. Dois espaços públicos fundamentais no quotidiano da Vila e de onde partiam ligações para o restante aglomerado.

²⁶ BARBOSA, Jorge- Toponímia da Póvoa de Varzim - boletim cultural, Póvoa de Varzim, 1937, p. 102

²⁷ Id., ibid.

²⁸ Id., ibid.



Foto 64 - Largo das Dôres, em frente à Igreja das Dôres (posterior ao desaterro)
 (à esquerda a Escola Conde Ferreira e à direita a Igreja das Dôres)

70

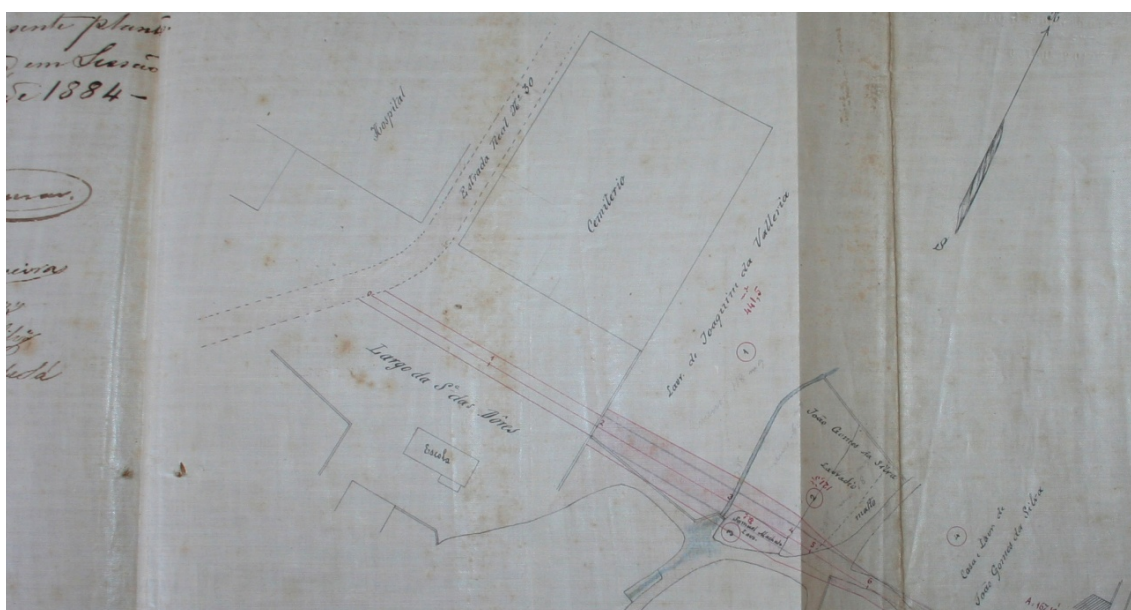


Fig. 33 - Planta com o Projecto de Ligação entre o Largo das Dôres e o Largo de Belém - 1884
 (Extracto da folha correspondente à zona do Largo das Dôres)

Em 1865, começou a ser aberta a Estrada Real nº 30 (da Póvoa a Valença, por Barcelos). Esta importante infra-estrutura de ligação da Vila ao norte do país vinha do Porto (pelo traçado da Estrada Nacional nº 13) e quando chegava à Rua Formosa subia até ao Largo das Dores e daí continuava para Barcelos. Com a passagem desta ligação, de âmbito regional, pelo Largo, este tornou-se assumidamente local de passagem obrigatório para as ligações ao exterior do aglomerado.

Em 1866, foi inaugurado o primeiro Cemitério Municipal, a nascente do Hospital, local escolhido por ser remoto relativamente à povoação mas próximo da Igreja Matriz. Embora fosse desde 1835 obrigatório, por razões higiénicas, que os enterramentos se deixassem de fazer no interior das igrejas e adros adjacentes, esta medida demorou a ser implementada (havia forte resistência da população ao cumprimento desde decreto), assim como demorou a construção do espaço.

Em 1866, foi aberta uma rua em substituição de um tortuoso caminho velho que fazia a importante ligação entre o Largo de Belém e o Largo das Dores. Tratou-se da segunda rua (com dimensão) a ser aberta no Largo (como se pode observar na planta ao lado).

Em 1870, foi inaugurado, no Largo, um equipamento valorizador para a Vila, a Escola Conde Ferreira (foto 64). Tratou-se do primeiro edifício construído, na Póvoa, especificamente para o ensino primário. A Póvoa, na qualidade de sede de concelho, concorreu ao subsídio deixado em testamento pelo Conde Ferreira²⁹ para a construção de escolas. Como subsídio suplementar à iniciativa do Conde, o governo Português contribuiu com 10.000\$00 réis e criou, pela primeira vez em Portugal, um regulamento para as edificações escolares (Portaria de 20 de Julho de 1886)³⁰. O local que a vereação da Póvoa entendeu que correspondia aos requisitos expressos no regulamento foi o Largo das Dores.

Em 1874, investiu-se em mais melhoramentos no Largo, desaterrou-se o terreno à volta da Igreja das Dores, ficando, desde então, este templo mais elevado relativamente ao terreno circundante e em 1875 edificou-se a escadaria em frente à porta principal. (foto 64).

²⁹ Extracto do testamento deixado pelo Conde Ferreira: "(...) CONVENCIDO DE QUE A INSTRUÇÃO PÚBLICA É UM ELEMENTO ESSENCIAL PARA O BEM DA SOCIEDADE, QUERO QUE OS MEUS TESTAMENTEIROS MANDEM CONSTRUIR E MOBILAR CENTO E VINTE CASAS PARA ESCOLAS PRIMÁRIAS DE AMBOS OS SEXOS NAS TERRAS QUE FOREM CABEÇAS DE CONCELHO, SENDO TODOS POR UMA MESMA PLANTA E COM ACOMODAÇÕES PARA VIVENDA DO PROFESSOR, NÃO EXCEDENDO O CUSTO DE CADA CASA E MOBÍLIA DE UM CONTO E DUZENTOS MIL RÉIS (...)"

³⁰ O regulamento definia:

- . características de localização do terreno (local saudável, central, de fácil acesso, afastado de locais incómodos, em estradas pouco movimentadas e com uma área que pode variar entre os 600m² e 900m², excluindo a área da escola)
- . sala de aula com uma área variável entre os 50m² e os 115m²
- . sala contígua à sala de aula para servir como local de recepção, para recitações e biblioteca (com uma área nunca inferior a 1 terço da sala de aula)
- . um ou dois vestíbulos consoante a escola se destinava a um ou dois sexos, sem comunicação directa com a sala de aula
- . se a escola servisse os dois sexos existiriam «biombos» com altura variável de 1.40m e 1.70m como elementos de separação entre sexos
- . preocupações ao nível da exposição solar, ventilação, aquecimento e mobiliário escolar



Fig. 34 – Planta do projecto de uma Avenida que ligue o Passeio Alegre ao Largo das Dores - 1896 - Assinado por Gonçalo Artur Cruz (apenas se apresenta a zona da folha referente ao Largo das Dores)

72

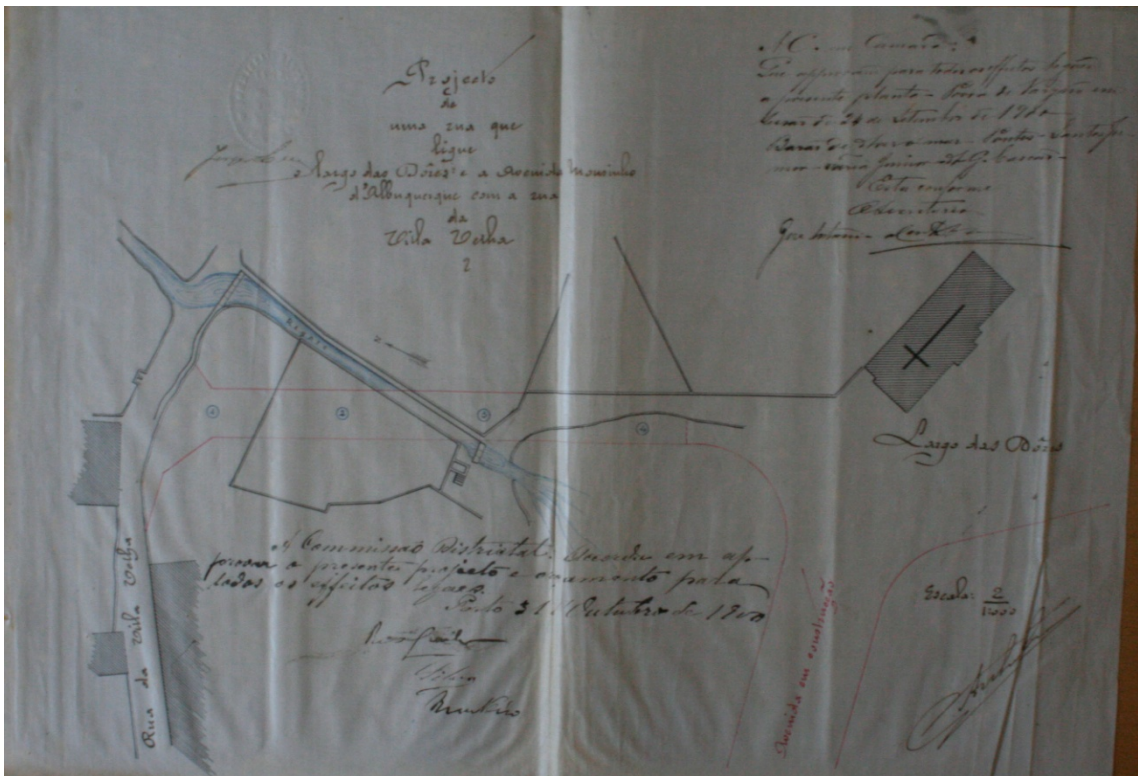


Fig. 35 – Planta do projecto de uma rua que ligue o Largo das Dores e a Avenida Mousinho de Albuquerque com a Vila Velha - 1900 - Assinado por Gonçalo Artur Cruz

A marcar o final de oitocentos e início do século seguinte, regista-se a abertura de duas ruas essenciais para a Vila e com implicações na definição do que hoje é o Largo das Dores: A Avenida Mousinho de Albuquerque e a Rua das Dores (actual Rua Conselheiro Abel Andrade). Da Avenida Mousinho que ligará o Largo ao Mar, o arruamento com mais imponência da vila, não iremos aqui desenvolver o tema por dele se tratar num capítulo específico deste trabalho (capítulo 4). Apenas apresentaremos a planta desse projecto, no que se refere ao Largo das Dores, para melhor compreensão da evolução do desenho do Largo.

Relativamente à Rua das Dores, a mencionar que esta ampla ligação veio substituir os caminhos que entre campos faziam a passagem entre a Vila Velha (um dos dois pólos embrionários da Vila) e o Largo das Dores.

Como última alteração relevante, na vivência do Largo em oitocentos, indica-se a inauguração em 1892 de um novo Cemitério Municipal (na Giesteira) para onde são transferidos todos os jazigos e ossadas existentes no Cemitério Velho, ficando, assim, o terreno devoluto. Nesta altura já não se considerava o Largo das Dores como espaço afastado do aglomerado capaz de albergar o cemitério mas sim como centralidade.

Relativamente às vivências neste espaço público, durante este período, existe o registo que aqui se representavam autos, faziam-se bailes ao ar livre e jogava-se. Em frente ao muro do cemitério velho existia um passeio onde “algumas pessoas gradas da terra, nas horas de lazer, se entretinham no jogo do fito ou do meco, com malhas ou bolas de pau.”³¹ Relatos orais indicavam a presença de fornos, no largo, para se assarem cabritos em dias festivos.³²

73



Foto 65- Largo das Dores (entre 1866 e 1870) – espaço público em terra batida
(à esquerda, parcialmente visível, a sacristia da Igreja das Dores e ao fundo a entrada do Cemitério Velho)

³¹ BARBOSA, Jorge- Toponímia da Póvoa de Varzim - boletim cultural, VOL X, Edição da Câmara Municipal, Póvoa de Varzim, 1971, pág. 134

³² Id.,ibid. pág. 132



Fig. 36 - Planta da Póvoa de Varzim, assinada por Gonçalo Artur Cruz, 1901



Fig. 37 - Excerto da planta da Póvoa de Varzim, zona do Largo das Dores 1901

PRIMEIRAS TRÊS DÉCADAS DO SÉCULO XX

A primeira planta que se conhece a abranger toda a vila data de 1901 e foi desenhada pelo Arquitecto Municipal Gonçalo Artur Cruz (planta já apresentada no capítulo anterior). Este documento é um precioso registo da situação da vila no início do séc. XX.

O aglomerado urbano continuava centrado no bairro da Matriz e na Praça do Almada, mas já se tinha expandido para a zona litoral sul em frente à «praia do peixe» e iniciava timidamente a aproximação para a zona litoral norte.

Já apareciam representadas a estrada Real nº30 (Porto-Barcelos) e a estrada Municipal Póvoa-Esposende, ao longo das quais começavam a surgir as primeiras habitações. Este traçado paralelo à linha da costa (que seria a futura estrada nacional nº 13), teve um papel marcante na forma como a Vila se organizou apoiada neste arruamento.

A Avenida Mousinho de Albuquerque já aparecia representada em toda a sua extensão (Passeio Alegre - Largo das Dores), mas ainda não tinha muitos edifícios.

O Largo das Dores apresentava-se com os vários equipamentos essenciais para a Vila e, estrategicamente, próximo dos núcleos edificados do Lugar da Vila Velha e do Bairro da Matriz.

Todos os equipamentos existentes nesta altura no Largo (Igreja da Misericórdia, Casa da Mesa e do Despacho, Hospital, Cemitério, Escola Primária Conde Ferreira e Igreja das Dores) se encontravam posicionados na direcção nascente – poente.

Estão, simultaneamente, representadas as Igrejas da Misericórdia velha e uma nova Igreja que em vez de estar orientada para poente está voltada para sul.

Todo o Espaço Público está representado como arborizado e parece ser este o elemento unificador de todo o Largo, pois trata-se de um espaço com grande diversidade e de difícil definição. As fachadas dos equipamentos definem um espaço alongado no sentido nascente-poente, por outro lado, a Igreja das Dores parece estar enquadrada por um eixo formado por duas ruas e lateralmente ajardinada.

Das sete ruas que confluem, actualmente, para o Largo, apenas não está representada com o traçado próximo do actual, a Rua de S. Pedro. Aqui aparece representado um caminho de traçado estreito e tortuoso, embora haja um apontamento de duas linhas a direito que parecem ser o registo de uma ambição - a ligação franca do Largo para a Igreja Matriz.

A referir como núcleo edificado mais próximo do Largo as sete habitações a sul da Igreja das Dores.

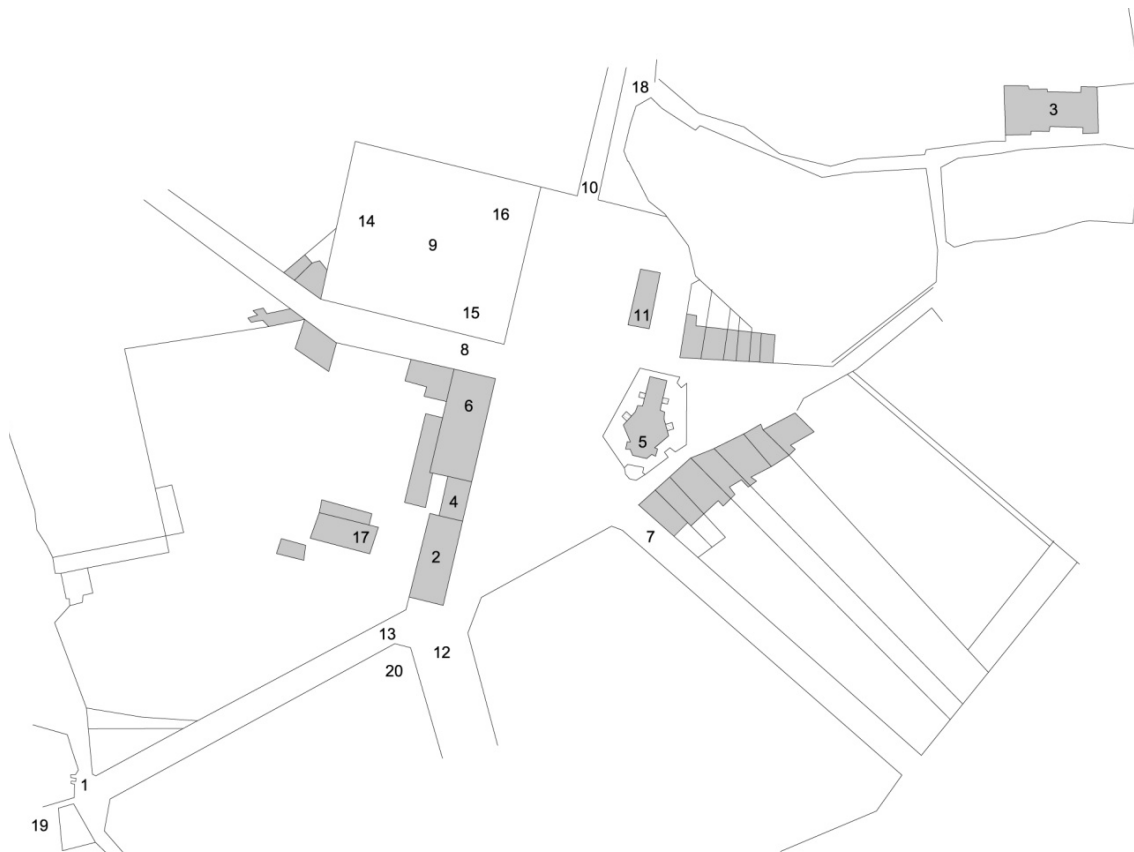


Fig. 38 - Excerto da planta da Póvoa de Varzim, zona do Largo das Dores 1901

- No canto inferior esquerdo a representação, ao fundo da Rua das Dores, do local lendário – a Fonte da Moura.³³

³³ A propósito das lendas sobre a Fonte da Moura Padre Gesteira escreveu na "Gazeta da Póvoa de Varzim" de 24 de Maio de 1871: "Recordo-me ainda do tempo, em que ouvia pessoas antigas dizer: que junto de uma fonte, que existia ao pé da capella das Dores, apparecia a tal moura em figura de serpente, com uma concha de ouro na cabeça, pedindo que lhe quebrassem o encanto, a troco das grandes riquezas que ali tinha enterradas."

BARBOSA, Jorge- Toponímia da Póvoa de Varzim - boletim cultural, VOL X, Edição da Câmara Municipal, Póvoa de Varzim, pág.132



LEGENDA:

- 1- FONTE DA MOURA
- 2- PRIMEIRA IGREJA MATRIZ DA PÓVOA 1685 -1910
IGREJA DA MISERICÓRDIA (VELHA)
- 3- IGREJA MATRIZ - 1757
- 4- CASA DA MESA E DO DESPACHO - 1758 -1910
- 5- IGREJA DAS DORES - 1776
- 6- PRIMEIRO HOSPITAL DA PÓVOA - 1835
- 7- RUA CIDADE DO PORTO (RUA FORMOSA) - 1844
- 8- RUA DOS BONITOS DE AMORIM (ESTRADA REAL Nº 30) - 1865
- 9- PRIMEIRO CEMITÉRIO MUNICIPAL 1866 - 1892
- 10- RUA ALMEIDA BRANDÃO (RUA DE BELÉM) -1886
- 11- POSTO G.N.R. (ESCOLA CONDE FERREIRA) - 1870
- 12- AV. MOUSINHO DE ALBUQUERQUE - FINAIS DO SÉC. XIX
- 13- RUA CONSELHEIRO ABEL ANDRADE (RUA DAS DORES) - 1898
- 14- CADEIA DA COMARCÃ - 1909 - FINAL DO SÉC. XX
- 15- CENTRAL ELÉCTRICA - 1925
- 16- DISPENSÁRIO DO I. A. N. T. - 1936
- 17- IGREJA DA MISERICÓRDIA - 1914
- 18- RUA DE S. PEDRO - 1930
- 19- LICEU NACIONAL DA P.V. - 1952
- 20- PALÁCIO DA JUSTIÇA - 1965



Esq. 6 – Planta do Largo das Dores segundo a planta de 1901, com a marcação dos diversos Equipamentos e Ruas que foram aparecendo



Fig. 39 - Projecto de Prolongamento da Avenida até à estrada Real nº 30, aprovada em sessão de Câmara – 1906 - assinada pelo arquitecto municipal Gonçalves Artur Cruz

78



Fig. 40 - Projecto de alargamento da rua das Dores e da mudança do chafariz da Praça Marquês do Pomal para o local designado nesta planta – 1908 - assinada pelo arquitecto municipal Gonçalves Artur Cruz

O início do século foi marcado por uma vontade de ir mais além relativamente a duas ruas recentemente rasgadas. Pretendia-se a continuação da Avenida Mousinho de Albuquerque, para nascente numa extensão de 100 m, até à Estrada Real nº 30 e o alargamento da Rua das Dores (actual Rua Conselheiro Abel Andrade).

O prolongamento da Avenida tinha como implicação a necessidade de demolir a Igreja da Misericórdia (velha) e a sua reconstrução, implantada numa nova posição.

Conseguiu-se realizar a ambiciosa alteração de posição da igreja, tendo a Igreja da Misericórdia (velha) e a Casa do Despacho começado a ser demolidas em 1910, para dar lugar a uma nova Misericórdia (construída a poente da antiga) inaugurada em 1914.

Esta nova Igreja, Projecto do Arq. Adães Bermudes, está voltada para Sul enquanto que a da Igreja da Misericórdia (velha) à semelhança da Igreja das Dores estava voltada com a porta principal para poente.



Foto 66 - Largo das Dores em frente ao Hospital

- a primeira anterior a 1910 (à esquerda vê-se a antiga Igreja da Misericórdia)
- a segunda tirada entre 1910 e 1914 (à esquerda vê-se a Nova Igreja da Misericórdia em construção)
- Estas duas fotografias confirmam a representação (na planta de 1901) de um espaço público arborizado no Largo.



Foto 67 - Largo das Dores em frente ao Hospital

Em 1909, foi construído no Largo, no terreno devoluto do cemitério velho (desde 1892), um edifício de grande relevo para o funcionamento da Vila - a Cadeia da Comarcã.

Pela primeira vez foi construído um edifício de raiz para este efeito. Até aí os presos ficavam³⁴, primeiro, na Câmara Velha (Rua da Consolação) e Fortaleza de N^a S^{ta} da Conceição e, posteriormente, no rés-do-chão da nova Câmara, na Praça do Almada.

³⁴ Id.,ibid. pág. 155

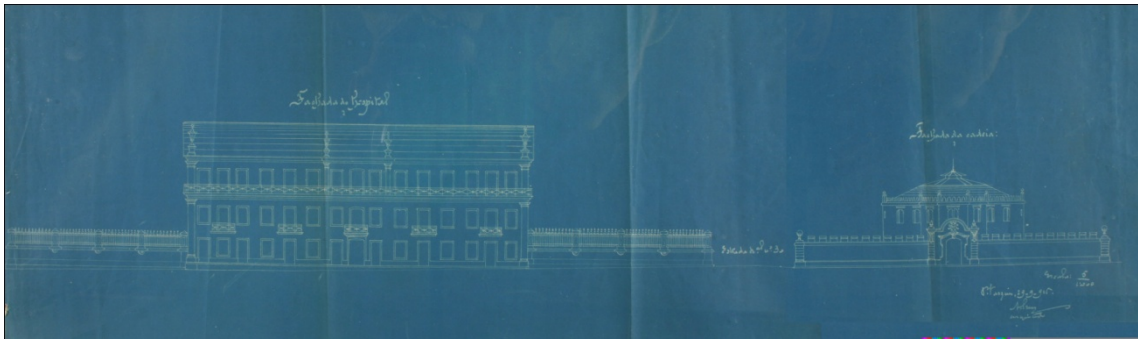


Fig. 41 - Alçado Principal do Hospital e da Cadeia da Comarcã , em que a Estrada Real nº 30 aparece marcada como se tivesse sido deslocada para a direita afastando-se da fachada do Hospital - 1916 - assinada pelo arquitecto municipal Gonçalo Artur Cruz

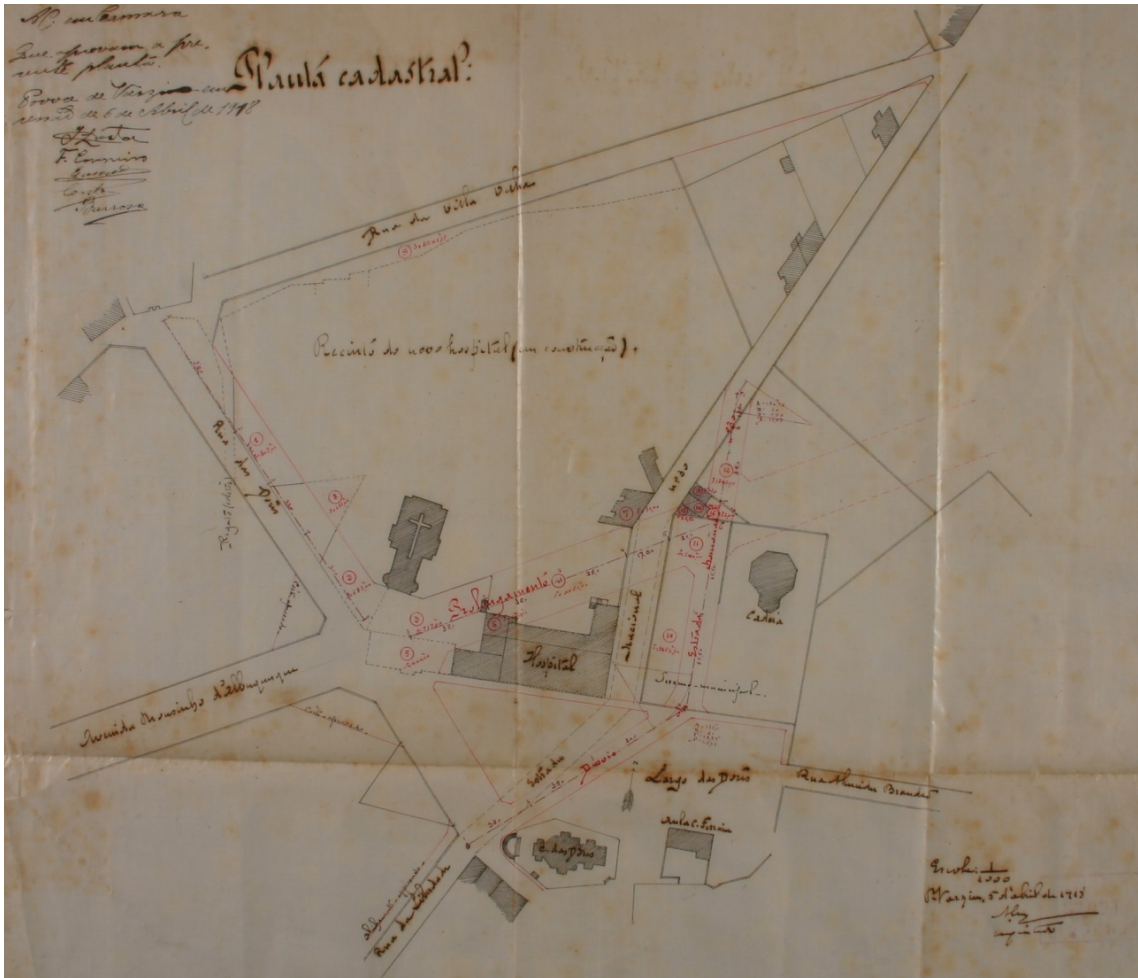


Fig. 42 - Planta do Largo das Dores com um projecto de continuação da Avenida Mousinho de Albuquerque, alargamento da Rua das Dores e deslocação do troço da Estrada Real nº 30 para mais à direita do Hospital - 1918 - assinada pelo arquitecto municipal Gonçalo Artur Cruz _ A. M.P.V.

Data de 1906 o primeiro projecto referente à intenção de prolongar para nascente a Avenida.

Foi reafirmada esta ambiciosa ideia em 1908, 1916 e 1918.

A memória descritiva do projecto explicava que se pretendia desviar o movimento da Estrada Real nº 30 para o centro da Vila, pela Avenida. Parece existir aqui uma vontade de que a entrada nascente da Vila, pela estrada que vinha de Barcelos, se fizesse pelo principal arruamento do aglomerado - a Avenida Mousinho de Albuquerque.

Embora esta ideia não tivesse sido concretizada, teve implicações na alteração de localização das igrejas existentes no Largo.

Se esta ideia de continuação da Avenida Mousinho de Albuquerque até à Estrada Real nº 30, alargamento da Rua das Dores e de deslocação do troço da Estrada Real nº 30 para sul, tivesse avançado teria alterado significativamente a configuração do Largo.

Em frente à nova Igreja da Misericórdia estava marcado uma espécie de cruzamento, em que os gavetos dos lotes tinham os cantos cortados, formando ali um eixo em que o edifício de culto tinha uma posição preponderante na definição daquele cruzamento. Esta ideia não se concretizou e, em 1929, a Santa Casa da Misericórdia fez um pedido de vedação dos seus terrenos que colidiu com as ideias de desenho de espaço público manifestadas neste projecto. Esta vedação manteve-se até 2006, reivindicando a Santa Casa a propriedade do terreno.

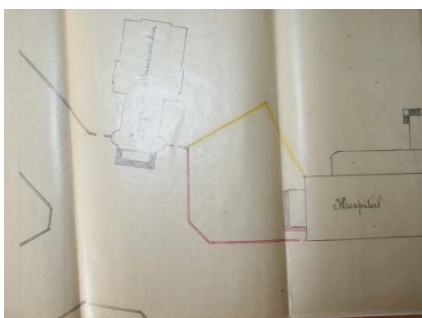


Fig. 43 - Planta indicando a tinta amarela o muro de vedação que a mesa da Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim, pretende mudar conforme indicam os traços a carmim - 1929

Também não se verificou a deslocação do troço da Estrada Real nº 30 para sul, que permitiria que a envolvente ao hospital ficasse desafogada.

A partir de 1919 realizavam-se no Largo as feiras de lenha, carvão e suínos.

Nos terrenos devolutos do cemitério antigo acrescentou-se à Cadeia a edificação, em 1925, da primeira central Eléctrica da Póvoa e, em 1936, o Dispensário do Instituto da Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Com o rasgar da rua de S. Pedro, em 1930, ligação franca entre o Largo e a Igreja Matriz, estavam concluídos todos arruamentos que confluíam ao largo das Dores (sete).



Fig. 44 - Planta do estado actual da vila - 1947

Legenda:

Estado Actual:

Comércio (azul claro)
 Oficinas (azul + claro)
 Armazéns (azul + + claro)
 Garagens (lilás)
 Fábricas (cinza escuro)
 Lavoura (cinza claro)
 Verdes Públicos (verde)
 Edifícios de Interesse Público (cor de rosa)

. Câmara Municipal
 . Mercado
 . Hospital
 . Estação
 . Museu Etnográfico
 . Quartel dos Bombeiros
 . C.T.T.
 . C. G. De Depósitos
 . Matadouro
 . Bombeiros
 . Central Eléctrica
 . Liceu
 . Escola Comercial
 . Igreja Matriz
 . Teatro Garrett
 . Póvoa-Cine
 . Casino
 . Palácio Hotel
 . Cemitério

. Cadeia
 . Estádio Gomes de Amorim
 . Varzim Sport Club
 . Capitania
 . Colégio
 . Escolas Primárias
 . Farol
 . Posto Semafórico
 . Casa dos Pescadores
 . Escola dos Pescadores
 . Creche dos Pescadores
 . Castelo
 . Lavadouros
 . Dispensários
 . Igrejas
 . Capelas
 . Horto Municipal
 . Club Naval
 . Monumento ao Cego de Maio

Como já foi referido no capítulo anterior, o Ante Plano de Urbanização da Póvoa de Varzim, realizado pelo Eng. Miguel Resende e pelo Arq. Agostinho Rica Gonçalves, em 1947, é um precioso registo da situação da Vila e de quais são as intenções futuras, numa época em que esta se apresenta como uma importante estância balnear³⁵.

Na planta da situação da Vila, o Largo das Dores destaca-se pelo agrupar de edifícios classificados de interesse público (pintados a cor de rosa) e por ainda se encontrar no limite noroeste do aglomerado, sem que esteja englobado no núcleo habitacional.

A referir a representação, nos terrenos da Misericórdia, de alguns edifícios de apoio ao complexo e da edificação de mais um equipamento a este do Largo, no terreno virado para a rua Almeida Brandão e de S. Pedro - o Colégio do Sagrado Coração de Jesus.

Analisando o conjunto edificado, representado no ponto de situação do estado da Vila, em 1947, destaca-se a ausência de edificações no Largo das Dores que não sejam equipamentos. Não houve, exceptuando a frente edificada a sul da Igreja das Dores³⁶, investimentos imobiliários privados neste espaço.

É curioso que este Largo se tivesse mantido ao longo dos anos pontuado por diversos equipamentos de relevo, mas que surgem aparentemente soltos sem que transpareça uma ideia de unidade. A preocupação com a imagem das frentes urbanas da Vila manifestada, intensamente, por diversas vezes nos primeiros vinte e cinco anos deste século, noutras áreas do aglomerado³⁷, aqui não se fez sentir. Não se conseguiu criar com as fachadas dos edifícios um cenário capaz de ajudar a definir este Largo.

Aquilo que até esta altura ajuda a definir os limites do Largo é a arborização e o facto de todo o espaço estar em terra batida, conferindo-lhe um sentido de unidade. Apenas a antiga estrada Real nº 30, pavimentada a paralelepípedo, intercepta o Largo.

Relativamente aos pavimentos dos arruamentos que partem do Largo estão todos em macadame, exceptuando a Avenida Mousinho de Albuquerque que está pavimentada a paralelepípedo.

³⁵ "Como praia de banhos é considerada a 2ª do país, logo abaixo da Figueira da Foz que é a 1ª e acima de Espinho que é a 3ª." RESENDE, Miguel e GONÇALVES, Agostinho Rica - Memória Descritiva do Ante Plano de Urbanização da Vila, Capítulo IV - Elementos Históricos- Estéticos, 1947

³⁶ Esta frente edificada deveria ter sido construída, próxima do que hoje é, pelos anos de 1870. Destaca-se a casa nº 3, pertencente ao Barão da Póvoa e posteriormente à sua sobrinha neta D. Virgínia Alves Campos, por ter acolhido aquando da sua passagem pela Póvoa "destacadas figuras da Igreja (Bispos, Cardeais, Núncios) e do Governo e Chefes de Estado, como o Presidente Salazar e Contra- Almirante Américo Tomaz)" BARBOSA, Jorge « Póvoa de Varzim - Boletim Cultural», toponímia da Póvoa de Varzim, Volume X, 1971, pág. 159

³⁷ As preocupações manifestadas relativamente à imagem do edificado, durante este período, estão desenvolvidas no capítulo dedicado à frente de mar (p. 21,25 e 27) e à Avenida Mousinho de Albuquerque (p. 105 e 107).



Fig. 45 - Planta do Ante plano de Urbanização de 1947- proposta

Legenda:

84

Edifícios de interesse público:

Existentes, com instalações próprias:

- . Câmara Municipal
- . hospital
- . C. G. De Depósitos
- . Museu Etnográfico
- . Escolas Primárias
- . Quartel dos Bombeiros
- . Palácio Hotel
- . Teatros e Cinemas
- . Casino
- . Castelo
- . Capitania do Porto
- . C. T. T.
- . Casa dos Pescadores
- . Semáforo
- . Cadeia
- . Dispensário A.N.T.
- . Lavadouros
- . Cemitério
- . Campos Desportivos
- . Colégios

A construir:

- . Liceu
- . Escola comercial
- . Escolas primárias
- . Estação de CP
- . Tribunal
- . Biblioteca
- . Mercado central
- . Mercado de peixe
- . Cine-teatro
- . Piscina
- . Centrais de camionagem
- . Praça de touros
- . Parques de estacionamento
- . Dispensários
- . Creches
- . Centro social
- . Quartel
- . Lavadouros
- . Matadouro e feira

Zonamento:

- . Zonas residenciais R1
- . Zonas residenciais R2
- . Zonas mistas de comércio e de residência
- . Centros comerciais
- . Zona balnear
- . Zona portuária
- . Zona industrial
- . Zona de armazéns e artesanato
- . Zona ferroviária
- . Centro desportivo
- . Zona agrícola
- . Nova rede viária

Relativamente às propostas deste plano, neste capítulo do trabalho, apenas se analisaram as implicações na zona do Largo.

A referir a sugestão de construção de um liceu na extremidade da rua das Dores (actual Conselheiro Abel Andrade) e na valorização desse arruamento com uma ampla alameda central. Para a zona da Vila Velha propôs-se a criação de uma rede viária que organizaria uma futura urbanização.

Propôs-se a mudança de localização da feira de porcos, quinzenal, e da lenha, duas vezes por semana, que ocorriam em frente ao Hospital, no Largo das Dores.

Neste plano aparecem apontados locais para parques de estacionamento - indicação clara da crescente importância que os automóveis já representam e de que já não é suficiente a largura das ruas para estacionamentos pontuais.

E é a importância, entretanto, adquirida pelos automóveis que se destaca quando, no Largo, se verifica a marcação de ruas que o cruzam. Este gesto parece ser o reflexo da inevitabilidade em estabelecer uma definição, clara, no espaço público, que distinga zonas pedonais de zonas viárias.

Um Largo que é confluência de sete ruas, sendo uma delas um importante acesso ao exterior da vila (direcção Barcelos) “convive” mal com o crescente fluxo viário. O resultado da afirmação de todos os atravessamentos automóveis é sobram cinco canteiros ajardinados, como espaço pedonal público.



Fig. 46- Excerto da planta do Ante plano de Urbanização de 1947- proposta Largo das Dores



Fig. 47 - Excerto da planta do Ante plano de Urbanização de 1947 - estado actual dos pavimentos dos arruamentos

Legenda:

- Azul_ Paralelepípedo ou asfalto
- Vermelho_Calçada
- Verde_Macadame
- Amarelo_Terra

86



Fig. 48 - Excerto da planta do Ante plano de Urbanização de 1947 - estado actual dos edifícios e número de pisos

Legenda:

- Amarelo_ 1 Pavimento
- Vermelho_ 2 Pavimentos
- Azul_ 3 ou mais pavimentos

E, no mesmo ano em que o Ante Plano de Urbanização da Vila foi elaborado, procedeu-se à preparação de um projecto para a pavimentação a paralelepípedos da faixa de rodagem e construção de passeios do Largo das Dores entre a Avenida Mousinho de Albuquerque, Rua das Dores e E.N. 205 (antiga Estrada Real nº 30).

Desde logo se estranha que o Largo das Dores não seja pensado na sua globalidade. Mesmo que não se pretendesse intervir em todo o Largo, pelo menos ao estar desenhado todo o espaço, possibilitava-se uma leitura de conjunto.

Este projecto parece apenas concentrado no esforço de pavimentação, mais do que no aspecto de desenho de espaço público. Esse esforço de pavimentação está presente em quase todos os projectos deste tipo, nesta época, na Póvoa. Esta preocupação está, também, patente no relatório do Ante Plano de Urbanização, que menciona o problema da Póvoa ter muito vento, o que ocasiona que os espaços em terra e macadame dêem origem a grandes nuvens de poeira. De facto, facilmente se imagina o desconforto que seria todo o pó levantado pelo vento intenso, caracterizador do clima Poveiro.

O desenho que é apresentado, em baixo, reflecte as principais linhas orientadoras previstas para o espaço frontal ao Hospital. O que foi concretizado aproximou o jardim, de formato triangular, da fachada do hospital, reduzindo a largura da rua prevista em frente a este equipamento.



Fig. 49- Planta com o projecto para Pavimentação a Paralelepípedos da faixa de rodagem e construção de passeios do Largo das Dores entre a Avenida Mousinho de Albuquerque, Rua das Dores e E.N. 205 - 1947



Foto 68 - Largo das Dores, em frente ao Hospital (posterior a 1952 – ao fundo vê-se o Liceu)
(à esquerda vê-se a Nova Igreja da Misericórdia e à direita o Hospital, em frente aos dois edifícios o jardim e a fonte)

88



Foto 69 - Largo das Dores
(à esquerda o Palácio da Justiça e à direita a nova Igreja da Misericórdia, ao fundo o Liceu)

O Largo, que durante longos anos, permaneceu em terra batida tinha, nesta altura, separadas por ruas, cinco diferentes zonas ajardinadas: a norte e a sul da Igreja das Dores, em frente ao Hospital, em frente ao edifício onde funcionava a Central Eléctrica e Dispensário A.N.T. e em frente à antiga Escola Conde Ferreira.

Em 1950, no edifício da antiga Escola Conde Ferreira passou a funcionar o posto da Guarda Nacional Republicana, que se mantém até hoje.

No seguimento das indicações do Ante-plano, em 1952, construiu-se o Liceu, no topo da Rua das Dores (actual Rua Conselheiro Abel Andrade).

O Palácio da Justiça também era um dos equipamentos referenciados em 1947 como necessários à Vila e embora a sua localização não estivesse prevista para o Largo das Dores, é aqui que é edificado. Foi inaugurado em 1965, em frente à Igreja da Misericórdia, com projecto do Arq. Raúl Lima. Este foi o último dos grandes equipamentos a ser construídos no Largo.

O elemento central do jardim em frente ao Hospital foi, durante mais de vinte anos, uma fonte em pedra, que já esteve em variadíssimos locais da cidade. Quando, nos anos setenta, foi remodelado todo o piso do Largo e o jardim em frente ao Hospital desapareceu (para dar lugar a um parque automóvel), foi transferida para o jardim a sul da Igreja das Dores (onde ainda hoje se encontra).



Foto 70 - Largo das Dores – em frente ao terreno do antigo cemitério o jardim

(à esquerda vê-se parcialmente a Central Eléctrica, num plano recuado a Cadeia da Comarcã e à frente da Cadeia o Dispensário do I.A.N.T)



Foto 71 - aérea do Largo nos anos 90

DOS ANOS SETENTA DO SÉC. XX ATÉ MEADOS DA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉC. XXI

A partir dos anos setenta, com o aumento da importância dada ao tráfego automóvel, as características dominantes do Largo são de cruzamento viário e parque de estacionamento, recortado pela confluência de sete ruas e pela pressão de, aí, se situarem equipamentos de relevo, com funções estruturantes no âmbito da cidade.

Os equipamentos mantiveram-se praticamente sem alterações, com a excepção do desaparecimento, inexplicável, do edifício devoluto da antiga Cadeia, já na década de noventa. Um edifício com qualidades arquitectónicas e históricas, referência no património da cidade que não foi recuperado para memória futura.

As necessidades de trânsito e estacionamento não resolvidas retiraram o Largo do usufruto do peão. Neste período, a vivência deste largo resumia-se a um espaço de passagem, sem qualidades que potenciassem um local aprazível de paragem.

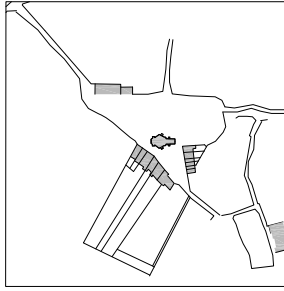
A frente urbana do quarteirão frontal ao Hospital, entre a Av. Mousinho de Albuquerque e a Rua Cidade do Porto, que até esta altura não tinha tido praticamente edificações, foi ocupada.

As fachadas destes edifícios não conseguiram dignificar esta frente que poderia ter ajudado a criar um cenário para o Largo, acentuando ainda mais a diversidade que o caracteriza.

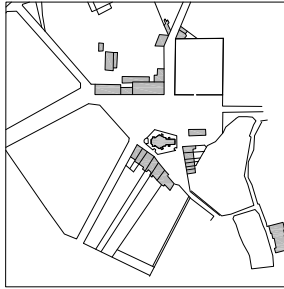


Foto 72 - Largo das Dores - 2003

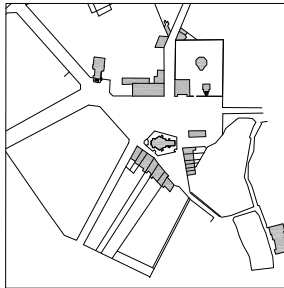
Séc. XVIII



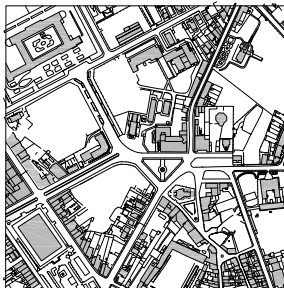
Séc. XIX



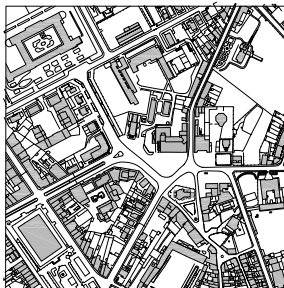
Primeiras três décadas do séc. XXI



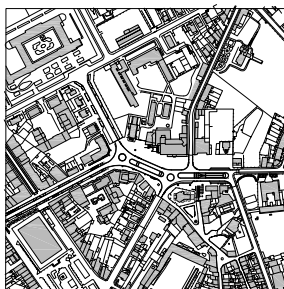
Anos 40/50/60 do séc. XX



A partir dos anos 70 do séc. XX, até aos primeiros anos do séc. XXI



Início do séc. XXI



	Projectos para o Largo das Dores e para as ruas adjacentes	Edifícios marcantes para o Largo das Dores	Planos para o aglomerado
Séc. XVIII		1757 - A Primeira Igreja Matriz da Póvoa (construída em 1685) deixou de funcionar como Matriz e passou a designar-se por Igreja da Misericórdia 1758 - Casa da Mesa e do Despacho 1776 - Igreja das Dores (só terminada no primeiro quartel do século XIX)	
Séc. XIX	1860 - Projecto de abertura da Rua Formosa (actual Cidade do Porto) e melhoramento do Largo do Hospital, realizado 1884 - Projecto de Ligação entre o Largo das Dores e o Largo de Belém, realizado 1865 - Começou a ser aberta a Estrada Real nº 30 (da Póvoa a Valença, por Barcelos). 1874/1875 - Desaterro à volta da Igreja das Dores, passando a estar num plano mais elevado e construção de uma escadaria em frente à porta principal. 1896 - Projecto de uma rua para ligar o Passeio Alegre ao Largo das Dores (Avenida Mousinho de Albuquerque), concretizado	1835- Primeiro Hospital da Vila 1866 -Primeiro Cemitério Municipal da Vila (desactivado em 1892) 1870 - Escola primária Conde Ferreira	
Primeiras três décadas do séc. XXI	1900- Projecto de uma rua para ligar o Largo das Dores e a Avenida Mousinho de Albuquerque com a Vila Velha (actual Rua Conselheiro Abel Andrade), concretizado 1906 - Projecto de Prolongamento da Avenida Mousinho de Albuquerque até à estrada Real nº 30, não concretizado (ideia reafirmada em 1908, 1916 e 1918) 1908 - Projecto de alargamento da rua das Dores, não concretizado 1918- Projecto de continuação da Avenida Mousinho de Albuquerque, alargamento da Rua das Dores e deslocação do troço da Estrada Real nº 30 para mais à direita do Hospital e redesenho do Largo das Dores 1929 - Alteração da vedação dos terrenos da Santa Casa da Misericórdia, com implicações no Largo 1930- Abertura da Rua de S. Pedro	1909- Cadela da Comarcã 1910 - a Igreja da Misericórdia (velha) e a Casa do Despacho começaram a ser demolidas 1914 -Nova Igreja da Misericórdia 1925 - Primeira central Eléctrica da Póvoa 1936 - Dispensário do Instituto da Assistência Nacional aos Tuberculosos	1901 - Primeira planta conhecida a abranger toda a Vila 1920-Plano de Melhoramentos de Ezequiel de Campos
Anos 40/50/60 do séc. XX	1947-Projecto de pavimentação a paralelepípedos da faixa de rodagem e construção de passeios do Largo das Dores entre a Avenida Mousinho de Albuquerque, Rua das Dores e E.N. 205 (antiga Estrada Real nº 30)	1950- O Edifício da Escola Conde Ferreira passou a funcionar como posto da Guarda Nacional Republicana 1965 - Palácio da Justiça	1947- Plano de Urbanização da Cidade, Eng. Miguel Resende e Arq. Agostinho Rilca
A partir dos anos 70, do séc. XX, até aos primeiros anos do séc. XXI	197...- Remodelação de todo o piso do Largo, eliminação do jardim em frente ao Hospital para dar lugar a um parque de estacionamento automóvel	199...- Demolição da antiga Cadeia	1982/1984- Plano Geral de Urbanização, realizado pelo Arq. Carvalho Dias 1992- Plano Director Municipal, elaborado pelo C.E.F.A.U.P
Início do séc. XXI	2004 -Projecto de Requalificação da Av. Mousinho de Albuquerque e Largo das Dores e construção de um Parque de Estacionamento Subterrâneo, concluído em 2008		2006-Plano de Urbanização da Póvoa de Varzim, elaborado pela C.M.P.V.





4. EVOLUÇÃO DA AV. MOUSINHO DE ALBUQUERQUE - planos e projectos para o espaço público



Foto 73- Avenida Mousinho de Albuquerque

FINAIS DO SÉCULO XIX E PRIMEIRAS TRÊS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Durante a última década do séc. XIX discutia-se a ideia de rasgar uma Avenida, perpendicular ao mar, desde o Largo das Dores até ao Passeio Alegre. O projecto deste arruamento destacava-se pela sua dimensão (750 m de extensão e 22m de largura), das ruas recentemente projectadas e das existentes, o que gera uma enorme controvérsia sobre os custos que tal decisão implicaria.

A primeira referência a esta intenção regista-se numa acta de 18 de Maio de 1891 em que, por requerimento, se pede a abertura de um arruamento, de forma a proporcionar um novo espaço condigno para fixar os banhistas que pretendam edificar uma habitação de férias. Este pedido é feito por um dos maiores, se não o maior, impulsionador de um crescimento urbano da Póvoa ao nível das mais importantes localidades, Dr. David Alves³⁸ e por sua mãe, entregando, para isso, terrenos seus para serem utilizados no novo traçado.³⁹

Embora este pedido seja imediatamente considerado de toda a pertinência, afirmando-se a necessidade de rasgar novas ruas e de melhorar outras para potencializar o crescimento do turismo balnear, dada a envergadura do investimento, este projecto discutiu-se, acaloradamente, durante os anos seguintes.

Uns argumentavam que era uma obra megalómana (implicava expropriações a cerca de 45 proprietários diferentes) que iria provocar o endividamento da Câmara, num momento em que outras necessidades se apresentavam mais urgentes. Por oposição, outros defendiam a necessidade de ligar o Passeio Alegre ao Largo das Dores "(...) não só para descentralizar a população existente nas antigas, estreitas e desalinhas ruas desta villa, mas também para proporcionar aos banhistas terrenos apropriados para as modernas edificações [considerando que] a esta terra se impunha o dever de acompanhar o progresso das praias vizinhas para manter a prioridade e excelência da sua praia, a mais concorrida do norte do País (...)"⁴⁰

Após anos de debate sobre este tema, classificado de luxo, por uns, e, por outros, de necessidade, decidiu-se ir para a frente com este projecto, prolongando-se as expropriações até 1906, altura em que a Avenida Mousinho de Albuquerque⁴¹ chega na sua plenitude até ao mar.

³⁸ O Dr. David Alves foi Presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim entre 1908 e 1910.

Jorge Barbosa registou o depoimento de Viriato Barbosa que sintetizava a importância desta figura ímpar poveira, da seguinte forma: "Foi, David Alves, nessa época, como D.Francisco de Almada fora nos fins do século XVIII e princípios do século imediato, ou seja, passados pouco mais de cem anos, o génio propulsor do progresso desta terra." BARBOSA, Jorge- Toponímia da Póvoa de Varzim - boletim cultural, vol XIII, Póvoa de Varzim, 1974, p.88

³⁹ "(...) foi lido um requerimento assignado por Dona Felisbina Amelia Pinheiro da Conceição Alves e seu filho o Doutor David Alves, no qual os signatários, mostrando a necessidade inadiável de se proceder sem perda de tempo á abertura de novas ruas para a formação d'um bairro balnear especialmente destinado aos banhistas frequentadores desta praia, á similhaça do que modernamente tem feito as câmaras na Figueira da Foz, Espinho, Granja e Villa do Conde, onde os banhistas encontrando magnificas e espaçosas ruas para edificações construem elegantes prédios, ligando assim os seus interesses a essas terras e tornando-se desta forma assíduos frequentadores e o que era mais procurado fazerem-se acompanhar das famílias com quem mais privavam, e accrescentando, achar-se naturalmente indicada, á face da planta geral desta villa, a abertura d'uma rua na direcção da rua do Norte à Praça do Marquez do Pombal - vêem desde já os mesmos signatarios oferecer gratuitamente para a abertura da dita rua o terreno de seu quintal que necessário for para tal fim, com a condição porem da Camara no caso affirmativo a mandar proceder immediatamente ás indispensáveis expropriações para a abertura da nova rua." acta de 18 de Maio de 1891 Id.,ibid. p.78

⁴⁰ C.M.P.V., Deliberação tomada pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, em sessão de 03-02-1896, capa 2 doc. 30 [disponível no Arquivo Municipal, da Póvoa de Varzim, Portugal]

⁴¹ O nome desta Avenida ficou decidido e registado na acta de 15 de Novembro de 1897. Mousinho esteve na Póvoa de Varzim, na qualidade de aio de D. Luís Filipe, a 6 de Outubro de 1901. BARBOSA, Jorge, op. cit., p. 82 e 83

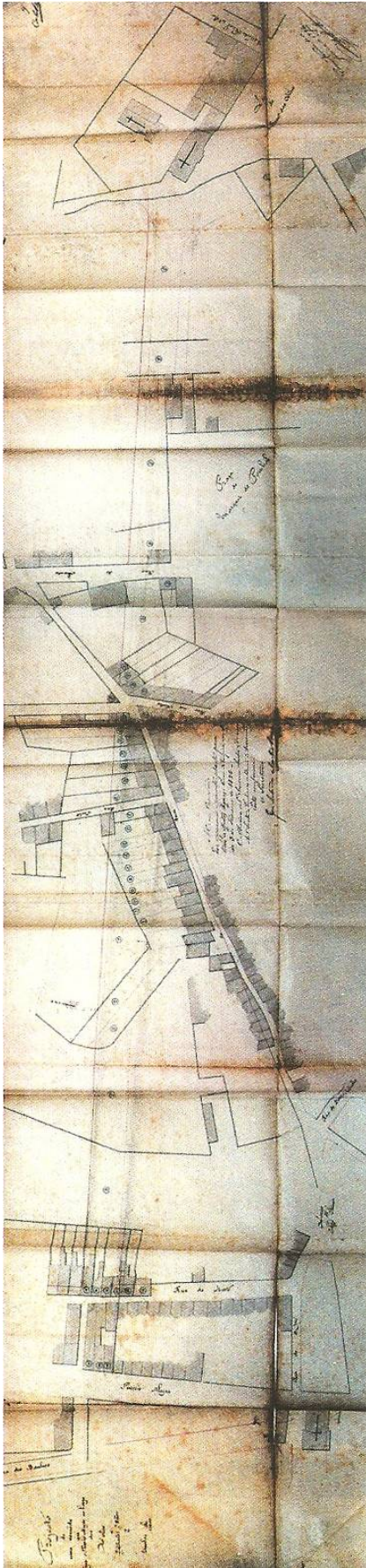


Fig. 50 - Planta do Projecto de uma Avenida que ligue o Passeio Alegre ao Largo das Dores - 21 de Janeiro de 1896, aprovada em sessão de Câmara, assinada pelo architecto municipal Gonçalo Artur Cruz

O projecto desta Avenida data de 1896 destacando-se que, para ligar o Largo das Dores à Praia, foi necessário interceptar seis ruas: Rua do Almada (actual Rua Gomes de Amorim), Ruas das Hortas, Rua Paulet (actual Rua Patrão Lagoa), Rua da Senra (actual Rua José Malgueira), Rua do Norte e o Passeio Alegre, sendo também necessário realizar quarenta e cinco expropriações.

Das ruas que esta Avenida necessitou de interromper sobressai a importância que a Rua da Senra (actual Rua José Malgueira) tinha na ligação entre dois pontos da Vila, o Largo do café Chinês (actual Largo Dr. David Alves) e a Vila Velha.

Com um perfil transversal muito estreito e de traçado irregular apresentava-se com edifícios contíguos em grande parte da sua extensão, tratando-se de uma ligação com comprovada densidade habitacional.

Verifica-se, também, o registo, nesta planta (a vermelho), de uma intenção - a rectificação da rua da Senra, de forma a corrigir o alinhamento desta, à custa de demolições de algumas habitações. Actualmente, esta rua, com cerca de 6m de largura, tem um traçado rectilíneo, verificando-se que houve um alinhamento do traçado.

A cópia da deliberação tomada pela Câmara, em sessão de 12 de Julho de 1897⁴², faz referência à aprovação de dois orçamentos, sendo um deles para fornecimento de canalização da água da mina de Terroso⁴³, ao longo da Avenida. Esta canalização na Avenida insere-se numa estratégia global para fornecimento de água municipal aos tanques e fontanários da Vila⁴⁴, sendo o aproximar da chegada de água canalizada aos consumidores particulares⁴⁵.

⁴² A Cópia da deliberação tomada pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim em sua sessão ordinária de 12 de Julho de 1897, regista a aprovação de dois orçamentos: «um respeitante às terraplanagens, obras de arte, pavimento, guias em passeios da Avenida, na importância total de cinco contos e cem mil reis e o outro na importância de um conto e quatro centos mil reis, destinado ao fornecimento de canalização da água da mina de Terroso, na parte compreendida entre o Largo das Dores e a Rua do Norte desta villa» caixa 7, doc. 11 [disponível no Arquivo Municipal, da Póvoa de Varzim, Portugal]

⁴³ «as Minas de Terroso foram cedidas à Câmara em 22 de Fevereiro de 1894» BARBOSA, Jorge, op. cit., pág. 147

⁴⁴ «Na Póvoa de Varzim, onde apenas existia um aqueduto setecentista, em arcada de volta perfeita, que depois de abastecer o matadouro, nas proximidades do Logar do Coelho, vinha para poente servir os paços do concelho e as suas proximidades, investiu-se, em 1896, no fornecimento de água encanada a partir de Terroso. O reservatório então construído localizava-se na estrada real nº 30 e alimenta uma rede de tanques e de fontanários públicos de ferro, da Fundação de Fradelos do Porto, que se distribuíam por grande parte da vila. (observável na planta de 1901 os tanques e fontanários: no Largo das Dores, na Praça do Almada, no Largo da Bandeira, no Largo da Igreja de N.ª S.ª Da Lapa, no Largo de S. Roque, no Largo do Chinês, no Passeio Alegre e junto ao Forte de N.ª S.ª da Conceição». FERNANDES, Mário Gonçalves - Urbanismo e Morfologia Urbana no Norte de Portugal Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Vila Real, Chaves e Bragança entre 1852 e 1926 – FAUP publicações, Porto, 2005, p. 149

⁴⁵ «No final de oitocentos e em 1903, adquiriram-se tubos de ferro para canalizar a água municipal pelas ruas da vila a fim de poder ser aproveitada pelos consumidores particulares, com algumas casas a começarem a ser abastecidas em 1905.» Id., ibid. p. 150

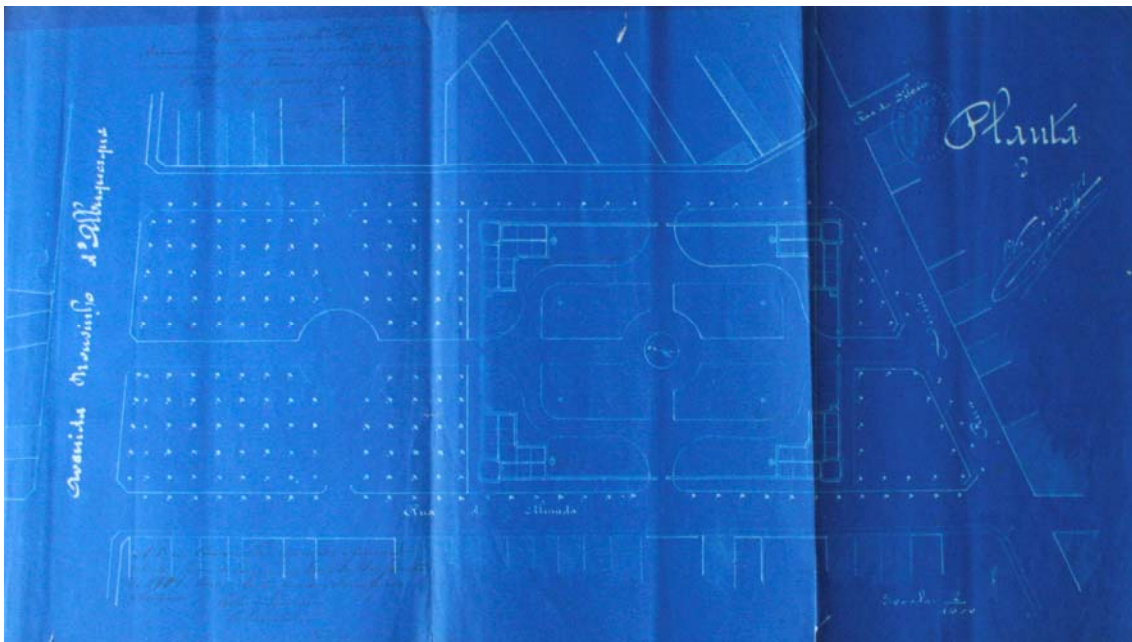


Fig. 51 - Planta do Projecto de um Mercado entra a Rua Direita e a Avenida Mousinho de Albuquerque – 1901 - aprovada em sessão de Câmara, assinada pelo arquiteto municipal Gonçalo Artur Cruz

100



Foto 74- Avenida Mousinho de Albuquerque, entre 1902 e 1910 - Ao fundo da Avenida ainda é visível a Igreja da Misericórdia Velha, demolida em 1910.

A Nova Avenida, para além de ligar o Largo das Dores ao Passeio Alegre, estabelecia ligação com a Praça Marquês de Pombal, ponto de importância comercial na Vila, onde, desde 1879 até 1919, se realizavam feiras de lenha, carvão e suínos.

A primeira planta⁴⁶, onde observamos a referência a este espaço comercial data de 1876 e trata-se de um requerimento onde é marcado um terreno, doado, para ser uma praça para o mercado da lenha e de outros objectos. Este terreno localizava-se estrategicamente entre a Estrada Real nº 30 do Porto a Valença (actual rua Cidade do Porto) e a Estrada Municipal da Póvoa de Varzim a Esposende (Estrada Nacional nº 13).

Se a estes importantes arruamentos adicionarmos a recém rasgada Avenida Mousinho de Albuquerque, verificamos que a Praça Marquês de Pombal se situa num local estratégico, que suscitará a vontade de construção de um novo mercado para a Vila.

Em 1900, surge um projecto para o mercado em que este ficava implantado a meio da Praça e em 1901, numa segunda versão, a final, ficará mais próximo da rua Direita de forma a deixar um jardim voltado para a Avenida Mousinho.

O mercado (projecto assinado pelo arq. Gonçalo Cruz) era composto por quatro torreões (actualmente existem apenas dois), sendo o restante recinto vedado com gradeamento.

Pela observação da planta de 1896 apenas se depreende qual o traçado da Avenida mas pelas fotografias que registam os primeiros anos deste arruamento (foto 74) e pelas descrições escritas:

“Esta Avenida tinha inicialmente dois largos passeios laterais e uma só faixa de rodagem, com dois renques de árvores, julgamos que plantadas por voltas de 1902- plátanos- que atingiram grande porte”⁴⁷.

Um elemento visível nos primeiros registos fotográficos da Avenida é a linha destinada à passagem do carro Americano. Meio de transporte colectivo, puxado por mulas sobre carris, que, desde 1874, fazia a ligação da Estação de caminho de ferro de Vila do Conde até à Praia da Póvoa.

Em 1897, a linha foi prolongada até ao Passeio Alegre, Praia dos Banhos e Largo do café Chinês (actual Largo Dr. David Alves). E, em 1903, a linha do Carro Americano foi prolongada até à Avenida Mousinho de Albuquerque, Praça Marquês do Pombal, Rua do Amada (actual rua Paulo Barreto) e Praça do Almada.

A passagem pela Avenida deste meio de transporte colectivo reforçava-lhe, ainda mais, a posição de centralidade.

⁴⁶ Requerimento e planta (assinada pelo Arq. Manuel Fortunato d’Oliveira Moita) de 1876 existentes no Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, Portugal

⁴⁷ BARBOSA, Jorge – Toponímia da Póvoa de Varzim, Boletim Cultural vol XIII, 1974, p. 89



Foto 75 - Avenida Mousinho de Albuquerque



Foto 76 - Mercado Municipal Dr. David Alves (ao fundo vê-se o palacete do Dr. Delfim Martim Flores, situado na Avenida Mousinho de Albuquerque, em frente à Praça Marquês de Pombal)

Rasgada a Avenida Mousinho de Albuquerque, questionamo-nos sobre o tipo de edificações que lá foram erigidas e qual o ritmo de construção. Investigando, no Arquivo Municipal, os processos de obras particulares registados, verificamos⁴⁸ que, nos primeiros trinta anos, entraram 34 processos referentes a obras na Avenida.

A generalidade destes projectos apresenta habitações identificadas tipologicamente com o chamado estilo urbano do Porto, com revestimentos em azulejo, varandas de granito e ferro fundido, fachadas normalizadas, com janelas altas e estreitas e com um ritmo definido.

Pontualmente, surgem projectos que se destacam, como o palacete do Dr. Delfim Martim Flores⁴⁹, com projecto assinado pelo Arq. Gonçalo Artur Cruz, em 1899. Esta habitação reflecte um determinado gosto eclético da época, com a marcação de uma torre decorada com elementos orientais. Este projecto realizou-se, embora a torre não tivesse sido executada nos mesmos moldes do projecto. Este edifício, voltado para a Praça Marquês do Pombal, como se pode observar pela fotografia ao lado, destacava-se na envolvente próxima.

Dois outros projectos dos que se destacavam na Avenida, duas “ Villas” que, lado a lado persistem heroicamente, evocando a memória desse início de século:

- O nº26, a Villa Georgette, moradia imponente de rés-do chão mais dois pisos, com a entrada marcada por um alpendre assente sobre quatro colunas em pedra, revestimento em azulejo, com um friso, também, em azulejo subjacente à cornija a marcar a transição do segundo para o último andar.
- O nº 28, edifício, também, imponente, de rés-do-chão mais um piso pontuado por um torreão, que segundo a Dr. Sandra Amorim,⁵⁰ seria um projecto da autoria do Arq. Ventura Terra, anterior a 1903. Esta habitação está revestida a azulejos, com um friso em azulejos de 4X4 a marcar os últimos pisos e um friso de um azulejo sob as janelas.

⁴⁸ Processos de obras particulares referentes a obras na Avenida Mousinho de Albuquerque, A.M.P.V.:

- 1899	entraram 5 processos
- 1900-1910	entraram 16 processos
- 1910-1920	entraram 2 processos
- 1920-1930	entraram 11 processos
- 1930-1940	entraram 0 processos
- 1940-1950	entraram 30 processos
- 1950-1960	entraram 8 processos
- 1960-1970	entraram 70 processos
- 1970-1980	entraram 7 processos

⁴⁹ O Dr. Delfim Martim Flores foi Presidente da Câmara entre 1898 e1901.

⁵⁰ AMORIM, Sandra Araújo de – Azulejaria de Fachada na Póvoa de Varzim (1850-1950), Póvoa de Varzim, Edição do Autor, 2001

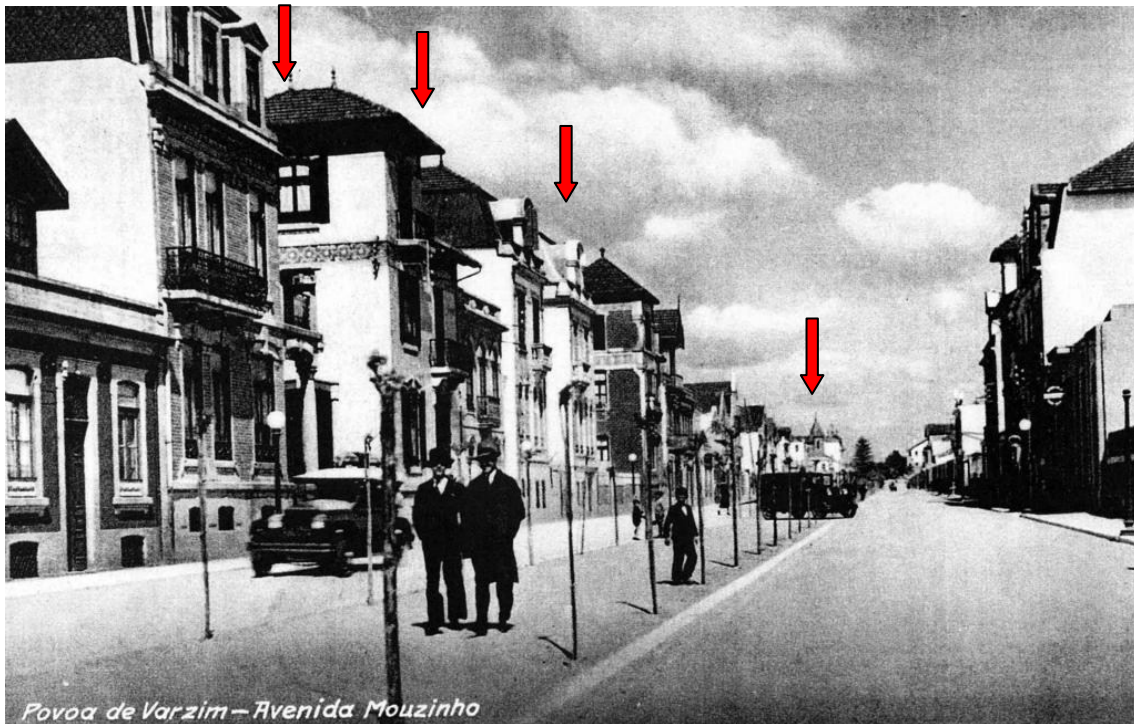


Foto 77 - Avenida Mouzinho de Albuquerque, tirada entre os anos 30 e 40

Da esquerda para a direita:

- Villa Georgette
- Casa-torre projectada pelo Arq. Ventura Terra
- Edifícios onde funcionava o Colégio Povoense
- Palacete do Dr. Delfim Flores

104



Fig. 52 - Planta da Avenida Mouzinho de Albuquerque - 1915, aprovada em sessão de Câmara, assinada pelo arquitecto municipal Gonçalo Artur Cruz

Escrito no canto inferior esquerdo:

- A comissão de estética é de parecer que todos os prédios constantes na presente planta sob os números de 1 a 58 não podem continuar no estado actual como impróprios do local e por lhe faltarem as condições de estética, salubridade e higiene, precisando de ser reformados em conformidade com as condições e regulamentos da câmara.
Póvoa de Varzim, 7 de Dezembro de 1915

Este documento é o espelho de uma vontade assumida da autarquia para que nesta Avenida se construam edificações condizentes com a escala deste arruamento (de dimensão invulgar para a Vila em questão)

Da história da fundação desta Avenida sobressaem os esforços realizados para canalizar o investimento imobiliário para a Vila. Primeiro, com a proposta de “rasgar” uma Avenida capaz de proporcionar um arruamento, apetecível para construir, distintas, edificações capazes de enobrecer a estância balnear. Seguidamente, segundo uma crónica de uma revista de 1891, terá sido feita uma encomenda pelo Dr. David Alves que “mandou vir do estrangeiro uma magnífica collecção de plantas (ainda sem allusão á historia natural) de elegantes chalets, palacetes, palácios, cabanas suissas, etc, pondo-as á disposição dos capitalistas e constructores que pensem já em edificações na projectada avenida (...)”.⁵¹ Esta crónica que satirizava a importação de modelos estrangeiros para a idealizada Avenida comprova o esforço em introduzir na Vila (pelo principal mentor da abertura do arruamento), numa época em que recorrer a arquitectos era a excepção, edificações que sobressaíssem pelo seu desenho.

Regista-se, em 1915, os esforços no sentido de pressionar os proprietários de terrenos ou de edifícios, nas principais artérias da cidade, a fazerem melhoramentos. Tal como já foi referido, no capítulo dois⁵², para o Passeio Alegre e Avenida dos Banhos, também, para esta Avenida, houve uma análise de uma Comissão de Estética, que avaliou o estado das propriedades (terrenos e edifícios) das principais ruas da cidade manifestando preocupações estéticas relativamente ao edificado⁵³.

Através da observação da planta analisada pela Comissão de Estética, para o caso específico da Avenida Mousinho de Albuquerque, podemos verificar qual o estado dos edifícios que lá existiam. E, no parecer da Comissão, havia muito para fazer, 58 edifícios ou parcelas necessitavam de ser melhorados. A classificação realiza-se da Rua António Graça até ao Largo das Dores, existindo apenas 19 habitações que não estão assinaladas, como a necessitar de obras de requalificação. Todas as restantes habitações necessitam, segundo a Comissão de Estética, de ser substituídas ou melhoradas e os lotes sem construção são também referenciados como impróprios do local. Verificamos, também, que cerca de 15 anos após a abertura da Avenida, no troço para nascente da Rua do Almada (actual Rua Gomes de Amorim) até ao Largo das Dores, praticamente, não se edificaram construções.

Continua a destacar-se o cruzamento com a Rua da Senra (actual Rua José Malgueira), pela densificação dos edifícios que compõe a rua em contraste com a Avenida. As únicas parcelas de terreno que não são perpendiculares à Avenida Mousinho de Albuquerque são os lotes perpendiculares à rua da Senra, registo da intercepção realizada numa rua com as parcelas completamente definidas

⁵¹ Excerto de um artigo escrito por Bento Martins na revista quinzenal «Coisas e Loisas» 1º número, de 3 de Maio de 1891 segundo escreve BARBOSA, Jorge – Toponímia da Póvoa de Varzim, Boletim Cultural vol XIII, 1974, p. 86

⁵² Ver capítulo dois, dedicado à frente de mar (p. 21, 25 e 27)

⁵³ Estas preocupações estéticas na Vila da Póvoa de Varzim, durante este período, são também referenciadas por FERNANDES, Mário Gonçalves - Urbanismo e Morfologia Urbana no Norte de Portugal Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Vila Real, Chaves e Bragança entre 1852 e 1926 – FAUP publicações, Porto, 2005, p. 174



106

Fig. 53 - Capa da Revista A CONSTRUÇÃO MODERNA, de Março de 1917. Casa destinada ao Dr. Caetano de Oliveira.

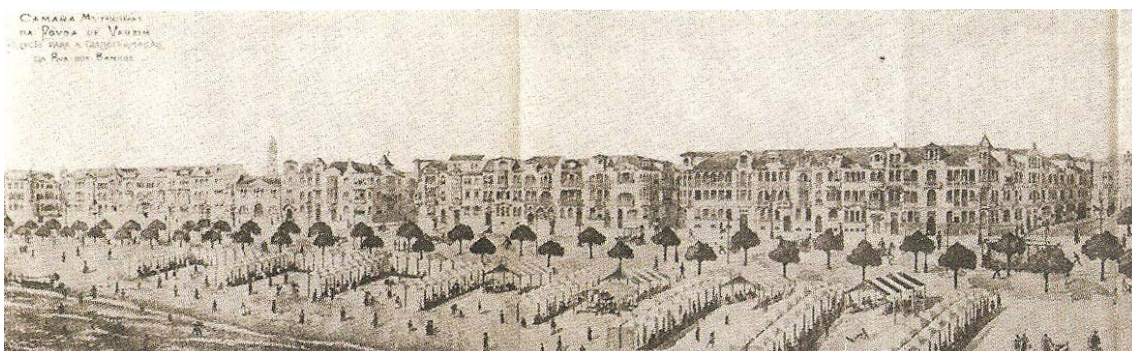


Fig. 54 - Imagem da alteração volumétrica proposta para as duas Avenidas, em estudo. Publicada na revista quinzenal ilustrada – A CONSTRUÇÃO MODERNA de Março de 1917. A propriedade do Dr. Caetano de Oliveira, tinha frente para as duas Avenidas.

Posteriormente a esta forma de pressão foi adoptada uma estratégia que poderemos classificar de marketing, na medida em que foram encomendados projectos de arquitectura ou organizados concursos, posteriormente publicados na revista quinzenal ilustrada – A CONSTRUÇÃO MODERNA, que parecem ter subjacente, mais do que uma intenção efectiva de construção, a vontade de transmitir a imagem de uma estância balnear ao melhor nível e apetecível para atrair investimentos imobiliários.

- Em 1916, foi publicado o 1º e 2º classificado de um concurso para a construção de casas económicas na Póvoa de Varzim. Os artigos não mencionam a localização destas habitações. Foi capa da revista o projecto do vencedor Arq. João de Moura Coutinho D'Almeida D'Eça e na edição seguinte é apresentado o segundo classificado Arq. Eurico Teófilo Pereira;
- Em Novembro de 1917, foi publicado o projecto de um Balneário para a Avenida dos Banhos da autoria do Arq. João de Moura Coutinho D'Almeida D'Eça;
- Em Março de 1917, foi capa da revista o Projecto da Avenida dos Banhos e da primeira casa a construir na mesma, projecto do Arq. João de Moura Coutinho D'Almeida D'Eça.

A análise dos projectos apresentados para a Avenida dos Banhos foi elaborada no capítulo dois⁵⁴. Neste capítulo, debruçamo-nos sobre as implicações que esta alteração volumétrica teve na Avenida Mousinho, sendo que a primeira casa que se apresentava na iminência de ser construída, propriedade do Dr. Caetano de Oliveira, tinha frente para as duas Avenidas, que formam o eixo em estudo. É curioso apresentar-se este início de construção, como um dado adquirido, no entanto, isto nunca sucedeu. De facto, o Dr. Caetano de Oliveira⁵⁵ possuía uma habitação no local em causa, mas que nunca foi substituída pela apresentada no projecto. Esta circunstância aliada à proximidade de ideias entre o Dr. Caetano de Oliveira (proprietário) e o Dr. David Alves (autor da encomenda)⁵⁶, relativamente aos esforços de trazer para a Póvoa um modelo de arruamento muito em voga na época – A Avenida, leva-nos a questionar se esta apresentação não seria publicitária. Esta frente constituída por duas casas (Café Ribeiro e habitação do Dr. Caetano de Oliveira) só foi substituída, durante os anos setenta, com a construção do edifício Sopete. Parece-nos que existiu nesta encomenda uma tentativa de impulsionar um investimento imobiliário.

107

⁵⁴ Capítulo dois, dedicado à frente de mar (p. 25 e 27)

⁵⁵ O Dr. Caetano de Oliveira era o Presidente da Câmara, em 1896, quando foi aprovado o projecto da Avenida Mousinho.

⁵⁶ Este excerto de um artigo crítico relativamente à abertura da Avenida Mousinho faz referência a uma proximidade de ideias entre o Dr. Caetano de Oliveira e o Dr. David Alves relativamente a este tema Foi escrito por Francisco de Amorim no jornal "O Melro" de 1899, segundo escreve BARBOSA, Jorge – Toponímia da Póvoa de Varzim, Boletim Cultural vol XIII, 1974, p. 86 "É uma importante via larga que há de ir aos fundos do nosso hospital, assim como foi aos fundos do cofre Camarario. ... Custou, dizem que, quarenta contos de reis – moeda corrente n estes reinos. Acho que obra tão importante, nascida da intelligencia do chefe do partido regenerador devia chamar-se Avenida Dr. David Alves e Primo pois só assim seriam perpetuados os nomes do Ex.mº Dr. David Alves e Dr. Caetano de Oliveira, este, medico distinctissimo e aquelle também distinctissimo advogado, conservador e chefe do partido dos Agonizantes, com licença e rubrica do Reverendo Padre Moita: Rendendo preito a tão importantíssimos cidadãos, senhores da minha bolsa, como contribuinte que me preso de ser, aqui lhes tributo a minha eterna gratidão – como contribuinte - já se vê. ... Honny soit qui mal y pense."



Fig. 55 - Projecto de Prolongamento da Avenida Mousinho de Albuquerque e de desvio da estrada Real nº 30 - 1918, aprovada em sessão de Câmara, assinada pelo architecto municipal Gonçalo Artur Cruz _ A. M.P.V.

- Em 1918, foi capa da revista, do mês de Maio, o projecto para a Igreja de S. José, na Avenida Mousinho de Albuquerque, do Arq. João de Moura Coutinho D Almeida D Eça. Este projecto não foi executado nos mesmos moldes do desenhado pela exiguidade de orçamento previsto.

Embora sem serem publicados, e para terminar este registo de encomendas a arquitectos, importa referir:

- Em 1914, no topo nascente da Av. Mousinho foi inaugurado o projecto da Nova Igreja da Misericórdia, desenhada pelo Arq. Adães Bermudes;

- Em 1921, deu-se início a um ambicioso projecto para a sede do Orfeão Poveiro, da autoria do Arq. Francisco de Oliveira Ferreira. Este edifício localizava-se na Av. Mousinho, embora nunca tenha passado das primeiras pedras do alçado principal, devido à envergadura da obra⁵⁷.

Durante este período há uma ambição enorme, por parte de quem influencia os destinos da Vila, de crescimento e valorização do aglomerado que a Póvoa de Varzim tem dificuldade em acompanhar. E há, claramente, uma estratégia de valorização da estância balnear com o encomendar de projectos a arquitectos e a sua promoção.

Outra pretensão que reflecte esta vontade de querer valorizar a Vila, mesmo que as ideias pareçam impossíveis de alcançar, é o projecto de prolongamento da Av. Mousinho, para nascente. Esta ideia foi apresentada em 1906, 1916 e 1918 .

Estes projectos encontram-se analisados no capítulo três⁵⁸, referente ao Largo das Dores, na medida em que foi lá que se produziram os efeitos decorrentes desta vontade.

Regista-se que esta pretensão de querer ampliar, cerca de 150m, a Avenida não foi possível avançar, muito embora se tenha insistido ao longo de alguns anos nesse projecto.

109

⁵⁷ Após dezenas de anos sem se conseguir dinheiro para concretizar o ambicioso projecto da Sede do Orfeão Poveiro estas pedras foram numeradas e retiradas da Av. Mousinho para serem integradas na fachada principal do Edifício da Biblioteca Municipal, aquando da sua construção.

⁵⁸ Capítulo três, dedicado ao Largo das Dores (p. 78 à 81)



Fig. 56 - Planta do projecto da modificação do pavimento, iluminação, arborização da rua Mousinho de Albuquerque - 1931

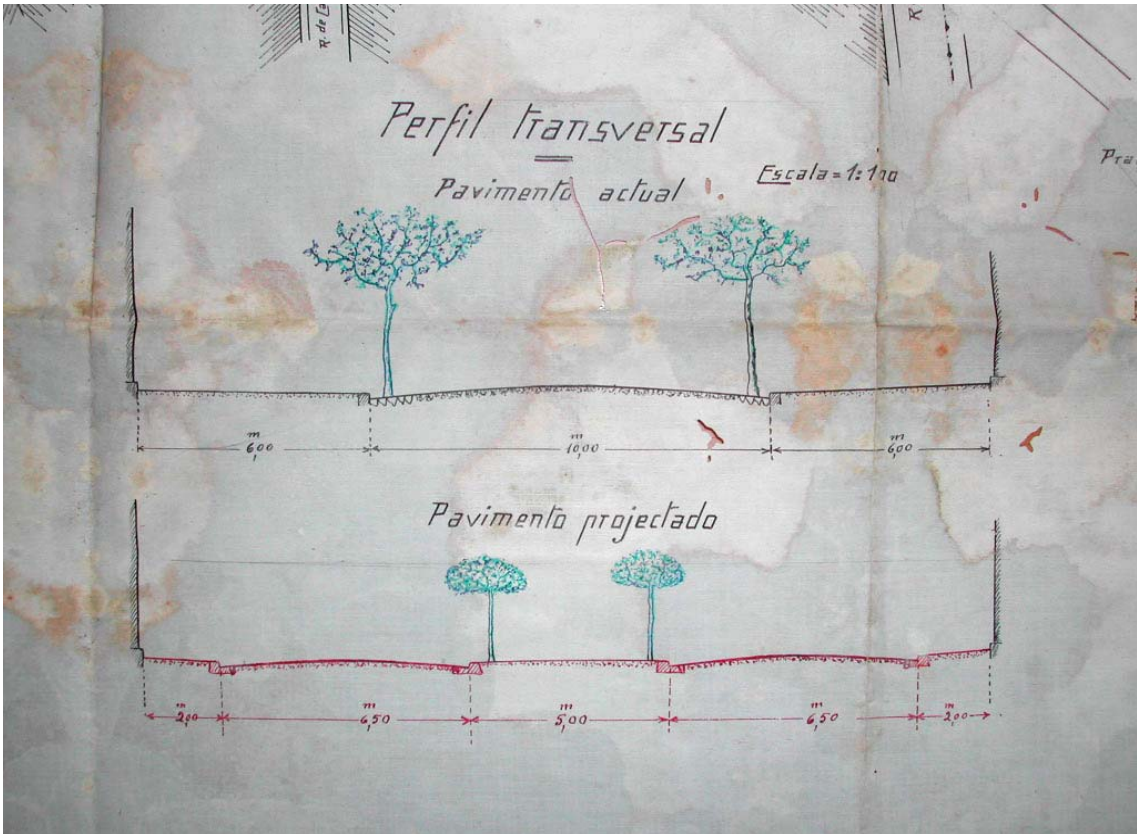


Fig. 57 - Perfis Transversais Existentes e Propostos para a rua Mousinho de Albuquerque - 1931

DOS ANOS 30 ATÉ FINAIS DOS ANOS 70 – SÉC. XX

Entre 1929 e 1930 “(...) por efeito de obras de saneamento e de canalizações de águas, foi a Avenida remodelada em toda a sua extensão, ficando com dois estreitos passeios laterais, duas razoáveis faixas de rodagens e uma larga placa central, com novas e pequenas árvores (...)”.⁵⁹

Os passeios laterais ficaram com dois metros de largura e, ao centro, uma alameda com cerca de cinco metros (constituída por uma faixa central pedonal com três metros e o restante com canteiros de flores e árvores, de ambos os lados). Esta Alameda Central tornou-se a imagem que perdurará na memória colectiva relativamente à Avenida durante todo este período.

Esta reformulação do espaço público, com implicações no seu perfil transversal tipo (que se manteve na sua essência até 2006), foi a grande alteração que a Avenida sofreu.

As edificações iam-se alterando vagarosamente, consolidando a imagem da Avenida.



Foto 78 - Avenida Mousinho de Albuquerque - 1935-1940



Foto 79 - Avenida Mousinho de Albuquerque - 1960-1965

⁵⁹ BARBOSA, Jorge – Toponímia da Póvoa de Varzim, Boletim Cultural vol XIII, 1974, p. 89



Foto 80 - Avenida Mousinho de Albuquerque - 2003



Foto 81 - Avenida Mousinho de Albuquerque - 2003



Foto 82 - Avenida Mousinho de Albuquerque - 2003

DOS ANOS 70 ATÉ AOS PRIMEIROS ANOS DO SÉC. XXI

A grande diferença, neste espaço público, surgiu com o incremento do tráfego automóvel e com o aumento da cêrcea dos edifícios.

A faixa de rodagem, que variava entre os seis e os seis metros e meio de largura, foi reduzida para quatro metros para possibilitar o estacionamento automóvel paralelo à via. Se, numa primeira fase, a dimensão das faixas viárias era satisfatória, progressivamente, o fluxo de trânsito foi aumentando e, a partir dos anos setenta, sentiu-se um desajuste entre a oferta e a procura de estacionamento.

A Avenida rasgada para proporcionar um amplo espaço público capaz de “impressionar” os visitantes deixa de ter capacidade para lhes proporcionar estacionamento; o que ocasiona a paragem, indevida, em segunda fila e o aumento do tráfego a percorrer sucessivamente a rua à procura de um lugar para parar.

Paralelamente, a esta mudança, cedeu-se à pressão imobiliária⁶⁰ e autorizou-se o crescimento, desordenado, em altura. Progressivamente, foi-se alterando por completo a escala do edificado, as habitações unifamiliares de rés-do-chão mais dois pisos, pontuadas apenas pela torre da Igreja de S.José, foram sendo substituídas por prédios de habitação colectiva de altura variável (quatro, oito, dez, doze pisos).

A volumetria dos edifícios deixou de estar de acordo com o perfil transversal da avenida.

A Avenida solarenga e arejada do início do século XX é, no início do séc. XXI, sombria, abafada pelos prédios e pela altura dos choupos, volumetricamente desordenada, sem um sistema de recolha de lixos condigno e em que o peão perdeu a prevalência sob os automóveis.

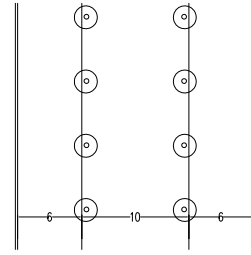
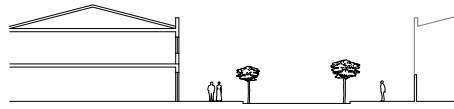
Os passeios, de dois metros (encostados às fachadas dos prédios), ficaram com uma largura claramente insuficiente e a faixa pedonal central é, inúmeras vezes, interrompida pela faixa viária, para inversões de marcha, em que o peão é claramente o intruso.

⁶⁰ Processos de obras particulares referentes a obras na Avenida Mousinho de Albuquerque A.M.P.V.:

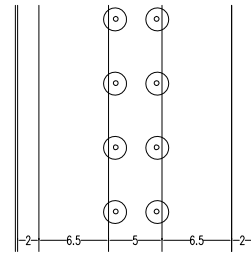
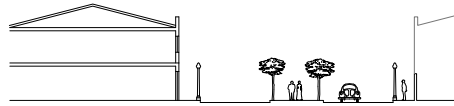
- 1899 entraram 5 processos
- 1900-1910 entraram 16 processos
- 1910-1920 entraram 2 processos
- 1920-1930 entraram 11 processos
- 1930-1940 entraram 0 processos
- 1940-1950 entraram 30 processos
- 1950-1960 entraram 8 processos
- 1960-1970 entraram 70 processos
- 1970-1980 entraram 7 processos

Evolução do perfil transversal da Av. Mousinho de Albuquerque

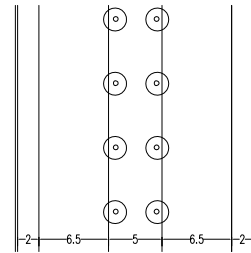
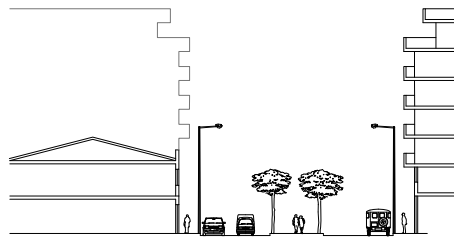
Finis do séc. XIX e primeiras três décadas do séc. XX



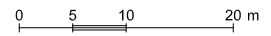
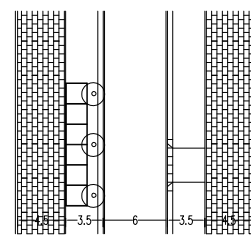
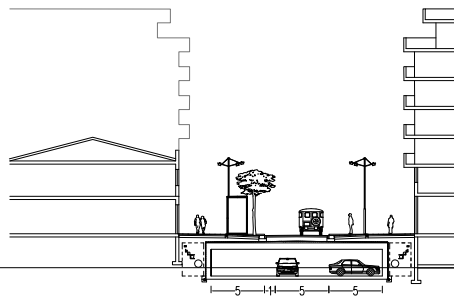
Dos anos 30 até finais dos anos 70 do séc. XX



Dos anos 70 até primeiros anos do séc. XXI



Após 2008



	Projectos	Planos para o aglomerado
Finais do séc. XIX e primeiras três décadas do séc. XX	<p>1896- Projecto de abertura da Av. Mousinho de Albuquerque, executado</p> <p>1901- Projecto de um Mercado entra a Rua Direita e a Avenida Mousinho de Albuquerque, executado</p> <p>1903 - Prolongamento da linha do Carro Americano até à Avenida Mousinho de Albuquerque</p> <p>1915- Análise de uma Comissão de Estética, que avaliou o estado das propriedades, privadas, na Avenida</p> <p>1917- Projecto de alteração volumétrica da Avenida dos Banhos e da Av. Mousinho, projecto do Arq. João de Moura Coutinho D Almeida D Eça, não concretizado</p> <p>1918- Projecto de Prolongamento da Avenida Mousinho de Albuquerque e de desvio da estrada Real nº 30, não concretizado (Esta Idela foi apresentada em 1906, 1916 e 1918)</p>	1920-Plano de Melhoramentos de Ezequiel de Campos
Dos anos 30 até finais dos anos 70 do séc. XX	1931- Planta do projecto da modificação do pavimento, iluminação, arborização da rua Mousinho de Albuquerque, concluído	1947- Plano de Urbanização da Cidade, Eng. Miguel Resende e Arq. Agostinho Rica
Dos anos 70 até aos primeiros anos do séc. XXI		<p>1982/1984- Plano Geral de Urbanização, realizado pelo Arq. Carvalho Dias</p> <p>1992- Plano Director Municipal, elaborado pelo C.E.F.A.U.P</p>
Após 2008	2004 -Projecto de Requalificação da Av. Mousinho de Albuquerque e Largo das Dores e construção de um Parque de Estacionamento Subterrâneo, concluído em 2008	2006-Plano de Urbanização da Póvoa de Varzim, elaborado pela C.M.P.V.

116





5. APRESENTAÇÃO DA INTERVENÇÃO - Arranjo Urbanístico da Av. Mousinho de Albuquerque e Largo das Dores e Construção de Parque de Estacionamento Subterrâneo



Foto 83 - Avenida Mousinho de Albuquerque – 2003



Foto 84 - Avenida Mousinho de Albuquerque – 2003

118



Foto 85 - Avenida Mousinho de Albuquerque - 2003

ANÁLISE DA SITUAÇÃO EXISTENTE EM 2003

A Avenida Mousinho de Albuquerque iniciou o novo milénio desfigurada. A volumetria dos edifícios já não estava de acordo com o perfil transversal da avenida e o espaço público carecia de uma actualização que respondesse, convenientemente, às novas solicitações.

No entanto, continuava a afirmar-se como local emblemático pela centralidade e por ser percurso obrigatório entre equipamentos de relevo como: o tribunal, o hospital, o mercado municipal, a repartição de finanças, igrejas, galerias comerciais e bancos.

Mantinha-se como um percurso estruturante da cidade, um dos principais eixos de ligação da zona Nascente com a Poente.

Em termos de tráfego assumia uma importância estrutural no esquema viário, já que era uma das três perpendiculares ao mar em que se circulava nos dois sentidos e, uma das quatro, em que se podia subir em direcção à estrada nacional.

Relativamente aos transportes públicos, esta avenida possuía (e possui) um potencial, em termos da largura do seu perfil transversal tipo, que a destacava das restantes perpendiculares ao mar, com perfis transversais muito exíguos.

O estacionamento existente, paralelamente aos passeios, dos dois lados da rua, era claramente insuficiente para uma rua com uma forte presença de estabelecimentos comerciais e de serviços. O resultado desta enorme carência de estacionamento era o tráfego tornar-se muito mais intenso, devido aos veículos que subiam e desciam a avenida à procura de um lugar de estacionamento, e o acumular de carros parados em segunda fila.

A Avenida apresentava-se sombria devido à excessiva volumetria dos edifícios, situação também acentuada pela altura das árvores que, a eixo do arruamento, dificultavam a entrada de sol.

Os materiais de pavimentação eram diversos, fruto de remendos e arranjos pontuais – degradados, devido à idade, ao uso e às raízes dos choupos, que progressivamente levantaram o pavimento do passeio central da Avenida, danificando também tubagens de adução e de drenagem de águas.

O Largo das Dores tinha, nesta altura, como elemento dominante o seu carácter de cruzamento (confluência de sete ruas). Mas, se noutros tempos, esta característica era conciliável com outras vivências, nesta altura, o Largo resume-se a um espaço de passagem, sem qualidades que potenciem um local aprazível de paragem. As necessidades de trânsito e estacionamento não resolvidas retiraram o largo do usufruto do peão⁶¹.

No entanto, o Largo continuava a ter um carácter emblemático na cidade, quer pelo peso histórico quer pela centralidade. Delimitado por edifícios que são equipamentos de relevo, com funções estruturantes no âmbito da cidade.

⁶¹ Esta característica foi evidenciada no capítulo três, pág. 90 e 91, destacando-se na fotografia aérea que mostra o Largo, nos anos noventa, a forma como o espaço pedonal foi ocupada por parques de estacionamento.

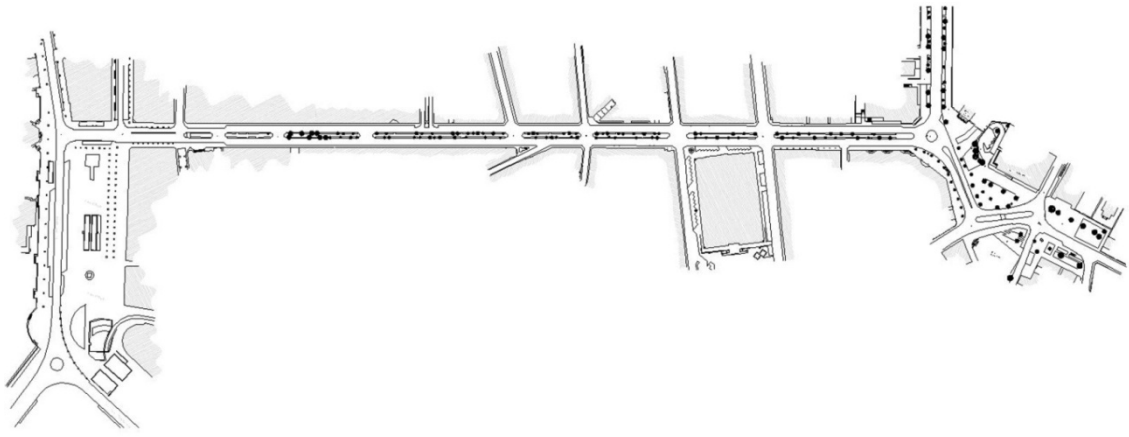


Fig. 58 - Planta da Situação Existente em 2003_Superfície

OBJECTIVOS DA INTERVENÇÃO/ESTUDO PRÉVIO

Em 2003 a Divisão de Estudos e Projectos, da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, foi encarregue de equacionar o reajuste da Avenida a novas necessidades, nomeadamente o superar a carência de estacionamento automóvel, com a possibilidade de construção de um parque de estacionamento subterrâneo, ao longo de toda a sua extensão. Este estudo foi realizado por mim em co-autoria com o Arq. Eurico Rebelo, chefe da Divisão.

Pretendia-se:

- requalificar o espaço público pela intervenção nos materiais de pavimentação e no tratamento de desenho que privilegiasse o peão;
- aumentar a capacidade de estacionamento automóvel na avenida;
- reduzir o tráfego automóvel a circular, nesta zona, sem inibição da circulação de transporte individual ou público, ou de cargas e descargas em horário especial;
- ampliar o espaço de conforto do peão.

Foi realizada uma breve investigação sobre a evolução histórica da área de intervenção, elaborada uma análise da situação existente e reavaliada a prestação de cada uma das áreas mais especializadas do espaço público.

Feita esta análise, seguiu-se uma fase de reflexão sobre as várias hipóteses de intervenção: qual a delimitação da área a intervir (se também incluía o Passeio Alegre, a Avenida dos Banhos ou o Largo das Dores); qual a estratégia ao nível do tráfego automóvel, para a Avenida, e as suas implicações ao nível da lógica viária da cidade; qual a viabilidade de ali se construir um parque de estacionamento subterrâneo; quais as possibilidades de localização dos acessos pedonais e automóveis, ao piso subterrâneo, e quais as condicionantes que a construção do parque implicariam no arranjo de superfície.

Nesta fase foram efectuadas visitas a parques de estacionamento subterrâneos, de forma a poder comparar estratégias e opções tomadas em situações semelhantes.

Para apoio a este projecto foi elaborado um estudo da circulação viária ao nível da cidade, de forma a testar a compatibilização de alterações aos sentidos de trânsito.

Após este período de análise, pesquisa e reflexão ensaiaram-se algumas estratégias que teriam diferentes repercussões na cidade.

Testou-se a possibilidade de englobar uma pista para bicicletas, ao longo da Avenida Mousinho, de forma a prolongar a pista que percorre toda a marginal e estendê-la até ao Largo das Dores. Embora se considerasse a criação dessa pista uma mais valia para a mobilidade na cidade, verificou-se que a largura do perfil transversal da Avenida Mousinho de Albuquerque não comportava: o acesso viário franco (de veículos privados e de transportes públicos), os acessos a um parque subterrâneo, passeios com alguma dimensão e uma pista para bicicletas. Por este motivo, entendeu-se que se deveria privilegiar a criação de espaços desafogados. A pista de bicicletas, a todo o tempo, poderia ser equacionada noutra das perpendiculares ao mar que não tivesse tantas solicitações.

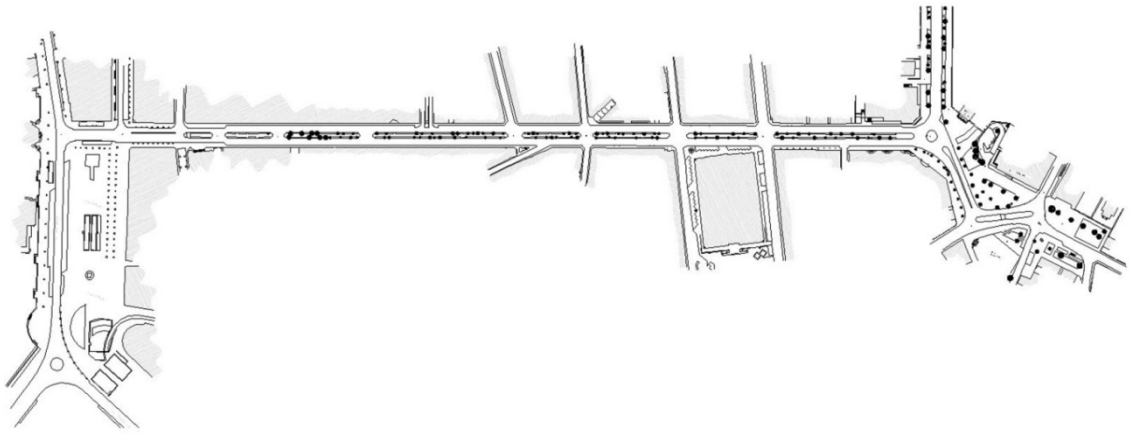


Fig. 58 - Planta da Situação Existente em 2003_Superfície

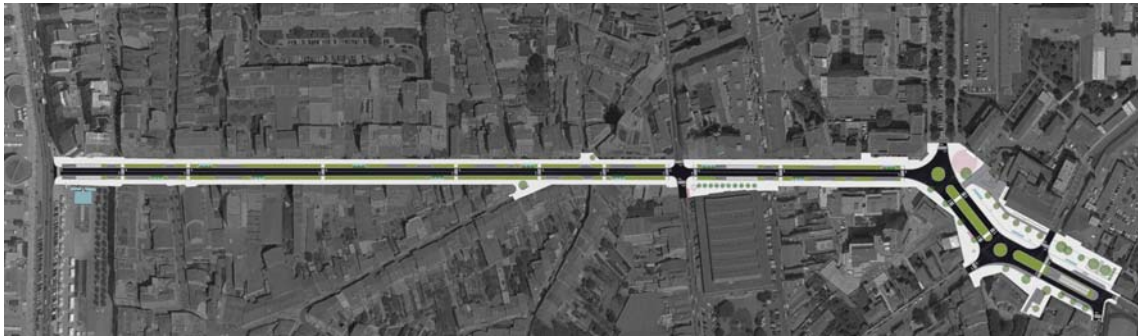


Fig. 59 - Montagem da Proposta de Intervenção sob a fotografia aérea – Superfície – 2004

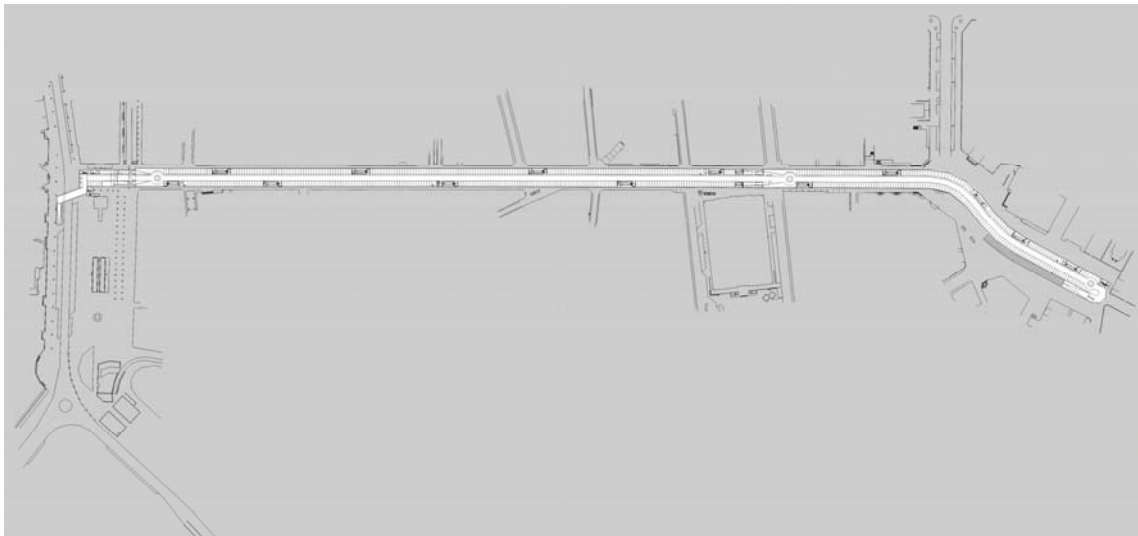


Fig. 60- Planta da Proposta de Intervenção - Piso Subterrâneo - 2004

A localização dos acessos de veículos, ao piso de estacionamento subterrâneo, foi outro dos pontos que implicava diferentes soluções, com repercussões na definição da área de intervenção e na vivência da cidade.

Considerou-se, suficiente, existirem três zonas de acesso de veículos ao parque: nos dois extremos e a meio. A localização a meio foi consensual, as rampas a posicionar nos dois extremos implicavam limites diferentes na área de intervenção.

O acesso a meio do parque foi de imediato pensado na intersecção da Avenida Mousinho com a Estrada Nacional nº 13, pelo movimento viário que este atravessamento representa. A escolha desta localização foi facilitada pelo alargamento no passeio junto ao mercado municipal, que possibilitava a existência de duas rampas de ambos os lados das faixas de rodagem, sem que isso implicasse uma redução na dimensão dos passeios.

Já o acesso de veículos, no topo Oeste da Avenida, cruzamento com a Avenida dos Banhos, teve duas soluções distintas:

. A mais arrojada aproveitava o facto de se querer localizar aqui o acesso a um piso subterrâneo, para ponderar a hipótese de transformar a zona do Passeio Alegre numa enorme zona pedonal, fazendo com que o trânsito na Avenida dos Banhos descesse nessa zona, em túnel, coincidindo com os acessos ao parque. Ou seja, voltava-se a pensar na ideia de pedonalizar a Avenida dos Banhos em frente ao Passeio Alegre, hipótese já colocada, embora noutros moldes, aquando do estudo do C.E.F.A.U.P.⁶² para a remodelação da Avenida dos Banhos em 1992, que acabou por não se concretizar.

. A segunda hipótese, a mais contida, mantinha a circulação viária existente tanto na Avenida dos Banhos como na Avenida Mousinho de Albuquerque, e localizava as duas rampas de acesso ao parque em ambos os lados das faixas de rodagem da Av. Mousinho.

Para os acessos de veículos, no topo Este da Avenida, Largo das Dores, também foram equacionadas duas soluções distintas:

. A primeira mantinha o arranjo exterior do Largo, concentrando o acesso ao parque numa rampa a eixo da rua, onde existia um separador central ajardinado.

. A segunda hipótese, ponderava o arranjo urbanístico de todo o Largo das Dores, possibilitando o redesenhar de todo o espaço e aumentava a liberdade de escolha relativamente à localização da rampa.

Foi apresentada uma síntese do estudo efectuado, com as estratégias para o arranjo superficial e subterrâneo. Este estudo foi entregue para posterior análise e decisão, por parte da gestão autárquica, que decidiu que se avançasse com o projecto de arquitectura, do estudo prévio para projecto de execução, optando por fixar a intervenção na Avenida Mousinho (com rampas na extremidade ponte e a meio) e no Largo das Dores (acesso nascente ao parque).

Até 2004 elaborou-se o processo de concurso do projecto e, no final de 2006, iniciaram-se as obras.

⁶² Sobre este projecto ver pág. 52 e 53, capítulo dois (Evolução da Marginal).



Foto 86
Fotografias da Av. Mousinho de Albuquerque em 2008 - acessos pedonais ao Parque



Foto 87



Foto 88



Foto 89 – Interior do Parque Subterrâneo

124



Foto 90



Foto 91



Foto 92

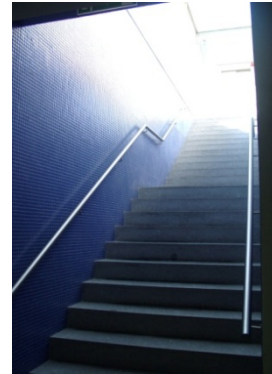


Foto 93

Fotografias dos Acessos Pedonais ao Parque de Estacionamento Subterrâneo em 2008

SÍNTESE DO PROJECTO DE REQUALIFICAÇÃO

A área de intervenção, com uma extensão de cerca de 1km, correspondendo a uma área total de 33000m², morfologicamente, apresenta-se sob duas zonas distintas. A Avenida Mousinho de Albuquerque, com um perfil definido e regular e o Largo das Dores, com carácter totalmente diferente, onde predominam edifícios mais marcantes, individualmente, e sem relação de continuidade. Assim, apesar das especificidades estudadas individualmente e destas áreas terem características muito diferentes, esta intervenção assume um fio condutor para estes espaços.

Localizou-se o parque de estacionamento subterrâneo ao longo do eixo da Avenida e do Largo das Dores, num único piso, com estacionamento de ambos os lados a 90 graus e três acessos para veículos.

Este parque, com capacidade para 560 veículos, possibilitou o completo desaparecimento do estacionamento à superfície.

No piso subterrâneo o mote foi a redução de tudo ao essencial, pontualmente caixas, revestidas com lâminas metálicas, aglutinam: as escadas, os elevadores, as saídas da ventilação, as caldeiras das árvores, as áreas técnicas e os contentores de resíduos sólidos.

À superfície optou-se por eliminar a faixa central pedonal, de forma a aumentar a largura dos passeios laterais, potenciando uma relação de maior proximidade com os pisos térreos dos edifícios.

Reduziu-se as quatro faixas de circulação automóvel para duas faixas, a eixo da avenida.

Duas faixas verdes, de 3.50m de largura cada, entre os passeios laterais e a faixa viária, fazem a separação entre o espaço pedonal e a zona de circulação automóvel. Nesta zona localizam-se as rampas de acesso ao parque, os acessos pedonais, as zonas de cargas e descargas, as paragens de transportes colectivos, as árvores e todo o mobiliário urbano.

Os passeios laterais ficaram com cerca de 4,50m de largura e livres de quaisquer obstáculos.

As ligações pedonais entre o espaço público e o piso subterrâneo fazem-se através de “caixas em vidro”. Pretendia-se que nestes pontos os utilizadores sentissem segurança e protecção, que fossem elementos que marcassem a localização dos acessos e, ao mesmo tempo, se apresentassem como referências deste espaço.

Estes catorze elementos à noite transformam-se em “caixas de luz” e foram desenhados, em vidro e aço inox, de forma a transmitirem leveza, luminosidade e delicadeza, por contraste com a sobriedade e austeridade que caracteriza o parque subterrâneo.

A cada acesso pedonal corresponde uma cor, um número, um nome para facilitar a identificação /memorização pelos utentes do parque.

A localização dos acessos ao parque, pedonais e de viaturas, implicou: a compatibilização com os acessos a garagens existentes; a coincidência dos acessos pedonais com as zonas mais movimentadas; o respeito pela métrica imposta pelo regulamento de segurança contra incêndios em parques de estacionamento cobertos e a escolha estratégica dos acessos para veículos para



Foto 94 – Largo das Dores – 2008



Foto 95 – Largo das Dores - 2008



Foto 96 - Passeio Alegre - 2008



Foto 97
Acesso Pedonal - Av. Mousinho

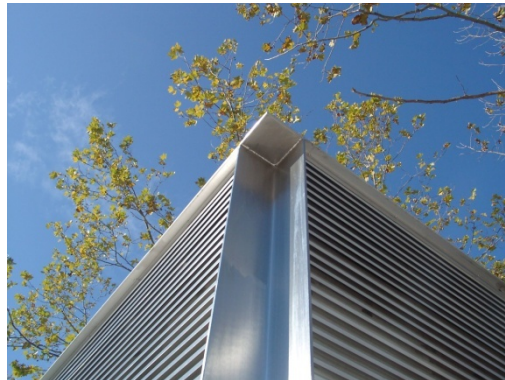


Foto 98
Cafetaria – Largo das Dores



Foto 99
Parqueamento bicicletas

que existisse o mínimo de circulação na Avenida. Para isso as rampas de acesso ao piso subterrâneo foram colocadas nos topos da Avenida e junto à estrada Nacional nº 13.

Um dos pressupostos para esta intervenção era a construção de uma cobertura para o palco, no extremo da Avenida, que evitasse a montagem e desmontagem da cobertura provisória; e de uma zona de apoio aos espectáculos (camarins). Os Camarins foram pensados no piso subterrâneo, tendo um acesso directo, pela saída do parque, à zona atrás do palco. A Cobertura do Palco foi pensada como uma estrutura leve, com pouco impacto visual, fixa em apenas dois pontos, por ancoragem.

Pretendeu-se manter a mesma linguagem, em toda a obra, com a repetição de utilização de cantoneiras e perfis em aço inox escovado e vidro transparente, como elementos dominantes, no desenho dos Acessos Pedonais e Automóveis ao Parque, das Paragens de Autocarros, do Quiosque e da Cafeteria.

Os elementos urbanos a utilizar em cada espaço foram o considerado estritamente necessário.

Esta estratégia foi direccionada no sentido de procurar uniformidade num espaço caracterizado pela diversidade e onde existe já demasiado protagonismo. Toda a intervenção procurou através do espaço público devolver a esta avenida uma imagem forte, coerente e marcante.

Relativamente ao Largo das Dores era necessário compatibilizar o cruzamento de sete ruas, de intenso fluxo viário, com um acesso automóvel ao parque subterrâneo e potenciar o espaço pedonal. Propôs-se que a circulação viária funcionasse, contornando um separador central, verde, onde se encontra a rampa, de acesso ao parque de estacionamento.

Optou-se por libertar a zona mais próxima do hospital para o usufruto pedonal, com a criação de um percurso (150m X 25m) por entre plátanos, com espaços vocacionados para a paragem e o descanso.

A eixo da Avenida Mousinho de Albuquerque, no enfiamento para quem se aproxima do Largo foi plantada uma Catalpa. Terá que crescer para se poder afirmar.

Em frente à Igreja da Misericórdia foi proposta, através do desenho do pavimento, a marcação de um espaço que funcionará como “adro da Igreja”.

Foi, também, proposta a localização de uma cafeteria, no Largo, que conjuntamente com um quiosque e as zonas de paragens de autocarros e de táxis contribuísse para a dinamização deste espaço.

Até quase ao final da obra tentou-se evitar a colocação de elementos dissuasores, para que os automobilistas não se apoderassem do largo, mas a tentativa revelou-se infrutífera... Optou-se pelo desenho de um elemento que se impusesse enquanto obstáculo, mas que transmitisse também uma certa leveza – o resultado foi uma espécie de elo. Como também era necessário introduzir estacionamento para bicicletas, e sempre com o intuito de reduzir a variedade, o desenho deste elemento resulta da procura de uma peça capaz de cumprir as duas funções. Conforme a posição em que é colocado funciona como obstáculo à invasão do espaço pedonal ou proporciona o estacionamento para bicicletas.

A obra foi orçada em 11.800.000,00 €, deste valor 3.776.000,00 € foram comparticipados pelo município.

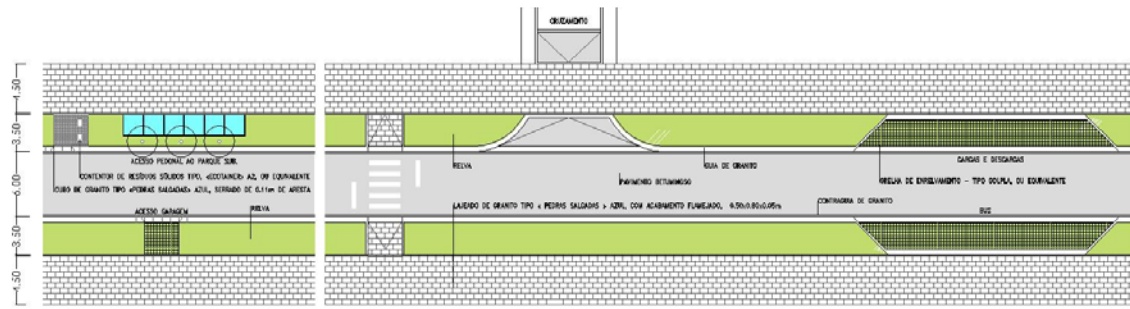


Fig. 61 - Planta com a pormenorização dos pavimentos, passadeiras, cruzamentos, entradas de garagem, zona de cargas e descargas, paragens de autocarros, acessos pedonais ao parque e local de depósito de resíduos sólidos na Avenida.



Foto 100
Apresentação Pública, 04/03/04



Fig. 62
Jornal de Notícias, 05/03/04



Fig. 63
Póvoa Semanário, 10/03/04

128



Foto 101



Foto 102



Foto 103
Salão Nobre da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim - 30 de Setembro de 2006

CONCRETIZAÇÃO DA OBRA – ANÁLISE DE UM PROCESSO DE 20 MESES

Decorridos cerca de 100 anos depois da discussão sobre a viabilidade ou não de se rasgar a Avenida Mousinho de Albuquerque, a discussão sobre esta nova intervenção surge nos mesmos moldes. Enquanto alguns cidadãos consideram o investimento megalómano e mostram-se cépticos quanto à viabilidade económica deste parque subterrâneo, outros consideram o investimento fulcral para a revitalização de toda a zona envolvente e desenvolvimento da cidade. Tal como aconteceu, no início do século, vai para a frente a ideia mais arrojada - mais uma vez se pretende fazer uma forte aposta no espaço público. Acredita-se que esse investimento será capaz de revitalizar esta zona da cidade.

O projecto foi apresentado e explicado à população, antes da elaboração do concurso, e antes de se iniciarem as obras. Durante a execução das obras houve uma permanente divulgação e explicação da estratégia de faseamento dos trabalhos e um gabinete específico para atendimento, ao serviço da comunidade. Este gabinete, instalado na própria Avenida, serviu para resolver localmente todos os problemas, que iam surgindo; e para minorar os conflitos de interesses, que uma obra desta envergadura levanta, atendendo a que frente de trabalho interferia com entradas de habitações, de estabelecimentos comerciais e de garagens. Foram constantemente elaborados planos estratégicos de tráfego; de forma, a conciliar os sucessivos cortes no trânsito, de troços da Avenida, que obrigavam o repensar dos sentidos de diversas ruas da cidade.

129

Todas as movimentações na obra foram atentamente observadas por moradores ou simples transeuntes. Todos tinham opinião.

Manter o interesse colectivo acima de interesses particulares foi, por vezes, bastante complicado. Existe um grave problema de cidadania, que impede a visualização de um interesse comum, na concepção global da cidade; em vez de um somatório de espaços que reflectem acções de benefício (muitas vezes caprichos) individuais.

Uma das dificuldades na implementação do projecto foi gerir a falta de respeito pela área pedonal, de maneira a que não fosse necessário ter barreiras em todo o espaço. O perfil da Avenida tinha sido pensado para que a faixa verde marcasse a separação entre veículos e peões. Houve uma grande desconfiança que a guia e a faixa verde conseguissem evitar o estacionamento em segunda fila, e conseqüente “plantação” de dissuasores pelos 750m, de extensão da Avenida. Exceptuando-se alguns devaneios nocturnos o perfil tem resultado. No entanto, é difícil evitar as tentativas de apropriação das baías de estacionamento reservadas a cargas e descargas e aos transportes públicos. Assim como, é complicado evitar a utilização das rampas para acesso de garagem: para entrar no passeio e estacionar, ou para deixar metade do carro na faixa verde e a outra metade sobre as grelhas de enrelvamento. Após um ano de experiência, resolveu-se colocar um tubular de aço inox, a restringir o espaço para acesso a garagem, de forma a evitar o contínuo desgaste da relva provocado pelos pneus dos automóveis que paravam metade na relva, metade nas grelhas de enrelvamento.

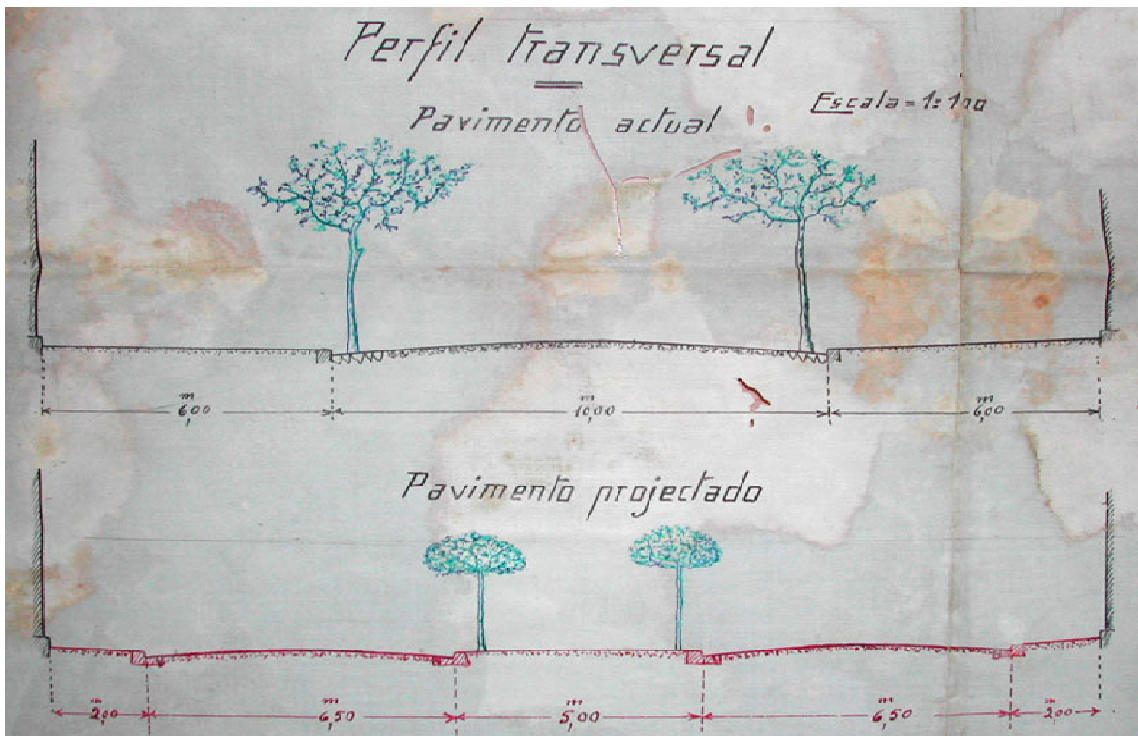


Fig. 64 – Cortes Transversais tipo representados no Projecto de modificação do pavimento, iluminação, arborização na Avenida Mousinho de Albuquerque - 1931 (extracto da folha)
O primeiro perfil transversal tipo refere-se à Avenida entre 1897 e 1931 e o segundo de 1931 até 2006.

130



Fig. 65 - Perfil transversal tipo da Avenida _ projecto 2004

No Largo das Dores, a experiência em obra decretou o imediato estudo e implementação de dissuasores para restringir a invasão do pavimento, em granito, pelos condutores. Bastava um subir o passeio e rapidamente o espaço tinha sido ocupado.

Esta apropriação do espaço pedonal pelos automobilistas, para pequenas paragens, é um problema comum a todo o país. É difícil evitar a tentativa de parar o automóvel à porta do edifício onde se quer ir. Foram décadas de apropriação indevida do espaço.

Durante todo este percurso, houve recuos, avanços, cedências e conquistas, características que se repetem, ao longo dos tempos, no decorrer dos projectos.

Foram vinte meses de obra, diversas alterações, algumas cedências outras não...

O resultado final é uma solução de compromisso entre os inúmeros intervenientes neste percurso.



Foto 103 - Fotografia da Av. Mousinho de Albuquerque - 2008

RUINAS : CONSTRUÇÕES ROMANAS:

ALTO MARTIM VAZ
VELGIRONG





6. CONCLUSÃO

A importância atribuída à frente marítima manteve-se, desde a formação do aglomerado até hoje. Inicialmente através das actividades piscatórias e mais tarde através das balneares.

Numa primeira fase, o núcleo habitacional situava-se relativamente afastado da orla costeira, mas com conexões ao mar. Lentamente, iniciou-se uma aproximação - primeiro pela zona sul e mais tarde urbanizou-se a zona norte. Hoje, a cidade vive, indiscutivelmente, voltada para o mar.

Podemos datar o início da valorização dos espaços da zona costeira, da Póvoa de Varzim, vinte anos antes de terminar o séc. XIX. Reflexo deste novo interesse foi o aparecimento dos primeiros projectos para o espaço público da frente de mar.

O final do século XIX, na Póvoa, foi marcado por uma vontade muito forte em realizar melhoramentos capazes de manter e de atrair ainda mais o turismo balnear, que se mostrava uma interessantíssima fonte de receita para a, então, Vila.

Foi feito um esforço económico substancial para criar uma rede de atravessamentos capazes de expandir a Vila para norte no sentido de, aí, impulsionar um crescimento orientado para o usufruto balnear. De todas as vias propostas neste período (paralelas e perpendiculares ao mar) destacaram-se duas pelas suas dimensões e por formarem entre si um eixo que marcou decisivamente a malha urbana do aglomerado.

Tratou-se da Avenida dos Banhos e da Avenida Mousinho de Albuquerque. Uma paralela à linha da costa, a «marginal» e a outra, perpendicular a esta, a ligar o largo das Dores e a praia. A primeira com cerca de 15m de largura e a segunda com cerca de 22m. Ambas tiveram propostas com larguras mais reduzidas mas o que prevaleceu foi a vontade de as afirmar, a nível nacional, pela sua dimensão.

134

Também a nível da sua extensão têm em comum o facto de terem tido diversos projectos, nem sempre realizados, mas sempre com a mesma vontade - de as estender o mais possível. A Avenida dos Banhos (marginal ao mar) teve como primeiro objectivo um comprimento de 720m (concluído em 1878), existindo, a partir daí, esforços de a prolongar para norte e para sul. A Avenida Mousinho foi realizada com 750m de comprimento, estando rasgada na sua totalidade em 1906. No entanto, foram manifestadas, por diversas vezes, intenções de a prolongar para nascente.

O esforço necessário para a realização destas Avenidas implicou a redução de verbas noutras áreas do aglomerado. Esse privilegiar destas duas zonas como “representativas” da Póvoa de Varzim, sacrificando outras intervenções para conseguir aqui a execução de melhoramentos, foi até hoje uma constante, valorizando-se esses investimentos como necessários para manter uma actividade económica essencial para a Póvoa - o Turismo.

Embora os projectos destas Avenidas sejam sempre apresentados de forma independente, transparece, aqui, a estratégia de marcação de dois eixos, que introduziram no desenho urbano da Vila uma nova ordem que marcou o século seguinte. Os Romanos desenhavam, para ocupação de um território, dois eixos - Decumanos Maximus (Oeste/Este) e Cardus (Norte/Sul) e o cruzamento dos dois definia a localização do fórum principal. Neste caso, também se cruzam dois eixos, mas em que um não se prolonga sobre o outro. No cruzamento dos dois eixos desenvolveu-se um pólo ligado ao turismo, à restauração, ao comércio e à cultura. No extremo de um dos eixos situa-se um dos pólos dinamizadores do aglomerado ligado à saúde, à protecção dos mais carenciados, à assistência espiritual, ao comércio, ao ensino e à justiça. O concentrar

destas valências no Largo das Dores foi o motivo que justificou ser este o ponto de origem da nova Avenida, que ligou a Vila ao mar, formando o novo eixo.

Os novos equipamentos, estruturantes para o funcionamento da Vila, que foram sendo implantados no Largo durante o séc. XVIII e XIX (duas Igrejas; a Casa da Mesa e do Despacho, de apoio à Santa Casa da Misericórdia; o primeiro Hospital e o primeiro Cemitério da Vila, assim como o primeiro edifício construído de raiz para ser uma escola Primária) justificavam a necessidade de acessos francos a este espaço público. Espaço que durante séculos se manteve relativamente afastado do aglomerado e que a partir do séc. XIX foi recebendo importantes vias que o ligavam não só às diversas zonas da Vila como também ao exterior do aglomerado.

O início do século XX foi marcado por uma vontade de ir mais além relativamente a algumas ruas recentemente rasgadas. Pretendia-se realizar o ambicioso projecto de prolongar a marginal para norte, para Aver-o-Mar e também se ambicionava prolongar a Av. Mousinho de Albuquerque para nascente, ambas as aspirações se revelaram infrutíferas. No entanto, embora a ideia do prolongamento da Av. Mousinho não tivesse sido concretizada, teve implicações na alteração de localização das igrejas existentes no Largo das Dores.

Também se pretendia continuar a marginal para sul. Surgiram vários projectos, alguns iniciaram-se mas ficaram sempre aquém das expectativas.

Podemos afirmar que as primeiras três décadas do século XX se caracterizaram pelo consolidar dos espaços públicos criados no período anterior, mais do que pela concretização dos ambiciosos projectos que, nesta altura, foram desejados para o espaço público.

Destaca-se, também, neste período, a construção de equipamentos, localizados na área em estudo, dinamizadores da Vila - o Velódromo (mais tarde transformado em Estádio, no Alto de Martim Vaz), a Esplanada do Carvalhido, os cafés Guarda-sol e Diana bar, o Casino, o Grande Hotel, o Mercado, a Cadeia, a primeira Central Eléctrica da Vila e o Dispensário do Instituto da Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Mas o que mais sobressai nestas três décadas não são as concretizações. O que impressiona é a vontade e as medidas adoptadas para transformar a Póvoa numa importante estância balnear não só ao nível nacional como internacional.

Uma das intenções que mais sobressai, da análise deste período, é a vontade de impulsionar um investimento imobiliário particular condizente com o esforço que tinha sido impresso ao espaço público.

Numa primeira fase, os esforços foram no sentido de pressionar os proprietários de terrenos ou de edifícios, nas principais artérias da cidade, a fazerem melhoramentos. Através da análise de uma Comissão de Estética, que avaliou o estado das propriedades (terrenos e edifícios) das principais ruas da Vila, foram nomeados os que não podiam continuar no estado actual como sendo impróprios para o local e por lhe faltarem as condições de estética, salubridade e higiene. A referir que, por vezes, se idealizaram demolições que implicariam um grande esforço económico para os seus proprietários, apenas para se fazer um alinhamento. Como foi o caso do Passeio Alegre onde se tentou alterar trinta e uma fachadas para rectificar uma direcção.

Esta tentativa de persuasão dos proprietários, como se imagina, não teve a repercussão idealizada. A medida que as pessoas iam renovando as suas habitações é que se realizavam os melhoramentos.

Esta Comissão emitiu um parecer sobre a Avenida dos Banhos, o Passeio Alegre e a Avenida Mousinho de Albuquerque, não existindo qualquer indicação relativamente ao Largo das Dores.

O Largo manteve-se, ao longo dos anos, pontuado por diversos equipamentos de relevo, mas que surgiram, aparentemente, soltos sem que transpareça uma ideia de unidade. A preocupação com a imagem das frentes urbanas da Vila, manifestada, com tanto empenho, nas outras zonas, aqui não se fez sentir. Nunca se conseguiu criar com as fachadas dos edifícios um cenário capaz de ajudar a definir este Largo.

Posteriormente a esta forma de pressão foi adoptada uma outra estratégia - a qual poderemos classificar de marketing, na medida em que foram encomendados projectos de arquitectura e organizados concursos, posteriormente publicados na revista quinzenal de arquitectura A Construção Moderna.

Há claramente uma estratégia de valorização da Vila com o encomendar de projectos a arquitectos e a posterior promoção na imprensa.

O projecto mais arrojado previa uma grande alteração da volumetria da Avenida dos Banhos, Passeio Alegre e Avenida Mousinho de Albuquerque. Apresentou-se uma imagem global destes espaços em que as habitações, de rés-do-chão ou rés-do-chão mais um, eram todas substituídas por habitações de três ou quatro pisos. E a ideia era a substituição progressiva das habitações existentes por estas, à medida que os proprietários construíssem novas edificações.

Os projectos apresentados para estas habitações não se construíram, mas esta imagem é a expressão de uma vontade política que ficou marcada durante décadas.

Para além da encomenda de alguns dos edifícios públicos a arquitectos, uns concretizados (Igreja da Misericórdia) outros não (Igreja de S. José, Sede do Orfeão Poveiro) destaca-se a encomenda do primeiro plano geral de melhoramentos da Vila, em 1920, ao Eng. Ezequiel de Campos. A enorme importância desta encomenda reside nas preocupações urbanísticas demonstradas por parte de quem governava a vila, já que este plano, depois de Lisboa e Porto, é o terceiro a ser elaborado no país.

Podemos classificar estes primeiros trinta anos do séc. XX, na Póvoa, como extremamente ambiciosos relativamente a um desenvolvimento da Vila, apoiado por técnicos qualificados, capazes de elevar a Vila ao nível dos mais importantes aglomerados nacionais e internacionais.

Dos anos quarenta e cinquenta, comparativamente com os anos anteriores, pode-se dizer que, mais do que mudanças estruturais no espaço público, assistiu-se a uma densificação geral dos quarteirões. Os grandes objectivos consistiram em pavimentar a Avenida dos Banhos e alargar o seu perfil tipo, construir a marginal sul, pavimentar a Avenida Mousinho de Albuquerque e o Largo das Dores. Os equipamentos mais relevantes que foram construídos, na zona em estudo, foram a praça de touros e o complexo de piscinas, no Alto de Martim Vaz.

Os anos sessenta, setenta e oitenta foram marcados pela massificação do turismo. Mais do que qualquer intervenção de destaque no espaço público assistiu-se a uma mudança de escala dos edifícios. Iniciou-se um rápido crescimento urbano, em que a pressão imobiliária se fez sentir de uma forma muito forte e o planeamento urbanístico não a conseguiu orientar.

Surgiram novos problemas - ausência de estacionamento, circulação viária congestionada, ineficiente recolha de lixos, falta de tratamento de esgotos, dificuldade no abastecimento e na qualidade da água potável, resultantes de um aumento sazonal da população, aos quais não se conseguiu dar uma resposta com qualidade.

A única intervenção a destacar foi o projecto de reformulação da Avenida dos Banhos e da Esplanada do Carvalhido, nos anos oitenta.

A partir da década de noventa até à actualidade, tem-se assistido a uma aposta fortíssima em diversos espaços públicos da cidade. Pela primeira vez foi possível pensar numa intervenção global da avenida marginal desde Aver-o-mar até ao limite do concelho. Os projectos foram estudados de forma a garantir unidade à avenida, onde estiveram presentes fortes preocupações ao nível do usufruto do peão e da ausência de estacionamento.

O ano de 2006 ficou marcado pelo início das obras de requalificação da Av. Mousinho de Albuquerque e Largo das Dores e construção de um parque de estacionamento subterrâneo. Em 2008 este ambicioso projecto estava terminado, representando uma mudança na imagem do espaço público destes locais, completamente desqualificados e descaracterizados antes da intervenção. Esta mudança espacial necessitava de ser complementada com uma alteração na imagem do edificado. Embora esta sugestão seja extremamente complexa de executar, a curto prazo, urge repensar a forma como, até aqui, se qualificou a frente edificada e de que maneira um edifício influencia todo um cenário.

Durante o período em estudo, alteraram-se significativamente as vivências do espaço, as necessidades e as expectativas. Respondendo a estas mudanças o espaço foi sendo sempre adaptado às diversas solicitações.

Relativamente aos equipamentos alguns mantiveram-se, outros transformaram-se, alguns houve que foram desaparecendo e outros foram acrescentados.

Ao nível dos equipamentos de apoio à praia, montados todas as épocas balneares, mantêm-se as barracas para alugar - estruturas de madeira cobertas de tecido. Apenas tem variado a sua distribuição e número por sectores. As barracas em que se encontram os banheiros e os pequenos bares têm sofrido alterações. Houve períodos em que se conseguiu manter o critério de uniformidade de imagem entre eles, outros não. Neste ponto tem havido conquistas mas também retrocessos.

Mantém-se o relevo dado aos cafés em cima da praia, com bastante resistência em reduzir ao mínimo as construções em cima do areal. Á semelhança do que se passa no resto do país, nas últimas décadas, as diversões nocturnas ganharam muita importância. Por este motivo, alguns dos cafés tornaram-se discotecas ou bares.

Existem equipamentos com grande volumetria, em cima da praia e que não tiram partido das mais valias dessa localização. É necessário repensar estas implantações e os equipamentos que se mantivessem precisavam de ser reformulados, apoiados em critérios de qualidade espacial.

Era fundamental reintroduzir o charme e a distinção que alguns equipamentos (como o Café Chinez ou o Diana-bar), no início do séc. XX, apresentavam.

O Casino manteve-se como equipamento fundamental ao lazer e o hotel, que durante anos esteve a ele associado, continua a ter uma localização estratégica, embora existam diversas condicionantes que fazem com que hoje não seja considerado o hotel de luxo que já foi.

Dos equipamentos que foram desaparecendo destacam-se os balneários. Os banhos quentes começaram a surgir no final do século XIX e, no início da década de setenta, já tinham sido demolidos os três balneários que existiam na Avenida dos Banhos e no Passeio Alegre. Passados mais de cem anos, após o aparecimento do interesse por este tipo de equipamentos volta a haver atracção pela prestação deste tipo de serviços. Esta procura poderia ser colmatada com

uma actualização/adaptação desta tipologia de equipamentos. O enorme investimento que tem havido, nestas duas últimas décadas, no espaço público não foi suficiente para despoletar o investimento, privado, em equipamentos que se distingam pela qualidade. A este nível existe um potencial à espera de resposta.

A importância atribuída aos equipamentos desportivos sempre foi manifestada, mas se antes estas actividades se concentravam na zona do Alto de Martim Vaz, nas últimas décadas o usufruto desta prática alastrou a toda a marginal. Actualmente este é um aspecto essencial de utilização de toda a frente de mar.

O mobiliário urbano, a iluminação e os pavimentos têm variado muito conforme as inovações tecnológicas, os gostos, as possibilidades económicas e as vivências das diferentes épocas.

É de salientar que embora nesta última intervenção haja uma maior diversidade, do que em todas as épocas anteriores, pela primeira vez temos uma Avenida, desde Aver-o-Mar até ao limite sul do concelho, a funcionar como um fio condutor. Com diferentes perfis, mas utilizando os mesmos pavimentos, segundo um determinado ritmo, a mesma iluminação e o mesmo mobiliário urbano, de forma a garantir uma continuidade de imagem.

A necessidade de prever locais para estacionamento automóvel começou-se a sentir no final da década de quarenta, mas foi notório nos anos setenta e oitenta o enorme crescimento desta carência. Acrescenta-se que a esta procura não correspondeu um planeamento nesse sentido - as indicações do plano de 1948 foram menosprezadas, e o resultado foi o estacionamento caótico em qualquer sítio. A partir dos anos noventa foi feito um grande esforço, no sentido de dar uma resposta com qualidade a este problema. A última diligência, neste sentido, ficou concretizada em 2008 com a conclusão do parque de estacionamento subterrâneo na Av. Mousinho e Largo das Dores. Este parque veio colmatar a carência de estacionamento na frente de mar, a ausência de lugares de garagem de inúmeras habitações da Av. Mousinho e a falta de planeamento de lugares, suficientes, de apoio ao Mercado Municipal, ao Tribunal, às Finanças, aos Bancos, ao Hospital, às três Igrejas e aos estabelecimentos comerciais.

Constatou-se que a arborização e os espaços verdes foram características muito pouco exploradas ao longo dos vários períodos. Embora tenha havido projectos em que se pensava arborizar a Avenida dos Banhos (1917) ou a Avenida Marginal sul (1947) isso não aconteceu. Apenas, na reformulação da avenida, em 1982, se plantaram palmeiras.

Ao nível dos espaços verdes verificava-se que apenas o jardim do Passeio Alegre era alvo de tratamento.

Esta situação foi invertida nesta última intervenção, em que é dada uma grande importância a estes elementos, plantando-se árvores ao longo da avenida marginal, zona sul da fortaleza, parques de estacionamento e no Passeio Alegre, assim como se criaram diversas zonas ajardinadas

Uma característica da evolução da marginal a apontar é que, embora a imagem urbana tenha mudado muito, manteve-se sempre a distinção entre a zona norte, ligada à parte balnear e a zona mais a sul, ligada às actividades piscatórias (praia dos banhos e praia do pescado).

De referir que a parte da marginal onde existiu sempre um maior investimento no espaço público foi a zona compreendida entre a zona desportiva e o casino - a Avenida dos Banhos e o Passeio Alegre. A zona a sul do Casino teve inúmeros projectos, mas ficaram sempre aquém das expectativas. Só nesta última intervenção se exploraram as potencialidades de novos espaços

públicos. A zona a norte do complexo desportivo teve um projecto no final do século XIX, de continuar a Avenida Marginal de forma a ligar a Póvoa de Varzim a Aver-o-Mar, mas a Avenida só continuou até ao Alto de Martim Vaz. Também aqui, só nesta última intervenção, quase um século depois desta ideia ter sido lançada, é que esta zona foi alvo de um projecto.

A intervenção, ao nível do espaço público, da frente de mar ainda não está terminada. A tendência natural é a continuação da marginal para norte.

Desta análise fica evidenciada a importância que estes dois eixos sempre representaram.

Reflexo evidente desta posição, são os inúmeros projectos realizados, os desejos, os sonhos que para estes locais se tiveram. Esta foi a parte da cidade para onde convergiram sempre todas as expectativas, colocando-a sempre em primeiro lugar ao nível dos investimentos. Foi assim no passado e penso que continuará a ser no futuro. Mas, se noutros tempos as mudanças eram mais lentas, e havia um maior período de reflexão, hoje as mudanças são muito rápidas. Importa apostar no desenho urbano, no planeamento urbano e na vontade político-administrativa de os cumprir, como forma de ir, sucessivamente, adaptando os espaços a novas vivências, mas preservando a herança cultural que até nós chegou.

Da reflexão sobre a experiência de elaboração e implementação de um projecto, como o Arranjo Urbanístico da Av. Mousinho e Largo das Dores, verifica-se a permanência de determinados parâmetros que se repetiram ao longo dos tempos.

Uma das características que se constata comum é a enorme dificuldade em reunir consensos. Intervir no espaço público e nele investir verbas públicas, acarreta um grande esforço em conciliar um leque muito alargado de expectativas e pontos de vista.

Outra particularidade que um investimento, de tal natureza, implica é o projectar para o comum dos cidadãos, sabendo que este espaço o poderá influenciar, mas que também ele poderá, através das suas vivências, alterar o espaço. O espaço público é o reflexo desta combinação de elementos: as ideias de quem encomenda o projecto; o conceito de quem elabora o projecto; e as expectativas dos diversos cidadãos que vivenciam o espaço, e o adoptam e adaptam todos os dias.

Resultado desta amálgama de intervenientes é a não estanquidade dos projectos. Verifica-se que, no espaço temporal, em análise, o espaço público reflecte os avanços, recuos, cedências e conquistas na implementação dos diversos projectos.



AVENIDA

0 B.1.

N O R T

140

Passoio Alegre

0 B.1.

0 MT.

Largo do Passoio Alegre

0 1 2 3 4 5

Bibliografia geral

Bibliografia sobre a cidade:

- FERREIRA, Alfredo Durão de Matos- Aspectos da organização do espaço português, F.A.U.P publicações, Porto, 1995
- FERNANDES, Mário Gonçalves – Urbanismo e Morfologia Urbana no Norte de Portugal Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Guimarães, Vila Real, Chaves e Bragança entre 1852 e 1926, F.A.U.P publicações, Porto, 2005
- GOITIA, Fernando Chueca- Breve História do urbanismo, Editorial Presença. Lda, Lisboa, 1992
- LAMAS, José M. Ressano Garcia - Morfologia Urbana e Desenho da Cidade, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989
- LÔBO, Margarida Souza- Planos de Urbanização A época de Duarte Pacheco, FAUP publicações, Porto, 1995
- LYNCH, Kevin- A boa forma da cidade, Edições 70, Lisboa, 1982
- LYNCH, Kevin- A imagem da cidade, Edições 70, Lisboa, 1999
- PORTAS, Nuno - A cidade como arquitectura, Livros Horizonte, Lisboa, 1969
- RAMALHO, António Leite – Urbanismo retratos urbanos, Edição da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, Póvoa de Varzim, 2004
- ROSSI, Aldo- A arquitectura da cidade, Edições Cosmes, Lisboa, 1977

Bibliografia sobre a costa:

- CENTRO DE ESTUDOS DA F.A.U.P – Água - cidades e frentes de água, F.A.U.P publicações, Porto, 1998
- COLEGIO OFICIAL DE ARQUITECTOS DE GALICIA - Actuaciones Urbanas en Bordes Marítimos, La Coruña, 1990
- GRAAF, Jan De with Camp, D`Laine - Europe Cost Wise, 010 Publishers, Rotterdam, 1997
- HOYLE, Brian e WILEY - City Ports, Coastal Zones and Regional Change International Perspectives on Planning and Management, John Wiley & Sons, Chichester ,1996
- MEYER, Han- City and Port Transformation of Port Cities London, Barcelona, New York, Rotterdam, International books, Utrecht, 1999
- POWELL, Kenneth- City Transformed: Urban Architecture at the beginning of the 21st century, Laurence King, London, 2000
- TRAPERO, Juan Jesús- Os Paseos Marítimos Españoles su diseño como espacio público, Akal Madrid, 1998

Periódicos:

- AA.VV, «Em defesa de uma estratégia fundamentada de conservação para o litoral português», Sociedade e Território, nº12, Maio 1990
- AMORIM, Manuel «A importância da Capela da Mata na expansão da Póvoa» O Noticias da Póvoa de Varzim, 18 de Setembro de 1985
- CABRAL, Natércia Rêgo, «Faixa litoral e Domínio Público Marítimo normativa e intenções», Sociedade e Território, nº12, Maio 1990
- CABRAL, Natércia Rêgo, «O novo modelo de gestão da orla costeira», Sociedade e Território, nº22, Setembro 1995
- CASANOVA, José Luís, «Turismo e território – alguns apontamentos», Sociedade e Território, nº13, Junho 1991
- FIGUEIRA, João Francisco, «Desenhar a cidade alargada, O litoral da Póvoa de Varzim Uma hipótese interpretativa e operativa», Sociedade e Território, nº2, Março 1995
- FILIPPE, Jorge Luís, « Turismo: qualidade como factor de desenvolvimento», Sociedade e Território, nº22 Setembro 1995
- LEBRE, Ana Maria Guedes , «A Urbanística do lazer e do turismo», Sociedade e Território, nº28, Agosto 1998
- MARTINS, Luís Paula Saldanha, «Banhistas de mar no séc XIX um olhar sobre uma época», Revista da Faculdade de Letras – Geografia, I série, Vol. V, Porto, 1989, p.45 a 59

PORTAS, Nuno, «Crítica do urbanismo – o desenho urbano em situações de costa», Sociedade e Território, nº13, Junho 1999

Bibliografia sobre a Póvoa de Varzim:

- AMORIM, Manuel - Boletim Cultural nº 1 Volume VIII, Edição da Câmara Municipal, Póvoa de Varzim, 1969
AMORIM, Manuel - Boletim Cultural nº 2 Volume XIV, Edição da Câmara Municipal, Póvoa de Varzim, 1975
AMORIM, Manuel - Boletim Cultural nº 1 Volume XVI, Edição da Câmara Municipal, Póvoa de Varzim, 1977
AMORIM, Manuel - Boletim Cultural nº 1 Volume XVII, Edição da Câmara Municipal, Póvoa de Varzim, 1978
AMORIM, Manuel - Boletim Cultural nº 1 Volume XX, Edição da Câmara Municipal, Póvoa de Varzim, 1981
AMORIM, Manuel - Boletim Cultural nº 2 Volume XXVII, Edição da Câmara Municipal, Póvoa de Varzim, 1990
AMORIM, Manuel - Boletim Cultural nº 1 Volume XXVIII, Edição da Câmara Municipal, Póvoa de Varzim, 1991
AMORIM, Manuel - Boletim Cultural nº 2 Volume XXVIII, Edição da Câmara Municipal, Póvoa de Varzim, 1991
AMORIM, Sandra Araújo de – Azulejaria de Fachada na Póvoa de Varzim (1850-1950), Póvoa de Varzim, Edição do Autor, 2001
AMORIM, Sandra Araújo de – Vencer o mar, ganhar a terra: construção e ordenamento dos espaços na Póvoa pesqueira e pré-balnear, Edição da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, Póvoa de Varzim, 2004
AZEVEDO, José de – Homens do Mar da Póvoa, Tipografia Camões, Póvoa de Varzim, 1973
AZEVEDO, José de - Póvoa de Varzim A Terra e o Mar, Tipografia Camões, Póvoa de Varzim, 1976
AZEVEDO, José de - Póvoa de Varzim Litoral e Banhos, Acção de formação para agentes culturais e turísticos, Póvoa de Varzim, 1997
BARBOSA, Jorge- Toponímia da Póvoa de Varzim II boletim cultural, Edição da Câmara Municipal, Póvoa de Varzim, 1973
BARBOSA, Jorge - Toponímia da Póvoa de Varzim I boletim cultural, Edição da Câmara Municipal, Póvoa de Varzim, 1970
BARBOSA, Jorge - Toponímia da Póvoa de Varzim - boletim cultural, VOL X, Edição da Câmara Municipal, Póvoa de Varzim, 1971
BARBOSA, Jorge - Toponímia da Póvoa de Varzim, Boletim Cultural vol XIII, Edição da Câmara Municipal, 1974
CENTRO DE ESTUDOS DA F.A.U.P - Plano de urbanização da cidade da Póvoa de Varzim, Evolução da forma urbana, Porto, 1992
CENTRO DE ESTUDOS DA F.A.U.P - Relatório Plano de urbanização da Póvoa de Varzim, Porto, 1992
CENTRO DE ESTUDOS DA F.A.U.P - Plano Director Municipal da Póvoa de Varzim, Porto, 1992
LIMA, Baptista - Monografia da Póvoa de Varzim, Tipografia Camões, Póvoa de Varzim, 1939
MAIO, IVO Lima - As actividades terciárias: O turismo e o comércio na Póvoa de Varzim, Universidade do Minho Instituto de Ciências Sociais Geografia e Planeamento, Guimarães, 2001
MATOS, Edite Alexandra Correia - A evolução da imagem de um lugar: a Póvoa de Varzim, Seminário em Geografia Cultural, Universidade do Minho, Guimarães, 2001
ORTIGÃO, Ramalho - As praias de Portugal- guia do banhista e do viajante, Livraria Universal, Porto, 1876
RESENDE, Miguel e GONÇALVES, Agostinho Rica - Memória Descritiva do Ante Plano de Urbanização da Vila, Póvoa de Varzim, 1947

Fontes documentais:

Câmara Municipal da Póvoa de Varzim
Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim
Museu Municipal da Póvoa de Varzim
Arquivo do C.E.F.A.U.P.

Índice de ilustrações:

Fotografias

(reprodução de fotografias, postais e desenhos)

- 1- Desenho do Passeio Alegre, finais do séc. XIX, montagem realizada a partir de duas imagens retiradas do site www.povoadevarzim.com.pt
- 2- Foto do Passeio Alegre, finais do séc. XIX - AMORIM, Manuel, (1978) - Boletim Cultural nº 1 Volume XVII
- 3- Foto tirada do paredão, para as traseiras da capela de S. José, pertencente a uma colecção de postais antigos
- 4- Gravura da praia do pescador, meados do séc. XIX, AMORIM, Manuel, (1975) - Boletim Cultural nº 2 Volume XIV
- 5- Foto da Casa de Banhos quentes- Oceânia, BARBOSA, Jorge, op. cit.
- 6- Foto da casa das máquinas do Balneário Oceânia, Id.,ibid
- 7- Postal ilustrado do Passeio Alegre, no início do século, reprodução cedida pela Sr. Morim, tabacaria o Vintém
- 8- Postal ilustrado do Passeio Alegre, no início do século, Id.,ibid
- 9- Postal ilustrado do Passeio Alegre, no início do século, Id.,ibid
- 10- Postal ilustrado do Passeio Alegre, no início do século, Id.,ibid
- 11- Foto da Avenida dos Banhos, reproduzida de uma colecção particular de postais antigos
- 12- Foto da Avenida dos Banhos, Id.,ibid
- 13- Foto do Estádio Gomes de Amorim, retirada do site www.povoadevarzim.com.pt
- 14- Foto do guarda-sol, 1922, retirada do site www.povoadevarzim.com.pt
- 15- Foto do Casino, retirada do site www.povoadevarzim.com.pt
- 16- Foto da Avenida dos Banhos, 1936, reprodução cedida pela Casa Rios
- 17- Foto da Avenida dos Banhos, 1940, extraída de uma compilação de fotografias antigas, pertencente à Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim
- 18- Foto do Passeio Alegre, reproduzida de uma colecção particular de postais antigos
- 19- Foto do Passeio Alegre, Id.,ibid
- 20- Foto do Passeio Alegre, retirada do site www.povoadevarzim.com.pt
- 21- Foto do Passeio Alegre, reproduzida de uma colecção particular de postais antigos
- 22- Foto do Passeio Alegre, retirada do site www.povoadevarzim.com.pt
- 23- Foto do Passeio Alegre, reproduzida de uma colecção particular de postais antigos
- 24- Foto do Passeio Alegre, Id.,ibid
- 25- Foto do Passeio Alegre, Id.,ibid
- 26- Foto do Passeio Alegre, Id.,ibid
- 27- Foto do Passeio Alegre, Id.,ibid
- 28- Foto da Avenida dos Banhos, tirada do extremo norte em 1968, BARBOSA, Jorge, op. cit.
- 29- Foto da Avenida dos Banhos, 1968, Id.,ibid
- 30- Foto da Avenida dos Banhos, retirada do site www.povoadevarzim.com.pt
- 31- Foto da Marginal, Id.,ibid
- 32- Foto do Passeio Alegre, Id.,ibid
- 33- Foto do Café Maresia no Passeio Alegre, Id.,ibid
- 34- Foto da Avenida dos Banhos, Id.,ibid
- 35- Foto da Marginal, reproduzida de um postal antigo
- 36- Foto da Avenida dos Banhos, retirada do site www.povoadevarzim.com.pt
- 37- Foto da Esplanada do Carvalhido, Id.,ibid
- 38- Foto da maquete da proposta, de 1992, para o Passeio Alegre, reproduzida do arquivo do C.E.F.AU.P
- 39- Foto zona da fortaleza, imagem registada em 2002, pela autora da tese
- 40- Foto da Zona Sul da Fortaleza, calendário de 2002, Tipografia Camões
- 41- Foto do limite da Póvoa com Aver-o-mar, imagem registada em 2002, pela autora da tese
- 42- Foto do Passeio Alegre imagem registada em 2002, pela autora da tese
- 43- Foto do Passeio Alegre, calendário de 2002, Tipografia Camões
- 44- Foto da Avenida dos Banhos, imagem registada em 2002, pela autora da tese
- 45- Foto zona da marina, imagem registada em 2002, pela autora da tese
- 46- Foto zona da marina, imagem registada em 2002, pela autora da tese
- 47- Foto zona em frente ao casino, imagem registada em 2002, pela autora da tese

- 48- Foto aérea da frente de mar, calendário de 2002, Tipografia Camões
- 49- Foto do Passadiço sobre o rio Esteiro, imagem registada em 2004, pela autora da tese
- 50- Foto do Passadiço sobre o rio Esteiro, imagem registada em 2004, pela autora da tese
- 51- Foto Aver-o-mar, imagem registada em 2004, pela autora da tese
- 52- Foto Aver-o-mar, imagem registada em 2004, pela autora da tese
- 53- Foto barracas para alugar, imagem registada em 2002, pela autora da tese
- 54- Foto barracas dos banheiros, imagem registada em 2002, pela autora da tese
- 55- Foto bares sobre a praia, imagem registada em 2002, pela autora da tese
- 56- Foto Praça 5 de Outubro, imagem registada em 2002, pela autora da tese
- 57- Foto Praça 5 de Outubro imagem registada em 2010, pela autora da tese
- 58- Foto Interior do Porto de Mar, imagem registada em 2010, pela autora da tese
- 59- Foto Interior do Porto de Mar, imagem registada em 2010, pela autora da tese
- 60- Foto Aver-o-mar, imagem registada em 2004, pela autora da tese
- 61- Foto Igreja da Misericórdia (Velha), BARBOSA, Jorge - Toponímia da Póvoa de Varzim - boletim cultural, VOL X, Edição da Câmara Municipal, Póvoa de Varzim, 1971
- 62- Foto Casa da Mesa e do Despacho, Id.,ibid.
- 63- Foto Largo das Dores, visto da Vila Velha, Id.,ibid.
- 64- Foto Largo das Dores, em frente à Igreja das Dores, Id.,ibid.
- 65- Foto Largo das Dores, Id.,ibid.
- 66- Foto Largo das Dores em frente ao Hospital, Id.,ibid.
- 67- Foto Largo das Dores em frente ao Hospital, Id.,ibid.
- 68- Foto Largo das Dores, em frente ao Hospital, Id.,ibid.
- 69- Foto Largo das Dores, em frente ao Hospital, Id.,ibid.
- 70- Foto Largo das Dores, Id.,ibid.
- 71- Foto aérea do Largo nos anos 90
- 72- Foto Largo das Dores, imagem registada em 2003, pela autora da tese
- 73- Foto da Avenida Mousinho de Albuquerque, reproduzida de um postal antigo
- 74- Foto da Avenida Mousinho de Albuquerque, entre 1902 e 1910, reproduzida de um postal antigo
- 75- Foto da Avenida Mousinho de Albuquerque, reproduzida de um postal antigo
- 76- Foto do Mercado Municipal Dr. David Alves, Id.,ibid.
- 77- Foto da Avenida Mousinho de Albuquerque, Id.,ibid.
- 78- Foto da Avenida Mousinho de Albuquerque - 1935-1940, Id.,ibid.
- 79- Foto da Avenida Mousinho de Albuquerque - 1960-1965, Id.,ibid.
- 80- Foto da Avenida Mousinho de Albuquerque, imagem registada em 2003, pela autora da tese
- 81- Foto da Avenida Mousinho de Albuquerque, imagem registada em 2003, pela autora da tese
- 82- Foto da Avenida Mousinho de Albuquerque, imagem registada em 2003, pela autora da tese
- 83- Foto da Avenida Mousinho de Albuquerque, imagem registada em 2003, pela autora da tese
- 84- Foto da Avenida Mousinho de Albuquerque, imagem registada em 2003, pela autora da tese
- 85- Foto da Avenida Mousinho de Albuquerque, imagem registada em 2003, pela autora da tese
- 86- Foto da Avenida Mousinho de Albuquerque, acessos pedonais ao Parque, imagem registada em 2008, pela autora da tese
- 87- Foto da Avenida Mousinho de Albuquerque, acessos pedonais ao Parque, imagem registada em 2008, pela autora da tese
- 88- Foto da Avenida Mousinho de Albuquerque, acessos pedonais ao Parque, imagem registada em 2008, pela autora da tese
- 89- Foto do interior do Parque Subterrâneo, imagem registada em 2008, pela autora da tese
- 90- Foto do Acesso Pedonal ao Parque de Estacionamento Subterrâneo, imagem registada em 2008, pela autora da tese
- 91- Foto do Acesso Pedonal ao Parque de Estacionamento Subterrâneo, imagem registada em 2008, pela autora da tese
- 92- Foto do Acesso Pedonal ao Parque de Estacionamento Subterrâneo, imagem registada em 2008, pela autora da tese
- 93- Foto do Acesso Pedonal ao Parque de Estacionamento Subterrâneo, imagem registada em 2008, pela autora da tese
- 94- Foto do Largo das Dores, imagem registada em 2008, pela autora da tese
- 95- Foto do Largo das Dores, imagem registada em 2008, pela autora da tese
- 96- Foto do Passeio Alegre, imagem registada em 2008, pela autora da tese
- 97- Foto de um Acesso Pedonal - Av. Mousinho, imagem registada em 2008, pela autora da tese
- 98- Foto Cafeteria, Largo das Dores, imagem registada em 2008, pela autora da tese

- 99- Foto Parqueamento bicicletas, imagem registada em 2008, pela autora da tese
- 100- Foto da Apresentação Pública, 04/03/04
- 101- Foto tirada no Salão Nobre da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim - 30 de Setembro de 2006 - C.M.P.V
- 102- Foto tirada no Salão Nobre da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim - 30 de Setembro de 2006 - C.M.P.V
- 103- Foto tirada no Salão Nobre da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim - 30 de Setembro de 2006 - C.M.P.V

Figuras:

(reprodução de elementos gráficos – plantas, cortes, alçados)

- 1- Planta do Largo de S. José, 1883 - reproduzida do Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim
- 2- Planta do projecto do mercado, 1883, Id.,ibid
- 3- Planta do projecto de prolongamento da Rua dos Banhos até ao Molhe Norte, 1896, Id.,ibid
- 4- Alçado e planta de um urinol, 1896, Id.,ibid
- 5- Alçado de um fontanário, 1896, Id.,ibid
- 6- Planta do projecto de prolongamento da Rua dos Banhos, 1881- BARBOSA, Jorge, op. cit.
- 7- Planta do projecto de Rua dos Banhos, 1891, Id.,ibid
- 8- Planta do projecto de prolongamento da Rua dos Banhos, 1893- Id.,ibid
- 9- Planta de prolongamento da Rua dos Banhos, 1893, Id.,ibid
- 10- Planta do projecto de prolongamento da Avenida para Aver-o-Mar, 1898, Id.,ibid
- 11- Planta do projecto de alargamento da Rua dos Banhos e muro de suporte da mesma, 1894, Id.,ibid
- 12- Planta do projecto de prolongamento da Rua de D. Luiz I, 1896, Id.,ibid
- 13- Planta parcelar do Passeio Alegre, 1915, Id.,ibid
- 14- Planta do projecto da nova directriz da rua em volta da «rotunda» no Alto de Martim Vaz, 1910, Id.,ibid
- 15- Planta do projecto de modificação da «rotunda do Carvalhido », 1911, Id.,ibid
- 16- Planta do projecto para alargamento da Rua dos Banhos (entre a rotunda do Carvalhido e o penedo de Côe), 1913- Id.,ibid
- 17- planta do projecto da Avenida à beira-mar, entre a Póvoa e Vila do Conde, 1933, Id.,ibid
- 18- Planta parcelar da Rua dos Banhos, 1915, Id.,ibid
- 19- Montagem das duas imagens da Avenida dos Banhos e da Avenida Mousinho de Albuquerque, publicadas na revista quinzenal ilustrada – A CONSTRUÇÃO MODERNA, Ano XVII – nº 5, Lisboa, 12 de Março de 1917, p.28 e 29
- 20- Reprodução de duas páginas (28 e 29) da revista A CONSTRUÇÃO MODERNA, de 12 de Março de 1917, sobre o artigo que apresentava o projecto para a Avenida dos Banhos – retirado do site Arquitectura(s) de papel - <http://arqpapel.fa.utl.pt>
- 21- Planta da Póvoa de Varzim, assinada por Gonçalo Artur Cruz, 1901, Museu Municipal da Póvoa de Varzim
- 22- Planta do Plano Geral de Melhoramentos para a Póvoa de Varzim, 1920 - LÔBO, Margarida Souza, op. cit., p.
- 23- Planta do projecto de pavimentação de passeios e faixa de rodagem da Av. dos banhos, entre a Rua Serpa Pinto e o Estádio Gomes de Amorim, 1941, Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim
- 24- Planta, alçado e corte do gradeamento tipo e candeeiros, previstos para a Av. dos Banhos, 1941, Id.,ibid
- 25- Planta do estado actual da vila, 1947, Id.,ibid
- 26- Planta do ante-plano de urbanização, 1947, reprodução de uma cópia existente no Fundo Local, da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim
- 27- Planta do projecto de construção da Av. marginal, desde o Castelo até igreja da Lapa, 1947, reproduzida do Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim
- 28- Planta da proposta de reformulação da Av. dos Banhos, 1982, reprodução cedida pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim
- 29- Planta parcial do projecto de arranjo da marginal elaborado pelo C. E. F.A.U.P., reproduzido do arquivo do C.E.F.A.U.P..
- 30- Perfil transversal tipo proposto em 1992 para a Avenida dos Banhos, C.E.F.A.U.P, Id.,ibid
- 31- Simulação imagem 3d _ Projecto para Aver-o-mar sul, estudo Div. Est. Proj. _ D.O.M. C.M.P. V.

- 32- Planta do projecto para abertura de uma comunicação da Praça Nova do Almada para a Rua Formosa, conclusão da abertura d esta última rua, e melhoramento do Largo do Hospital, na Villa da Póvoa de Varzim - reproduzida do Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim
- 33- Planta com o Projecto de Ligação entre o Largo das Dores e o Largo de Belém, Id.,ibid
- 34- Planta com o Projecto de uma Avenida que ligue o Passeio Alegre ao Largo das Dores, Id.,ibid
- 35- Planta do projecto de uma rua que ligue o Largo das Dores e a Avenida Mousinho de Albuquerque com a Vila Velha, Id.,ibid
- 36- Planta da Póvoa de Varzim, Museu Municipal da Póvoa de Varzim
- 37- Excerto da planta da Póvoa de Varzim, zona do Largo das Dores 1901, Museu Municipal da Póvoa de Varzim
- 38- Excerto da planta da Póvoa de Varzim, zona do Largo das Dores 1901, Museu Municipal da Póvoa de Varzim
- 39- Projecto de Prolongamento da Avenida até à estrada Real nº 30- reproduzida do Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim
- 40- Projecto d' alargamento da rua das Dores e da mudança do chafariz da Praça Marquês do Pombal para o local designado nesta planta, Id.,ibid
- 41- Alçado Principal do Hospital e da Cadeia da Comarcã. Id.,ibid
- 42- Planta do Largo das Dores com um projecto de continuação da Avenida Mousinho de Albuquerque, alargamento da Rua das Dores e deslocação do troço da Estrada Real nº 30 para mais à direita do Hospital, Id.,ibid
- 43- Planta indicando a tinta amarela o muro de vedação que a mesa da Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim, pretende mudar conforme indicam os traços a carmim, Id.,ibid
- 44- Planta do estado actual da vila - 1947, Id.,ibid
- 45- Planta do Ante plano de Urbanização de 1947 - proposto - Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim
- 46- Excerto da planta do Ante plano de Urbanização de 1947 - proposta Largo das Dores - Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim
- 47- Excerto da planta do Ante plano de Urbanização de 1947 - estado actual dos pavimentos dos arruamentos -Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim
- 48- Excerto da planta do Ante plano de Urbanização de 1947 - estado actual dos edifícios e número de pisos - Id.,ibid
- 49- Planta com o projecto para Pavimentação a Paralelepípedos da faixa de rodagem e construção de passeios do Largo das Dores entre a Avenida Mousinho de Albuquerque, Rua das Dores e E.N. 205 - Id.,ibid
- 50- Planta do Projecto de uma Avenida que ligue o Passeio Alegre ao Largo das Dores- Id.,ibid
- 51- Planta do Projecto de um Mercado entra a Rua Direita e a Avenida Mousinho de Albuquerque - Id.,ibid
- 52- Planta da Avenida Mousinho de Albuquerque - Id.,ibid
- 53- Capa da Revista A CONSTRUÇÃO MODERNA, de Março de 1917, <http://arqpapel.fa.utl.pt>
- 54- Imagem da alteração volumétrica proposta para as duas Avenidas, em estudo, Publicada na revista quinzenal ilustrada - A CONSTRUÇÃO MODERNA de Março de 1917- Id.,ibid
- 55- Projecto de Prolongamento da Avenida Mousinho de Albuquerque e de desvio da estrada Real nº 30 - Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim
- 56- Planta do projecto da modificação do pavimento, iluminação, arborização da rua Mousinho de Albuquerque - Id.,ibid
- 57- Perfis Transversais Existentes e Propostos para a rua Mousinho de Albuquerque - Id.,ibid
- 58- Planta da Situação Existente em 2003 - Div. Est. Proj. - D. O. M. - C.M.P.V.
- 59- Montagem da Proposta de Intervenção sob a fotografia aérea - Superfície - 2004 - Id.,ibid
- 60- Planta da Proposta de Intervenção - Piso Subterrâneo - 2004 - Id.,ibid
- 61- Planta com a pormenorização dos pavimentos, passeadeiras, cruzamentos, entradas de garagem, zona de cargas e descargas, paragens de autocarros, acessos pedonais ao parque e local de depósito de resíduos sólidos na Avenida - Id.,ibid
- 62- Página do Jornal de Notícias de 05/03/04
- 63- Página do Póvoa Semanário de 10/03/04
- 64- Cortes Transversais tipo representados no Projecto de modificação do pavimento, iluminação, arborização na Avenida Mousinho de Albuquerque - Div. Est. Proj. - D. O.M. - C.M.P.V.
- 65- Perfil transversal tipo da Avenida _ projecto 2004- Div. Est. Proj. - D. O. M. - C.M.P.V.

Esquemas:

(plantas realizados especificamente para este trabalho, para uma melhor compreensão dos temas expostos)

- 1- Planta de localização da área em estudo
- 2- Planta com a definição da área de estudo analisada na prova final, 2002, e com a área analisada na dissertação de mestrado, 2010
- 3- Sobreposição da planta parcial, do plano de melhoramentos, de 1920, na planta actual da cidade da Póvoa de Varzim
- 4- Sobreposição da planta, do ante plano de urbanização, de 1947, na planta actual da Póvoa de Varzim
- 5- Planta com a definição das diversas fases de valorização da frente de mar 1993 – 2010
- 6- Planta do Largo das Dores segundo a planta de 1901, com a marcação dos diversos Equipamentos e Ruas que foram aparecendo